

GRÃOS: TENDÊNCIAS DOS MERCADOS PARA 2017



Carlos Cogo

15 de Fevereiro de 2017



ÍNDICE DO RELATÓRIO DE FEVEREIRO/2017

<u>PG</u>	<u>TEMA</u>
03 -	Indicadores econômicos para o Brasil em 2017
08 -	Cenários agrícolas globais para 2017
18 -	Clima: tendências para 2017
24 -	7ª estimativa para a safra de grãos 2016/2017
33 -	Soja: tendências de mercado para 2017
75 –	Milho: tendências de mercado para 2017
121 -	Trigo: tendências de mercado para 2017
152 -	Arroz: tendências de mercado para 2017
188 -	Feijão: tendências de mercado para 2017
211 -	Algodão: tendências de mercado para 2017



INDICADORES ECONÔMICOS BRASIL 2017





WWW.CARLOSCOGO.COM.BR



- Conforme o Relatório Focus do Banco Central, divulgado na segundafeira (13/02), pelo Banco Central, os economistas projetam uma retração do Produto Interno Bruto (PIB) de 3,50% em 2016.
- O Banco Central passou a publicar em janeiro, no Focus, as projeções para 2017 e 2018, uma vez que a maior parte dos indicadores econômicos do ano passado já foi divulgada.
- Este não é o caso do PIB consolidado de 2016, que será anunciado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no dia 7 de março.
- Em meio à avaliação do Banco Central de que a atividade segue aquém do esperado, o Relatório de Mercado Focus indicou leve mudança, para pior, nas projeções de atividade para 2017.
- A mediana para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano passou de alta de 0,49% para avanço de 0,48%.
- Há um mês, a perspectiva era de crescimento de 0,50%.
- Para 2018, o mercado elevou a previsão de alta de 2,25% para 2,30%.
- Há um mês atrás, a expectativa estava em 2,20%.



- Sob influência dos dados de inflação de janeiro, divulgados na semana passada, os economistas do mercado financeiro reduziram suas projeções para o IPCA neste ano.
- O Relatório Focus mostra que a mediana para o IPCA o índice oficial de inflação em 2017 foi de 4,64% para 4,47%.
- Já a projeção para o IPCA de 2018 permanece em 4,50%, mesmo patamar de um mês atrás.
- Na prática, as projeções de mercado divulgadas no Focus indicam que a expectativa é de que a inflação se aproxime do centro da meta, de 4,5%, em 2017 e 2018.
- A margem de tolerância para estes anos é de 1,5 ponto porcentual (inflação até 6,0%).
- Os economistas do mercado financeiro mantiveram suas projeções para a taxa Selic no fim de 2017.
- No Relatório Focus, a mediana das previsões para a Selic este ano seguiu em 9,50% ao ano e, há um mês, estava em 9,75% ao ano.



- O relatório indicou ainda que a mediana das projeções dos economistas para a Selic no fim de 2018 permanece em 9,00% ao ano.
- Há um mês, a projeção para a Selic no fim de 2018 estava em 9,50%.
- O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central surpreendeu o mercado no início de janeiro e cortou a Selic em 0,75 ponto porcentual, de 13,75% para 13,00% ao ano.
- Conforme o Relatório Focus, a cotação do dólar estará em R\$ 3,36 no encerramento de 2017, abaixo dos R\$ 3,40 de uma semana atrás.
- Há um mês, a expectativa estava nos R\$ 3,40.
- O câmbio médio de 2017 foi de R\$ 3,28 para R\$ 3,26, ante R\$ 3,36 de um mês antes.
- No caso de 2018, a projeção para o câmbio no fim do ano caiu de R\$ 3,50 para R\$ 3,49.
- Há um mês atrás estava em R\$ 3,50.
- Já a projeção para o câmbio médio no próximo ano segue em R\$ 3,44, contra R\$ 3,45 de um mês atrás.



- Conforme a pesquisa semanal do AE dados da Agência Estado, realizada junto às instituições dealers do Banco Central e divulgada na sexta-feira (10/02), a taxa de câmbio prevista para o fim do primeiro trimestre é menor que a aguardada para o trimestre seguinte e também inferior à esperada para o encerramento de 2017.
- Conforme as respectivas medianas do levantamento, para o término do primeiro trimestre, a mediana atingiu 3,2250 R\$/US\$.
- A mediana para o fim do período de abril a junho ficou em 3,2900 R\$/US\$, com projeção de 3,5000 R\$/US\$ para o final deste ano.
- O intervalo das expectativas para a taxa de câmbio no fim de 2018 ficou entre 3,4000 R\$/US\$ e 3,5700 R\$/US\$ e, a partir dessas estimativas, a mediana para fim de 2018 atingiu 3,5000 R\$/US\$.
- A mediana das previsões dos bancos internacionais, de 3,5700 R\$/US\$, ficou maior que a da estimada pelos nacionais, de 3,4500 R\$/US\$.
- Participaram da pesquisa as seguintes instituições: Banco Santander, Bradesco, Itaú Unibanco e JP Morgan.



CENÁRIOS AGRÍCOLAS GLOBAIS PARA 2017





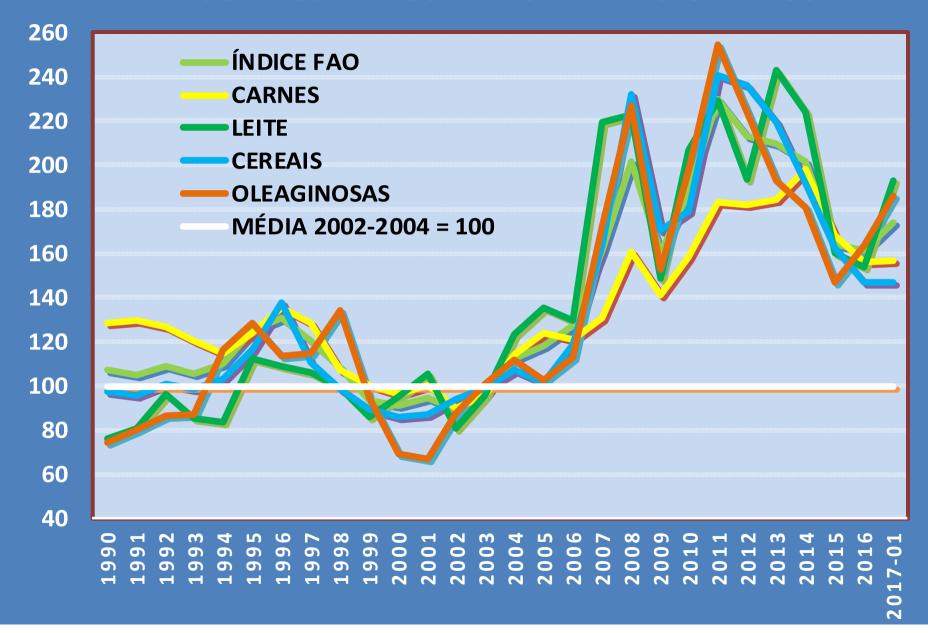


ANNUAL FOOD PRICE INDICES (2002-2004=100)

Date	Food Price Index	Meat Price Index	Dairy Price Index	Cereals Price Index	Oils Price Index	Sugar Price Index				
1990	107,2	128,5	75,8	97,3	74,2	178,1				
1991	105,0	129,5	80,8	95,8	79,9	127,2				
1992	109,2	126,7	96,5	101,1	86,2	128,5				
1993	105,5	120,5	85,6	98,4 87,1		142,2				
1994	110,3	114,5	83,3	103,0	116,2	171,8				
1995	125,3	124,0	112,6	116,6	128,7	188,5				
1996	131,1	135,5	108,7	137,9	113,7	169,7				
1997	120,3	128,7	106,2	110,7	114,6	161,4				
1998	108,6	107,4	99,4	98,3	134,2	126,6				
1999	93,2	100,2	85,8	89,3	94,7	89,0				
2000	91,1	96,5	95,3	85,8	69,5	116,1				
2001	94,6	100,1	105,5	86,8	67,2	122,6				
2002	89,6	89,9	80,9	93,7	87,4	97,8				
2003	97,7	95,9	95,6	99,2	100,6	100,6				
2004	112,7	114,2	123,5	107,1 111		101,7				
2005	118,0	123,7	135,2	101,3 102,7		140,3				
2006	127,2	120,9	129,7	118,9	112,7	209,6				
2007	161,4	130,8	219,1	163,4	172,0	143,0				
2008	201,4	160,7	223,1	232,1	227,1	181,6				
2009	160,3	141,3	148,6	170,2	152,8	257,3				
2010	188,0	158,3	206,6	179,2	197,4	302,0				
2011	229,9	183,3	229,5	240,9	254,5	368,9				
2012	213,3	182,0	193,6	236,1	223,9	305,7				
2013	209,8	184,1	242,7	219,3	193,0	251,0				
2014	201,8	198,3	224,1	191,9	181,1	241,2				
2015	164,0	168,1	160,3	162,4	147,0	190,7				
2016	161,5	156,2	153,8	146,9	163,8	256,0				
2017-01	173,8	156,7	193,0	147,0	186,3	288,5				
2017/2016	8%	0%	25%	0%	14%	13%				
2017 / 2002-2004=100	74%	57%	93%	47%	86%	189%				

SOURCE: FAO JAN-17

FAO - ÍNDICE DE PREÇOS ALIMENTOS 2002-2004 = 100 - NÃO DEFLACIONADOS

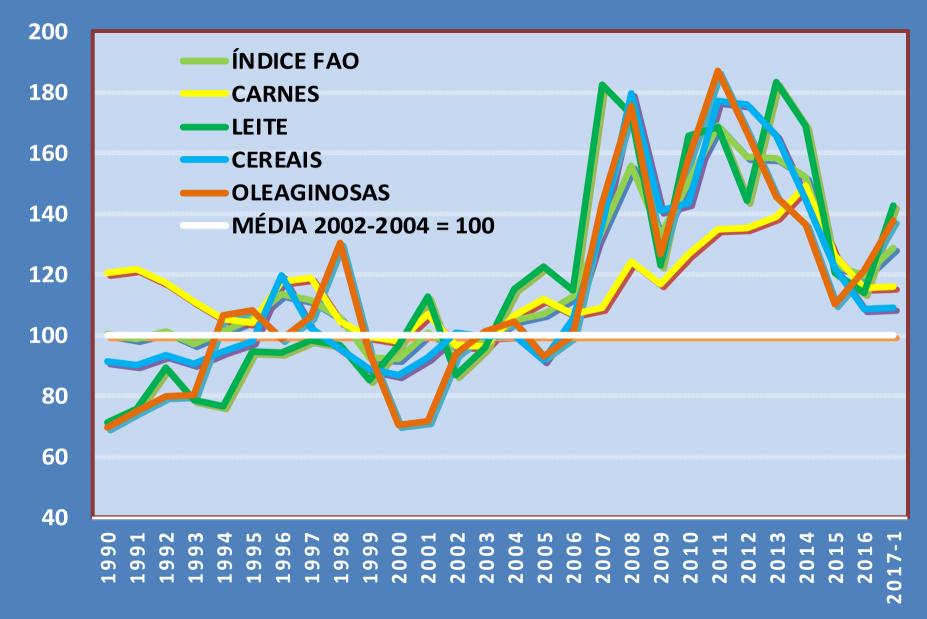


ANNUAL REAL FOOD PRICE INDICES (2002-2004=100) - DEFLATED

Date	Food Price Index	Meat Price Index	Dairy Price Index	Cereals Price Index C	Sugar Price Index	
1990	100,4	120,4	71,1	91,2	69,6	167,0
1991	98,7	121,8	75,9	90,0	75,1	119,6
1992	101,1	117,3	89,4	93,6	79,8	119,0
1993	97,1	110,9	78,8	90,6	80,2	131,0
1994	101,3	105,1	76,5	94,6	106,8	157,8
1995	105,3	104,2	94,6	98,0	108,1	158,4
1996	113,7	117,5	94,3	119,6	98,6	147,1
1997	111,3	119,0	98,3	102,4	106,0	149,3
1998	105,6	104,5	96,7	95,7	130,5	123,2
1999	92,6	99,6	85,3	88,8	94,2	88,5
2000	92,4	97,8	96,6	86,9	70,4	117,6
2001	101,0	106,8	112,6	92,7	71,7	130,9
2002	96,2	96,6	86,9	100,6	93,9	105,0
2003	98,1	96,3	96,0	99,6	101,0	101,0
2004	105,0	106,4	115,1	99,8	104,4	94,8
2005	106,8	112,0	122,5	91,7	92,9	127,1
2006	112,7	107,1	114,9	105,4	99,9	185,7
2007	134,6	109,1	182,7	136,3 143,4		119,3
2008	155,7	124,2	172,5	179,5 175		140,4
2009	132,8	117,0	123,1	141,0	126,6	213,1
2010	150,7	126,9	165,6	143,7	158,3	242,1
2011	169,1	134,8	168,7	177,2	187,1	271,3
2012	158,8	135,5	144,2	175,8 166,7		227,6
2013	158,5	139,0	183,4	165,6	165,6 145,8	
2014	152,0	149,4	168,8	144,6	136,4	181,7
2015	123,2	126,3	120,4	122,0	110,4	143,3
2016	119,5	115,6	113,9	108,7	121,3	189,5
2017-1	128,7	116,0	142,9	108,8	137,9	213,6
2017/2016	8%	0%	25%	0%	14%	13%
2017 / 2002-2004=100	29%	16%	43%	9%	38%	114%

SOURCE: FAO JAN-17

FAO - ÍNDICE DE PREÇOS REAIS ALIMENTOS 2002-2004 = 100 - DEFLACIONADOS





CENÁRIO AGRÍCOLA GLOBAL PARA 2017

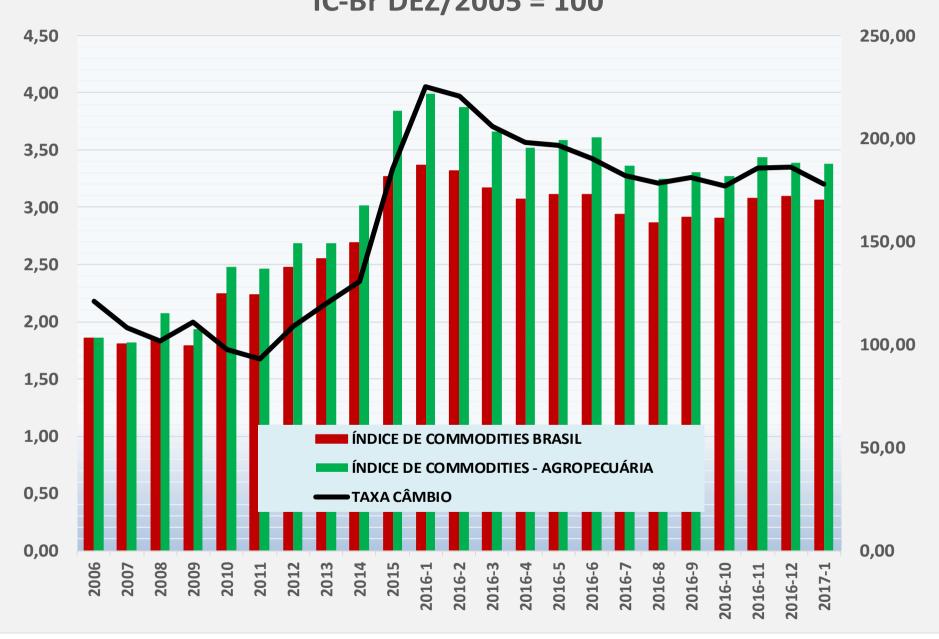
- O Índice de Preços dos Alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) encerrou janeiro em 173,8 pontos, seu maior nível em dois anos.
- O número representa aumento de 2,1 pontos ante o valor revisado de dezembro e de 16,4 pontos em relação a janeiro de 2016.
- Os preços de açúcar subiram 9,9 pontos em janeiro em relação a dezembro, refletindo o aperto da oferta no Brasil, Índia e Tailândia.
- Já os preços de cereais avançaram 3,4 pontos na mesma comparação e atingiram o maior nível em seis meses, com aumentos nos valores de trigo, milho e arroz.
- Os mercados de trigo reagiram a condições climáticas desfavoráveis e a uma área plantada menor nos Estados Unidos, enquanto os preços mais altos de milho refletiram principalmente a forte demanda e a perspectiva incerta para a safra da América do Sul.
- A alta do arroz foi motivada em parte pelo programa estatal de compras da Índia, que reduz o volume disponível para exportação.



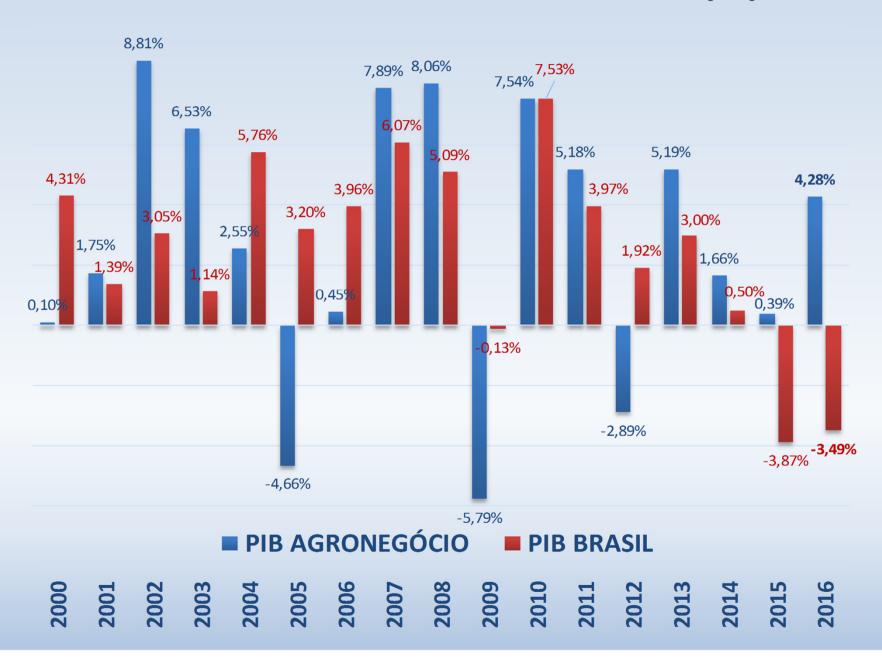
CENÁRIO AGRÍCOLA GLOBAL PARA 2017

- Embora o Índice de Preços dos Alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) tenha recuado pelo quinto ano seguido em 2016, avançou pelo sexto mês consecutivo em janeiro.
- O índice de preços de óleos vegetais subiu 1,8 ponto no mês passado, por causa principalmente dos reduzidos estoques globais de óleo de palma e da lenta recuperação da produção no Sudeste Asiático.
- Os preços de óleo de soja, por outro lado, caíram com a expectativa de ampla oferta mundial.
- Os preços de lácteos se mantiveram estáveis em janeiro, após terem subido 50 pontos entre maio e dezembro do ano passado.
- O índice de preços de carnes também ficou praticamente inalterado.
- Os estoques globais de cereais devem ser recordes ao fim de 2016/2017, somando 681 milhões de toneladas, um aumento de 3% ante a temporada anterior.
- A FAO elevou sua estimativa para a produção de cereais no ano passado, para 2,592 bilhões de toneladas.

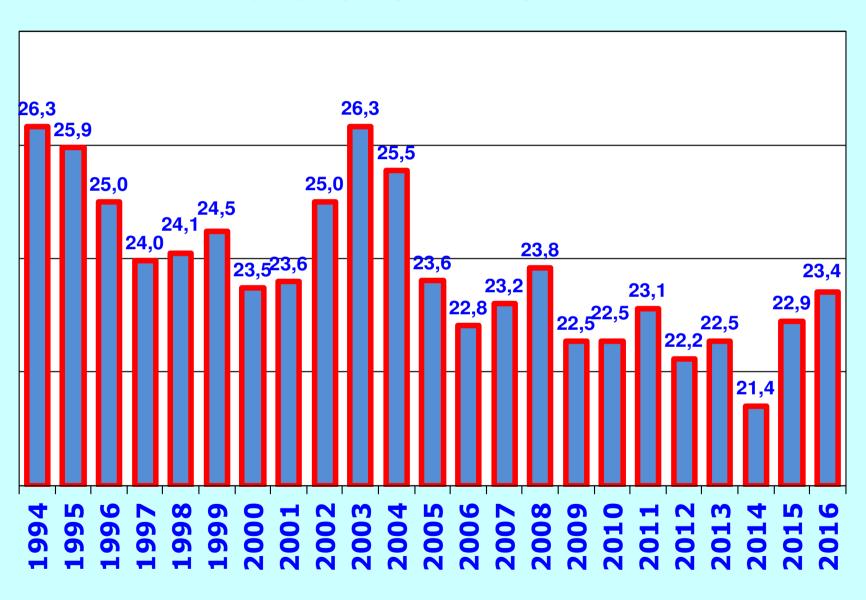
COMMODITIES x TAXA DE CÂMBIO - BRASIL IC-Br DEZ/2005 = 100



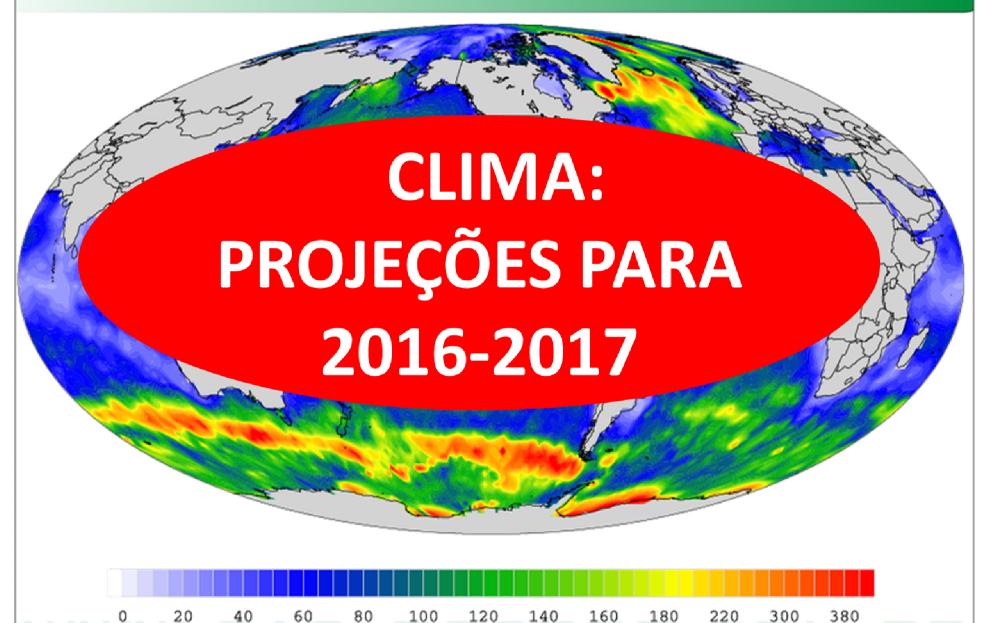
PIB AGRONEGÓCIO x PIB BRASIL (%)



Participação % do PIB do Agronegócio Brasileiro no PIB do Brasil









- No mês de janeiro de 2017, na Região Centro-Oeste, predominaram áreas com precipitação acumulada abaixo da faixa normal, mas algumas localidades apresentaram totais bem acima da média do período.
- Em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no sul de Goiás, os totais acumulados nas estações meteorológicas do Inmet variaram entre 150 mm e 400 mm, distribuídos entre 15 e 20 dias de chuva em janeiro.
- Destacam-se, por exemplo, as localidades de Paranaíba (MS), onde o volume ultrapassou os 400 mm, e Diamantino (MT), com volume acima de 350 mm em janeiro.
- No Distrito Federal e centro-norte de Goiás, os volumes acumulados entre 100 mm e 200 mm, ficaram abaixo da faixa normal nessas áreas.
- Na Região Sudeste, os volumes variaram entre 150 mm e 400 mm em São Paulo, no Rio de Janeiro e centro-sul de Minas Gerais, resultando em acumulados próximos ou acima da média.
- No entanto, no Espirito Santo e norte de Minas Gerais, os volumes na faixa entre 40 mm e 120 mm resultaram em acumulados bem abaixo da média na maioria das localidades.



- Na Região do Matopiba, houve significativa diferença na distribuição espacial das chuvas, resultando em áreas com anomalias positivas e negativas em um mesmo estado.
- Em Tocantins, foram registrados 90 mm em Taguatinga e mais de 400 mm, em Palmas.
- No sul do Maranhão, as chuvas ficaram predominantemente na faixa normal do período, com totais entre 200 mm e 300 mm.
- No sul do Piauí, os volumes ficaram na faixa entre 90 mm e 200 mm.
- A mesorregião do oeste da Bahia apresentou as maiores anomalias negativas de chuva durante esse mês, com totais pluviométricos de apenas 27 mm em Barreiras, 63 mm em Luiz Eduardo Magalhães e 43 mm em Correntina.
- Na Região Sul do Brasil, a passagem de algumas frentes frias favoreceu ocorrência de chuvas intensas, com acumulados de precipitação predominantemente na faixa entre 150 mm e 300 mm, porém, algumas localidades tiveram volumes significativamente acima dessa faixa, como em Paranaguá (PR), onde o total foi superior a 500 mm em janeiro.



- O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda quinzena de janeiro mostra que a área com águas mais frias no Pacífico Equatorial ficou reduzida, condição em que demonstra que há uma rápida evolução para uma condição de neutralidade no Oceano Pacífico Tropical.
- Quanto ao Oceano Atlântico Tropical, a sua condição térmica na superfície é extremamente importante para o posicionamento do principal sistema de grande escala que causa chuvas no centro-norte do Nordeste durante o primeiro semestre, chamado de Zona de Convergência Intertropical (ZCIT).
- Quanto mais o Atlântico Tropical Norte se resfria ao mesmo tempo em que o Atlântico Tropical Sul se aquece, mais a ZCIT se aproxima da Região Nordeste, gerando mais instabilidade na atmosfera e, consequentemente, mais chuva.
- As observações nos últimos quinze dias, em média, mostram que os dois lados do Atlântico Tropical apresentam anomalias positivas, porém, com uma área maior no lado norte.



- Algumas previsões indicam que há uma leve tendência de intensificação de um Dipolo negativo, o que, de maneira geral, pode favorecer as chuvas em parte da Região Nordeste em fevereiro e março, caso se confirme a previsão.
- Os modelos de previsão de TSM do IRI (Research Institute for Climate and Society) indicam que o fenômeno La Niña tem baixíssima probabilidade de persistir além de fevereiro de 2017.
- O atual prognóstico e as últimas observações sugerem que o La Niña está em processo de enfraquecimento, devendo o Pacífico Tropical entrar em uma fase de neutralidade nos primeiros meses de 2017.
- Para o trimestre fevereiro a abril de 2017, os modelos de previsão climática indicam que pode haver significativa variabilidade espacial no acumulado de chuva nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste.
- Há probabilidade de precipitação na faixa normal ou acima na maioria das localidades de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e no Distrito Federal.



- Nesta primeira quinzena de fevereiro, os maiores volumes se concentraram em Minas Gerais, Espirito Santo, centro-norte do Mato Grosso e em Goiás.
- Na Região Sul, o prognóstico indica maior probabilidade de chuvas na faixa normal ou acima na maior parte da região.
- Contudo, no início do trimestre não devem ocorrer grandes volumes.
- Na Região Nordeste, o volume de chuvas deve ficar dentro da faixa normal ou acima no período fevereiro-março-abril na faixa norte da região, e com probabilidade de chuvas abaixo ou dentro da faixa normal na maioria das localidades da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco.
- Contudo, há significativa probabilidade de chuvas mais intensas em grande parte do Nordeste durante o mês de fevereiro, incluindo áreas do semiárido, principalmente durante a primeira quinzena.
- Essas chuvas em fevereiro também devem atingir os Estados que compõem a Região do Matopiba.
- Vai se confirmando o clima mais favorável no Matopiba em 20116/2017.



7º ESTIMATIVA PARA A SAFRA DE GRÃOS 2016/2017 NO



CARLOS COGO

CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS

BRASIL: ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE POR CULTURA AGRÍCOLA

ANO-SAFRA			07/08	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13	13/14	14/15	15/16	16/17	VAR 16-
ANO DA COLHEITA		2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017*	17/15-16 (%)	
	ÁREA	mil ha	47.411	47.674	47.416	49.873	50.520	53.476	56.959	57.833	58.309	59.984	2,9%
TOTAL GRÃOS	PRODUÇÃO	mil t	144.137	135.135	149.255	162.803	164.778	188.642	193.578	207.723	186.623	224.678	20,4%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3,040	2,835	3,148	3,264	3,262	3,528	3,399	3,592	3,201	3,746	17,0%
	ÁREA	mil ha	1.077	843	836	1.400	1.393	894	1.122	976	955	912	-4,5%
ALGODÃO CAROÇO	PRODUÇÃO	mil t	2.505	1.891	1.843	3.229	3.019	2.019	2.671	2.349	1.937	2.135	10,2%
CAROÇO	RENDIMENTO	Kg/ha	2.325	2.242	2.205	2.306	2.166	2.257	2.381	2.406	2.028	2.342	15,4%
	ÁREA	mil ha	2.875	2.909	2.765	2.820	2.427	2.400	2.373	2.295	2.008	1.941	-3,3%
ARROZ	PRODUÇÃO	mil t	12.074	12.603	11.661	13.613	11.599	11.820	12.122	12.445	10.603	11.840	11,7%
	RENDIMENTO	Kg/ha	4.200	4.332	4.218	4.827	4.779	4.926	5.108	5.422	5.280	6.100	15,5%
FEIJÃO	ÁREA	mil ha	3.993	4.148	3.662	3.990	3.261	3.075	3.366	3.024	2.838	2.993	5,5%
TOTAL 3	PRODUÇÃO	mil t	3.521	3.491	3.323	3.733	2.915	2.806	3.454	3.210	2.513	3.277	30,4%
SAFRAS	RENDIMENTO	Kg/ha	882	842	907	936	894	912	1.026	1.062	886	1.095	23,6%
MTI 110 43	ÁREA	mil ha	9.636	9.271	7.724	7.638	7.560	6.783	6.618	6.142	5.388	5.481	1,7%
MILHO 1 ^a SAFRA	PRODUÇÃO	mil t	39.964	33.655	34.079	34.947	33.869	34.577	31.653	30.082	25.854	28.817	11,5%
SAI KA	RENDIMENTO	Kg/ha	4.148	3.630	4.412	4.576	4.480	5.097	4.783	4.898	4.799	5.257	9,6%
MTILLO 23	ÁREA	mil ha	5.130	4.901	5.270	6.168	7.620	9.046	9.211	9.551	10.535	11.470	8,9%
MILHO 2 ^a SAFRA	PRODUÇÃO	mil t	18.688	17.349	21.939	22.460	39.113	46.929	48.399	54.591	40.677	61.930	52,2%
- DAI ICA	RENDIMENTO	Kg/ha	3.643	3.540	4.163	3.641	5.133	5.188	5.254	5.716	3.861	5.399	39,8%
MTLUG	ÁREA	mil ha	14.766	14.172	12.994	13.806	15.180	15.829	15.829	15.693	15.923	16.951	6,5%
MILHO TOTAL	PRODUÇÃO	mil t	58.652	51.004	56.018	57.407	72.982	81.506	80.052	84.673	66.531	90.747	36,4%
101712	RENDIMENTO	Kg/ha	3.972	3.599	4.311	4.158	4.808	5.149	5.057	5.396	4.178	5.354	28,1%
	ÁREA	mil ha	21.313	21.743	23.468	24.181	25.042	27.736	30.173	32.093	33.252	33.959	2,1%
SOJA	PRODUÇÃO	mil t	60.018	57.166	68.688	75.324	66.383	81.499	86.121	96.228	95.435	106.918	12,0%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.816	2.629	2.927	3.115	2.651	2.938	2.854	2.998	2.870	3.148	9,7%
	ÁREA	mil ha	1.852	2.396	2.428	2.150	2.166	2.210	2.758	2.449	2.124	2.006	-5,5%
TRIGO	PRODUÇÃO	mil t	4.097	5.884	5.026	5.882	5.789	5.528	5.971	5.535	6.756	6.376	-5,6%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.212	2.456	2.070	2.736	2.672	2.502	2.165	2.260	3.181	3.178	-0,1%
OUTROS	ÁREA	mil ha	1.535	1.463	1.264	1.525	1.050	1.331	1.339	1.303	1.211	1.222	0,9%
OUTROS GRÃOS	PRODUÇÃO	mil t	3.271	3.097	2.696	3.616	2.092	3.465	3.188	3.284	2.850	3.387	18,8%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.130	2.117	2.134	2.371	1.992	2.603	2.382	2.521	2.354	2.771	17,7%

Fontes: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

^{*2016/2017:} PROJEÇÕES CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA



BRASIL: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

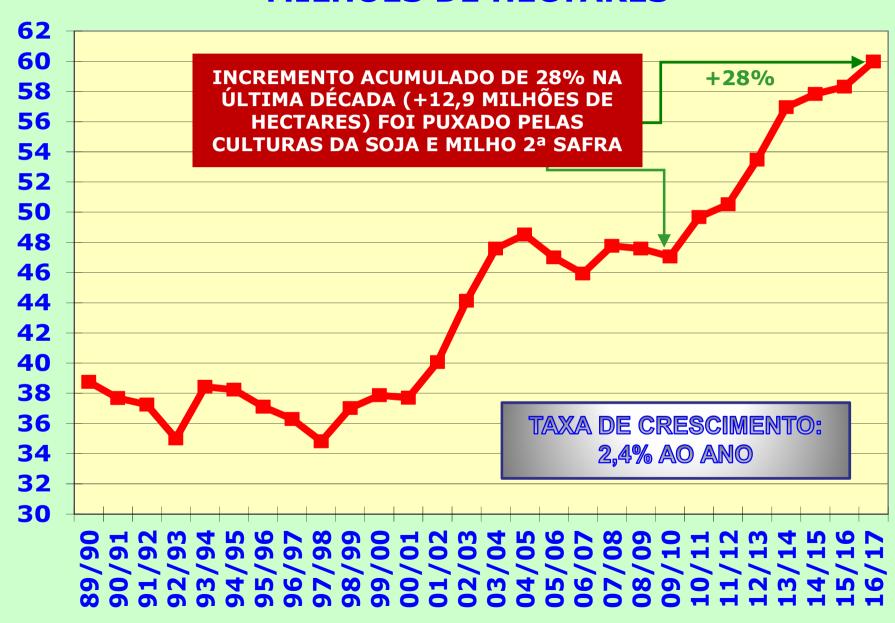
- No 7º levantamento da nossa Consultoria para a safra de grãos 2016/2017, a projeção é de uma produção de 224,6 milhões de toneladas, 20,4% acima das 186,6 milhões de toneladas colhidas em 2015/2016 – cuja safra foi afetada negativamente pelo "El Niño".
- A área de cultivo de grãos em 2016/2017 está prevista em 59,98 milhões de hectares, 2,9% acima da superfície cultivada em 2015/2016.
- Os maiores incrementos de área, em termos percentuais, são previstos para: milho 2ª safra (+8,9%); feijão total (+5,5%); e soja (+2,1%).
- Em termos absolutos (superfície cultivada), os maiores incrementos de área estão previstos para: milho (+1,028 milhão de hectares, sendo 94 mil hectares na 1ª safra e 935 mil hectares na 2ª safra); soja (+707 milhectares); e feijão total das 3 safras (+156 milhectares).
- No caso do arroz, a área deve recuar 3,3% (-67 mil hectares), com a queda na maior parte dos estados que cultivam em terras altas suplantando a leve recuperação de áreas irrigadas no Sul do Brasil.
- Para o algodão, a projeção é de recuo de 4,5% na área cultivada (-43 mil hectares).



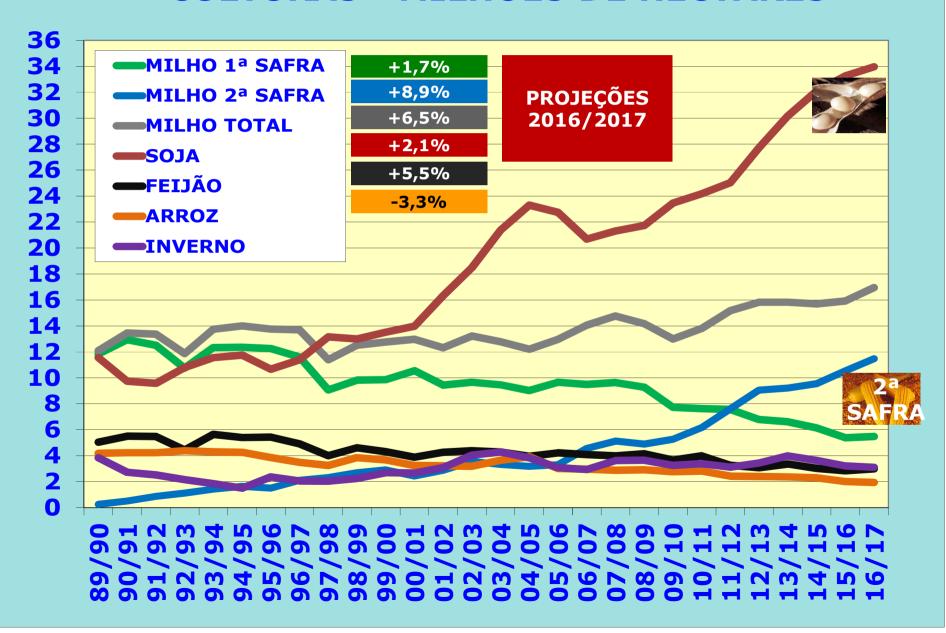
BRASIL: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

- A estimativa atual da nossa Consultoria que é de uma produção total de 224,6 milhões de toneladas – supera em 5,5 milhões de toneladas a estimativa do 5º levantamento da safra 2016/2017, divulgado na quinta-feira (09/02), pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que é de 219,1 milhões de toneladas.
- As diferenças mais expressivas entre as duas estimativas estão na 2ª safra de milho e na safra de soja.
- A 2ª safra de milho 2016/2017 é estimada pela nossa Consultoria em 61,9 milhões de toneladas, enquanto a Conab projeta 58,6 milhões de toneladas.
- A safra de soja 2016/2017 é estimada pela nossa Consultoria em 106,9 milhões de toneladas, enquanto a Conab projeta 105,5 milhões de toneladas.
- Em ambos os casos, a diferença mais expressiva está nas estimativas para o estado de Mato Grosso, com nossas estimativas superando às da Conab tanto para a área, como para a produção de soja e milho na 2ª safra de 2016/2017 (inverno).

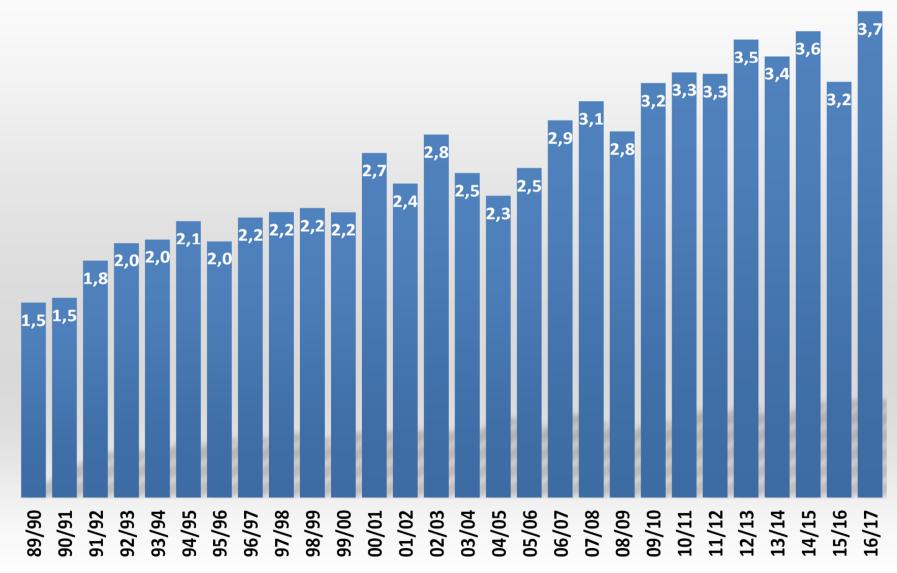
BRASIL: ÁREA DE CULTIVO DE GRÃOS MILHÕES DE HECTARES



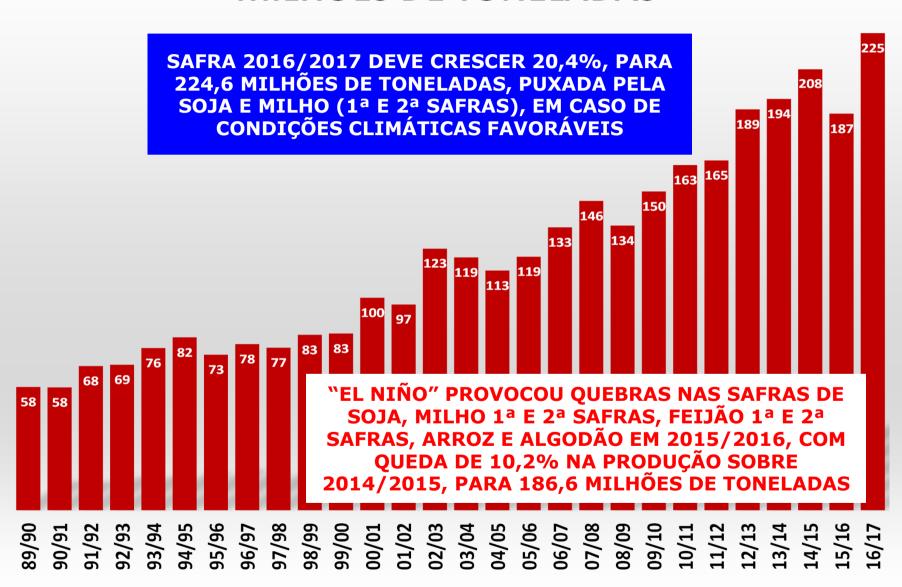
GRÃOS: EVOLUÇÃO DA ÁREA POR CULTURAS - MILHÕES DE HECTARES



GRÃOS: PRODUTIVIDADE MÉDIA NO BRASIL EM TONELADAS/HA



BRASIL: PRODUÇÃO DE GRÃOS MILHÕES DE TONELADAS





GRÃOS: TENDÊNCIAS DOS MERCADOS NO BRASIL E NO MUNDO PARA 2017

CARLOS COGO

CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS





SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017

- Segundo o relatório mensal de oferta e demanda mundial, de fevereiro/2017, divulgado na quinta-feira (09/02), pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), as estimativas para os estoques domésticos de soja ficaram inalteradas.
- Os estoques de soja devem somar 11,43 milhões de toneladas ao fim da temporada 2016/2017, mesmo volume previsto em janeiro.
- A previsão para os estoques globais de soja foi cortada de 82,3 milhões de toneladas, para 80,4 milhões de toneladas.
- O USDA também cortou sua previsão para a safra de soja da Argentina, de 57,0 milhões de toneladas, para 55,5 milhões de toneladas.
- Era esperado um corte maior, após fortes chuvas terem alagado importantes áreas produtoras do país no fim de dezembro e no começo de janeiro.
- Na Argentina, as projeções apontam para uma safra de soja de 53,5 milhões de toneladas em 2016/2017.
- A estimativa do USDA para a produção brasileira foi mantida em 104,0 milhões de toneladas.



SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017

- A tendência é de sustentação dos preços da soja no mercado interno, com futuros em Chicago firmes, demanda global aquecida, dólar oscilando menos, exportações brasileiras em ritmo forte nos primeiros meses deste ano e quebras na safra da Argentina.
- A projeção de safras recordes na América do Sul e maiores estoques de passagem no Brasil são os principais fatores que devem conter altas mais expressivas de preços ao longo deste primeiro semestre de 2017.
- Os elevados volumes de soja e derivados exportados em janeiro, especialmente à China, são um bom sinal neste ano em que a safra brasileira deve ser recorde.
- Segundo dados divulgados no dia 10/02, pelo Departamento de Alfândegas da China, as importações de soja pelo país em janeiro somaram 7,7 milhões de toneladas, volume 35% superior ao verificado em igual período do ano passado.
- Enquanto isso, na Argentina, por conta do clima desfavorável, a produção deve ser menor que a esperada e também abaixo da de 2016, o que pode resultar em baixos estoques no final da safra.



SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017

- Do total de soja em grão exportado pelo Brasil em janeiro, de 911,8 mil toneladas, 82,0% ou 745,4 mil toneladas tiveram como destino a China.
- Este é o maior volume da história enviado ao país chinês para um mês de janeiro.
- Na Argentina, a produção de soja deve totalizar 53,5 milhões de toneladas na safra 2016/2017, 4,5% abaixo de 2015/2016.
- Se confirmado, será o menor volume desde a safra 2013/2014.
- Quanto ao esmagamento na Argentina, está estimado em 45,3 milhões de toneladas de soja grãos, podendo resultar em produções recordes de farelo e óleo de soja, de 34,78 milhões de toneladas e de 8,7 milhões de toneladas, respectivamente.
- Como consequência da menor produção e maior esmagamento, o estoque final na Argentina deve recuar 6,6% nesta temporada 2016/2017, atingindo o patamar mais baixo desde 2013/2014.
- As exportações de soja em grãos da Argentina devem recuara na safra 2016/2017, com a quebra da safra e maior volume de produto destinado para esmagamento.



SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017

- No Brasil, os vendedores, atentos à demanda externa aquecida, aos baixos estoques de grão das indústrias brasileiras e à menor produção na Argentina, estão retraídos, negociando apenas pequenos lotes.
- Além disso, uma parcela das indústrias brasileiras está recebendo a soja negociada ainda no ano passado, mas o volume é pequeno e esses agentes devem atuar com mais agressividade a partir de abril.
- Assim, os compradores estão retraídos, fazendo aquisições apenas quando há necessidade e à espera de preços menores para o período de entrada de safra.
- O valor da soja FOB em Paranaguá, para embarque em Julho/2017, é de R\$ 79,64 por saca de 60 Kg, 5,3% maior que o para entrega em Março/2017, de R\$ 75,60 por saca de 60 Kg.
- No Brasil, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) revisou a produção nacional da temporada 2016/2017 em 105,5 milhões de toneladas, a maior da história do País.
- Este volume é 1,7% maior que o projetado em dezembro/2016 e 10,6% superior ao colhido na safra passada.



SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017

- As exportações brasileiras devem crescer na safra 2016/2017, com estimativas indicando um recorde de 59 milhões de toneladas.
- Nos últimos sete dias, o Indicador da soja Paranaguá ESALQ/BM&F, referente ao grão depositado no corredor de exportação e negociado na modalidade spot (pronta-entrega), no Porto de Paranaguá (PR), subiu 1,4%, para R\$ 74,77 por saca de 60 Kg.
- A média ponderada dos valores no Paraná, refletida no Indicador CEPEA/ESALQ, apresenta avanço de 0,7% nos últimos sete dias, para R\$ 69,88 por saca de 60 Kg.
- Nos últimos sete dias, os preços subiram 0,7% no mercado de balcão (preço pago ao produtor) e 1,1% no de lotes (entre empresas).
- Quanto aos derivados, os preços do farelo de soja subiram 0,1% nos últimos sete dias.
- Os preços do óleo de soja subiram 1,6% no mesmo período, para R\$ 2.686,83 por tonelada (posto em São Paulo com 12% de ICMS).
- Nos Estados Unidos, os preços da soja e derivados foram impulsionados pela maior demanda externa, especialmente da China.



SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017

- Na Bolsa de Chicago, o primeiro vencimento da soja em grão subiu 1,3% nos últimos sete dias, mantendo-se próximo dos US\$ 10,50 por bushel, assim como os vencimentos mais distantes.
- O contrato março 2017 do farelo de soja teve alta de 1,6% no mesmo comparativo, subindo para US\$ 373,02 por tonelada.
- O contrato do óleo de soja com vencimento em Março/2017 se valorizou 0,2%, para US\$ 764,33 por tonelada.
- No Porto de Paranaguá (PR), a cotação está estável em R\$ 75,00 por saca de 60 Kg e em Rio Grande (RS) também segue estável, em R\$ 77,00 por saca de 60 Kg.
- A transição do cenário de La Niña fraco para neutralidade, sem El Niño ou La Niña, implica risco menor para a próxima safra do Hemisfério Norte de 2017/2018.
- As primeiras projeções apontam para aumento da área de soja em 2017/2018 nos Estados Unidos, com recuo na área de milho, o que, se confirmado, pode impor, nos próximos meses, uma pressão baixista pontuas sobre os futuros em Chicago.

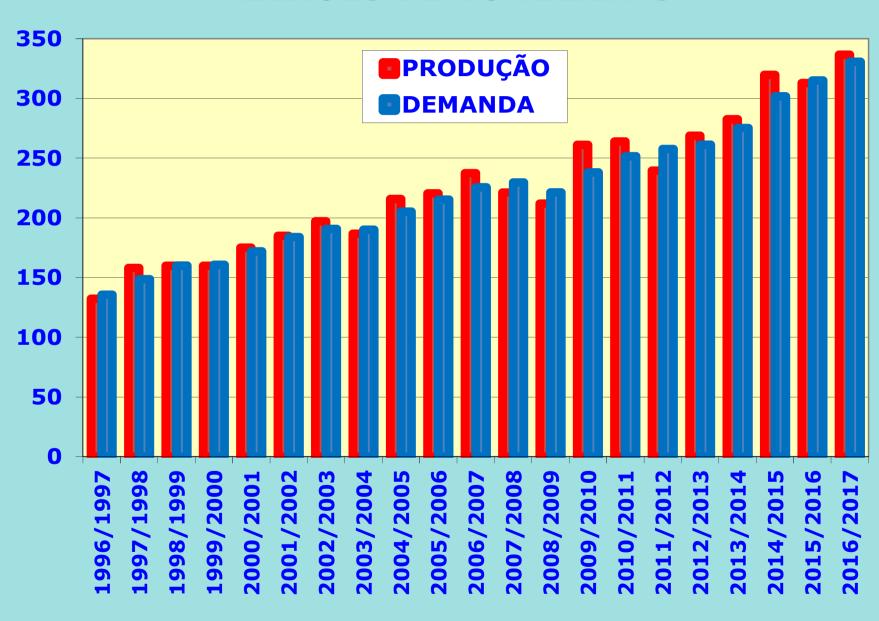
SOJA GRÃO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS

EM MILITOES DE TONELADAS											
ANO	PRODUÇÃO	DEMANDA	VARIAÇÃO	COMÉRCIO	ESMAGAMENTO	ESTOQUES	ESTOQUES/	PREÇO MÉDIO			
SAFRA	MUNDIAL	MUNDIAL	DEMANDA	MUNDIAL	MUNDIAL	FINAIS	CONSUMO	US\$/bushel			
1989/1990	95,6	105,0		27,3	81,1	20,2	19,2%	3,97			
1990/1991	107,4	103,8	-1,1%	25,4	88,0	20,6	19,8%	5,68			
1991/1992	104,1	109,6	5,6%	28,1	87,3	18,4	16,8%	5,67			
1992/1993	107,4	115,3	5,2%	29,3	92,3	20,2	17,5%	6,26			
1993/1994	117,3	120,6	4,6%	27,7	96,7	17,2	14,3%	6,24			
1994/1995	117,5	132,2	9,6%	32,0	102,0	23,7	17,9%	6,12			
1995/1996	137,5	131,6	-0,5%	31,6	109,8	17,5	13,3%	7,53			
1996/1997	132,2	135,7	3,1%	36,8	112,1	13,5	9,9%	7,52			
1997/1998	158,0	148,6	9,5%	39,3	115,5	21,6	14,5%	6,58			
1998/1999	159,8	160,0	7,6%	37,9	135,7	26,6	16,7%	6,45			
1999/2000	159,9	160,7	0,5%	45,6	136,2	26,9	16,7%	4,63			
2000/2001	175,1	171,8	6,9%	53,8	146,8	30,6	17,8%	4,54			
2001/2002	184,9	184,0	7,1%	53,0	158,0	32,2	17,5%	4,38			
2002/2003	197,0	190,7	3,7%	61,3	165,0	40,8	21,4%	5,53			
2003/2004	186,8	190,0	-0,4%	56,0	163,6	37,6	19,8%	7,34			
2004/2005	215,8	205,2	8,0%	64,8	175,7	48,5	23,6%	6,40			
2005/2006	220,5	215,3	4,9%	63,9	185,1	52,9	24,6%	6,03			
2006/2007	237,4	225,5	4,8%	71,1	195,9	62,7	27,8%	7,80			
2007/2008	221,2	229,7	1,9%	78,3	201,9	53,0	23,1%	13,50			
2008/2009	212,0	221,3	-3,7%	77,2	193,2	42,6	19,2%	10,50			
2009/2010	261,1	238,0	7,5%	91,4	209,3	60,0	25,2%	10,10			
2010/2011	263,9	251,6	5,7%	91,7	221,4	70,1	27,9%	13,40			
2011/2012	239,6	257,7	2,4%	92,2	228,2	53,6	20,8%	15,50			
2012/2013	268,8	261,2	1,4%	100,5	230,2	57,4	22,0%	14,50			
2013/2014	282,6	275,3	5,4%	112,7	241,3	61,8	22,4%	13,50			
2014/2015	319,8	301,7	9,6%	126,2	264,5	78,1	25,9%	10,20			
2015/2016	313,0	315,0	4,4%	132,3	276,3	77,2	24,5%	9,90			
2016/2017	336,6	330,8	5,0%	140,1	290,7	80,4	24,3%	10,20			
VAR 2015-2016/ 2014-2015	-2,1%	4,4%		4,8%	4,5%	-1,1%	-5,3%	-2,9%			
VAR 2016-2017/ 2015-2016	7,6%	5,0%		5,9%	5,2%	4,1%	-0,8%	3,0%			

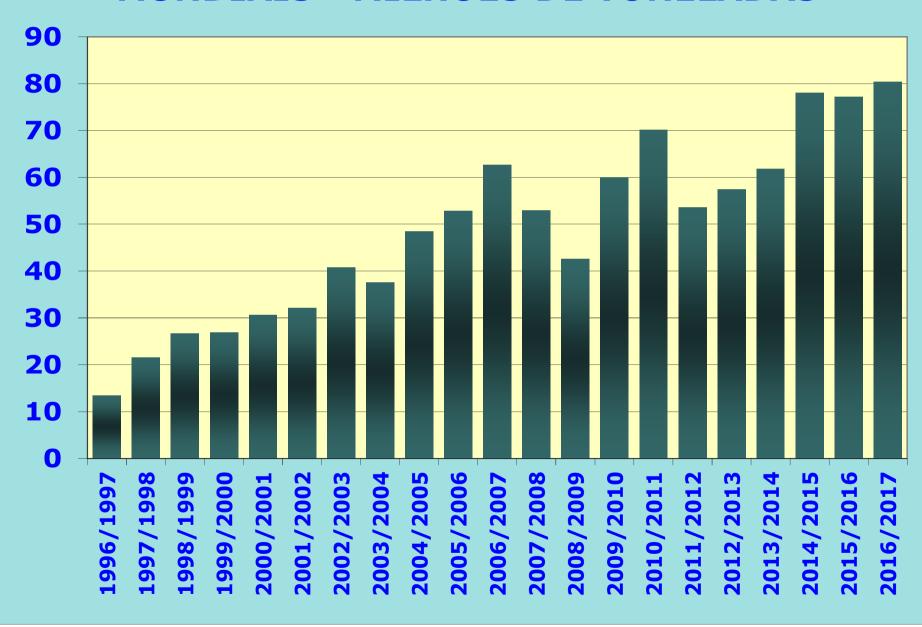
Fonte: USDA FEVEREIRO/2017

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

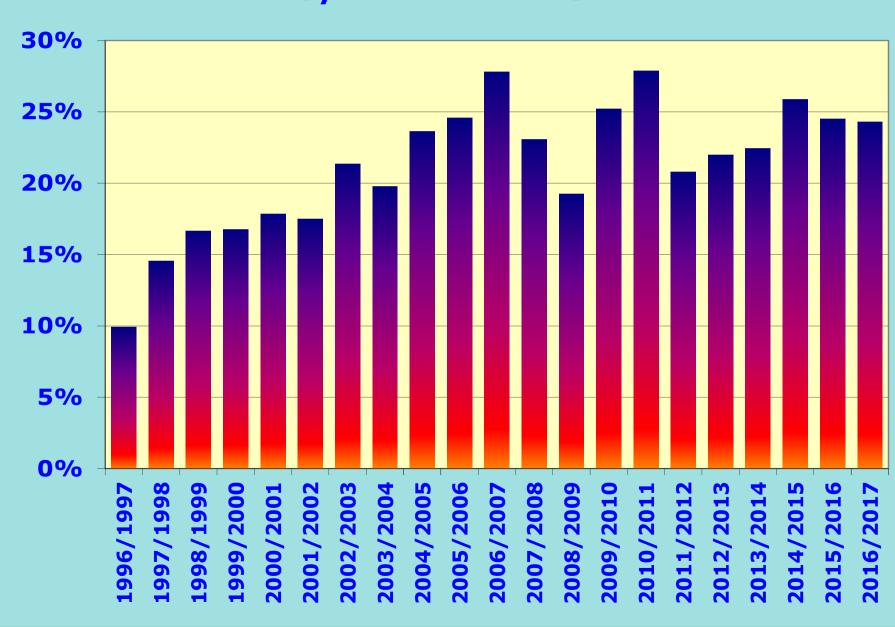
SOJA: OFERTA X DEMANDA MUNDIAL MILHÕES DE TONELADAS



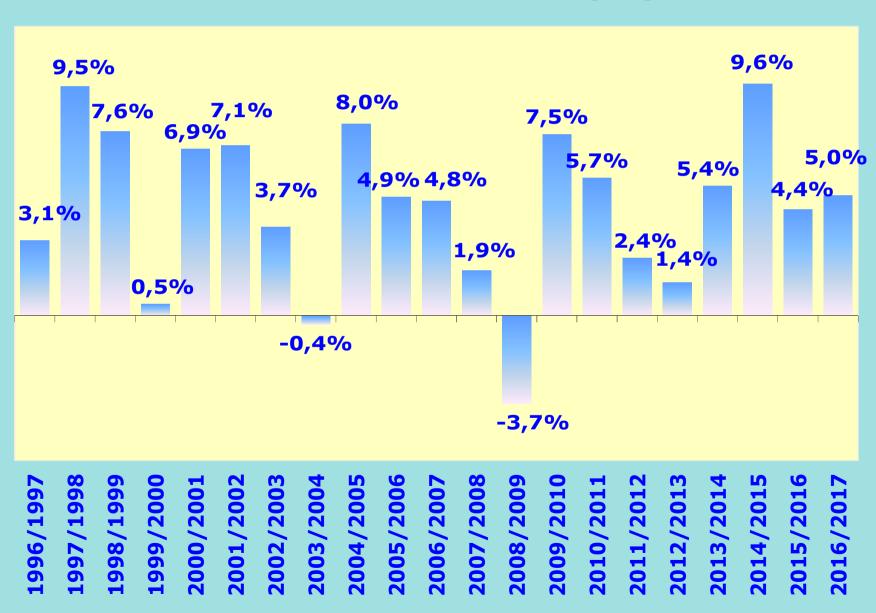
SOJA: ESTOQUES DE PASSAGEM MUNDIAIS - MILHÕES DE TONELADAS



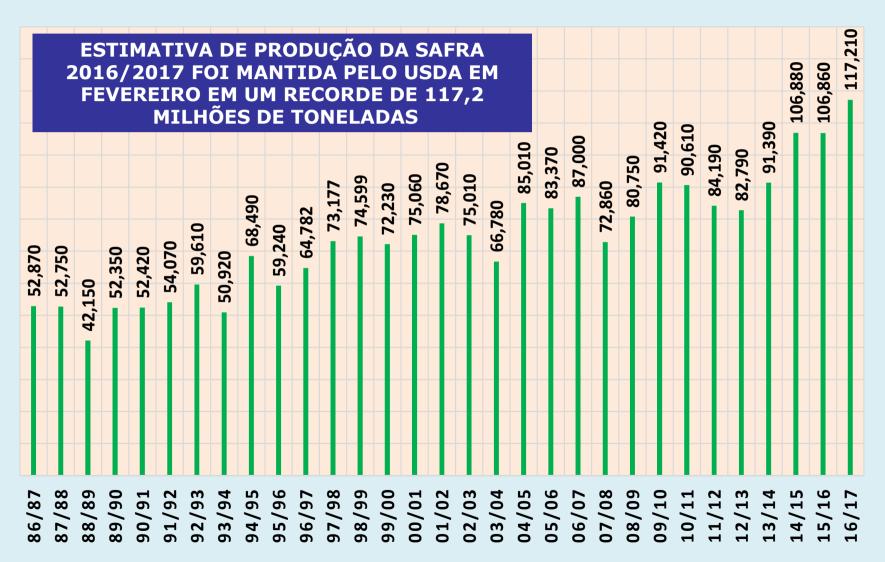
SOJA: RELAÇÃO ESTOQUES FINAIS/DEMANDA MUNDIAL



SOJA: TAXA ANUAL DE EXPANSÃO DA DEMANDA MUNDIAL (%)

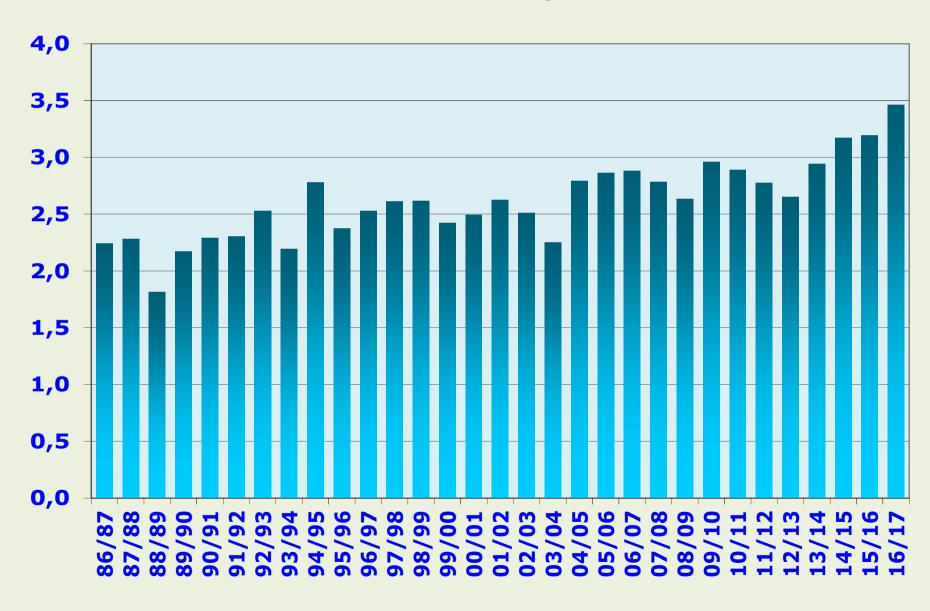


EUA: PRODUÇÃO DE SOJA MILHÕES DE TONELADAS

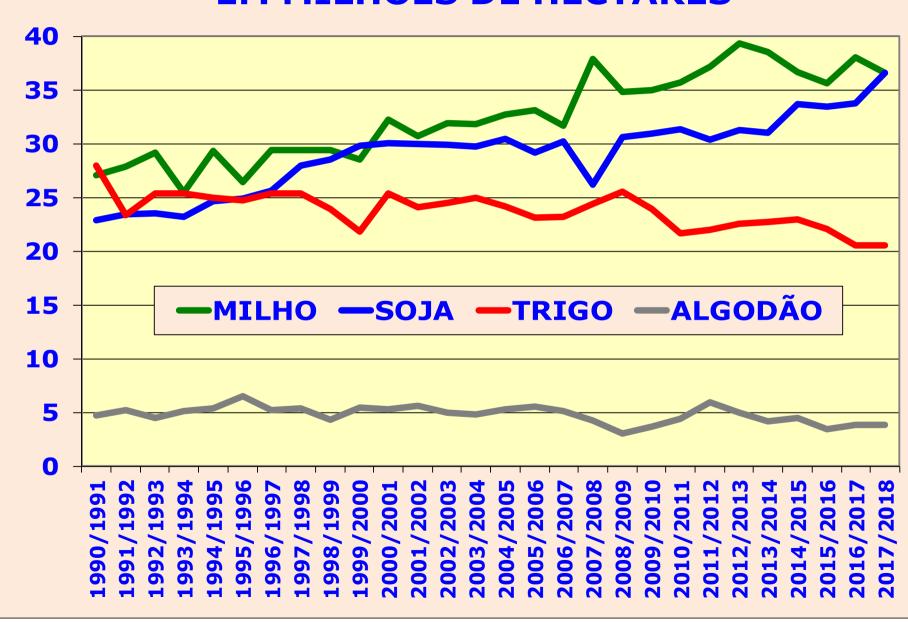


ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

EUA: PRODUTIVIDADE MÉDIA DA SOJA TONELADAS/HA



EUA: EVOLUÇÃO DAS ÁREAS DE GRÃOS EM MILHÕES DE HECTARES

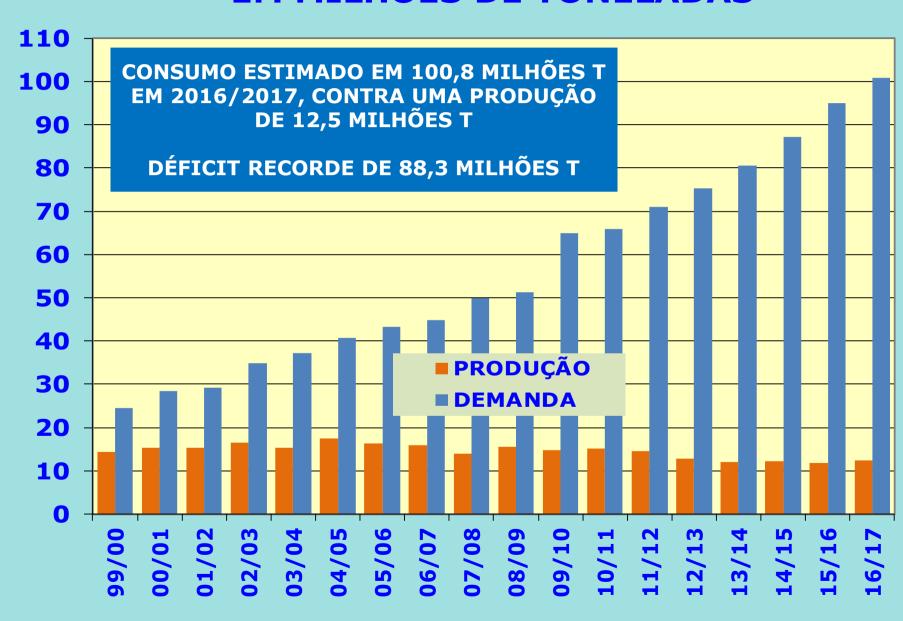




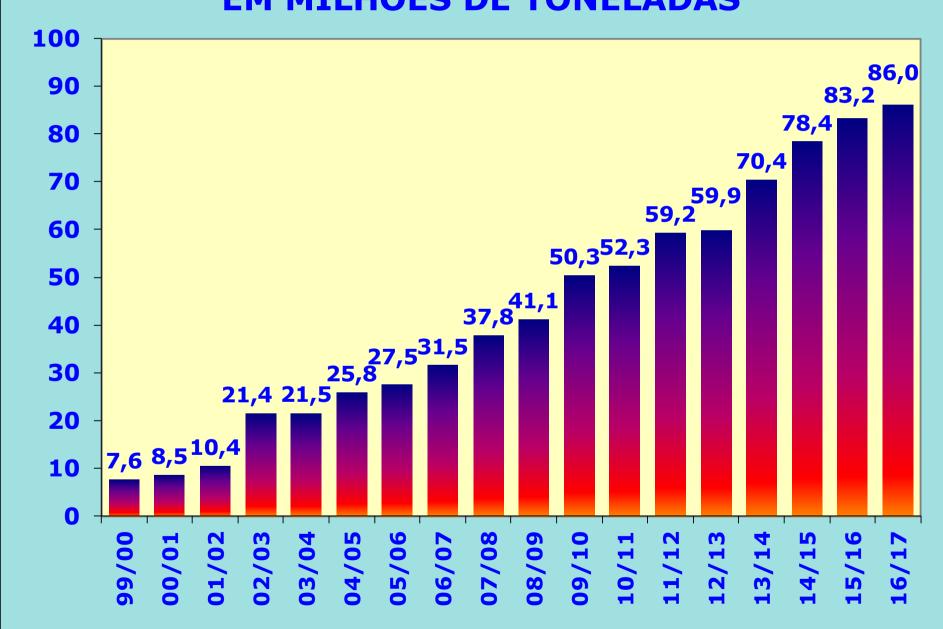
CHINA: OFERTA E DEMANDA DE SOJA

SAFRA	PRODUÇÃO	CONSUMO	ESMAGAMENTO	IMPORTAÇÕES
99/00	14,29	24,60	15,07	7,60
00/01	15,40	28,36	18,90	8,50
01/02	15,41	29,19	20,31	10,39
02/03	16,51	34,81	22,95	21,42
03/04	15,39	37,26	25,44	21,50
04/05	17,40	40,78	30,27	25,80
05/06	16,35	43,35	34,50	27,50
06/07	15,97	44,74	35,48	31,50
07/08	14,00	49,82	39,52	37,82
08/09	15,54	51,34	41,04	41,10
09/10	14,70	65,01	48,83	50,34
10/11	15,10	65,95	55,00	52,34
11/12	14,48	71,07	60,97	59,23
12/13	12,80	75,32	64,95	59,87
13/14	11,95	80,60	68,85	70,36
14/15	12,15	87,20	74,50	78,35
15/16	11,79	95,00	81,30	83,23
16/17	12,50	100,80	86,50	86,00
17/16	6,0%	6,1%	6,4%	3,3%
17/00	-13%	310%	474%	1032%
I .				

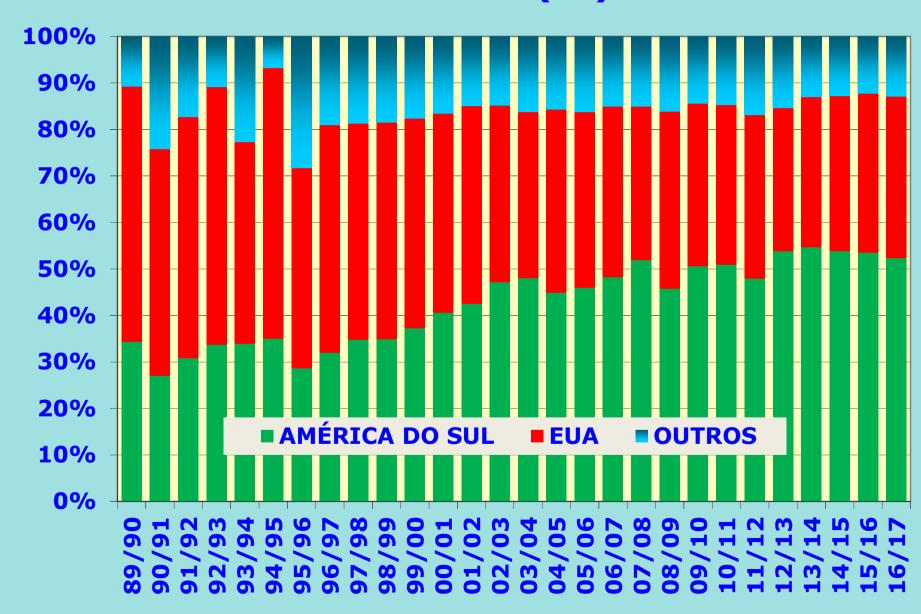
CHINA: PRODUÇÃO E DEMANDA DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



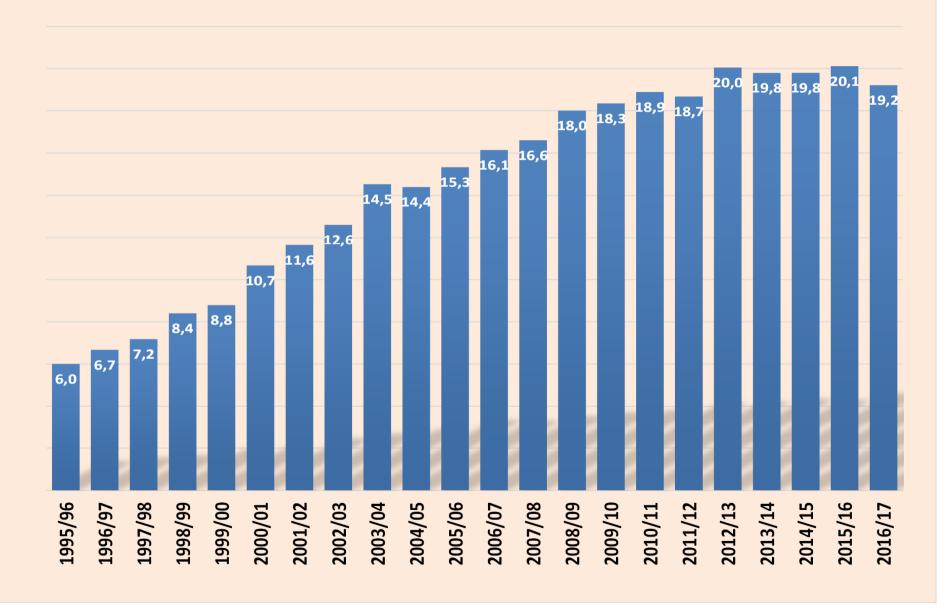
CHINA: IMPORTAÇÕES DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



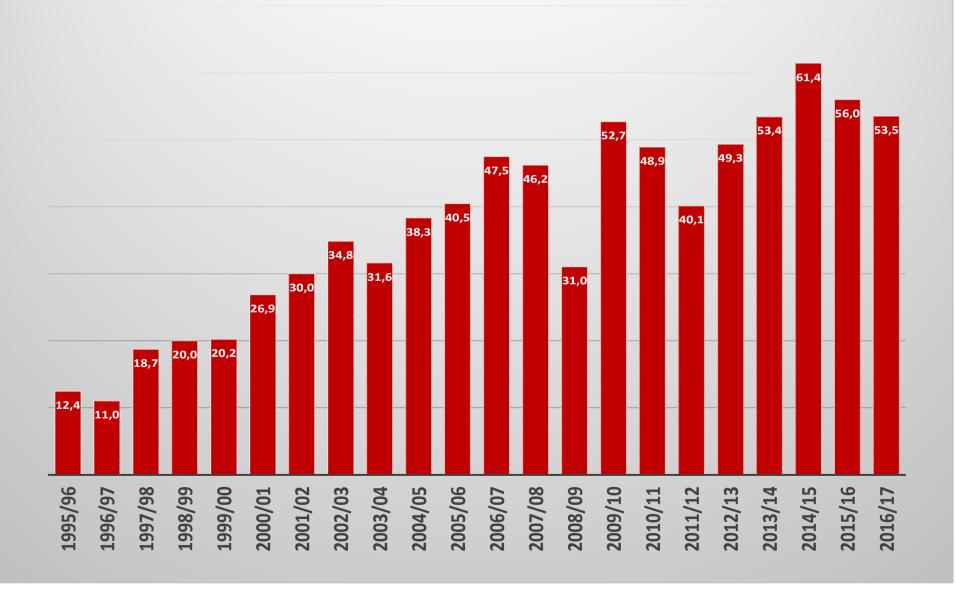
SOJA: COMPOSIÇÃO DA OFERTA MUNDIAL (%)



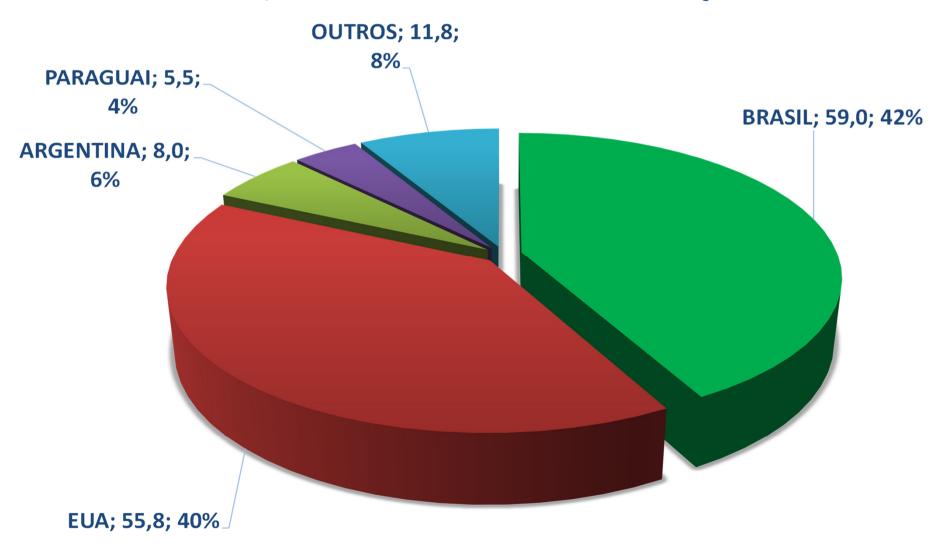
ARGENTINA: ÁREA DE CULTIVO DE SOJA EM MILHÕES DE HECTARES



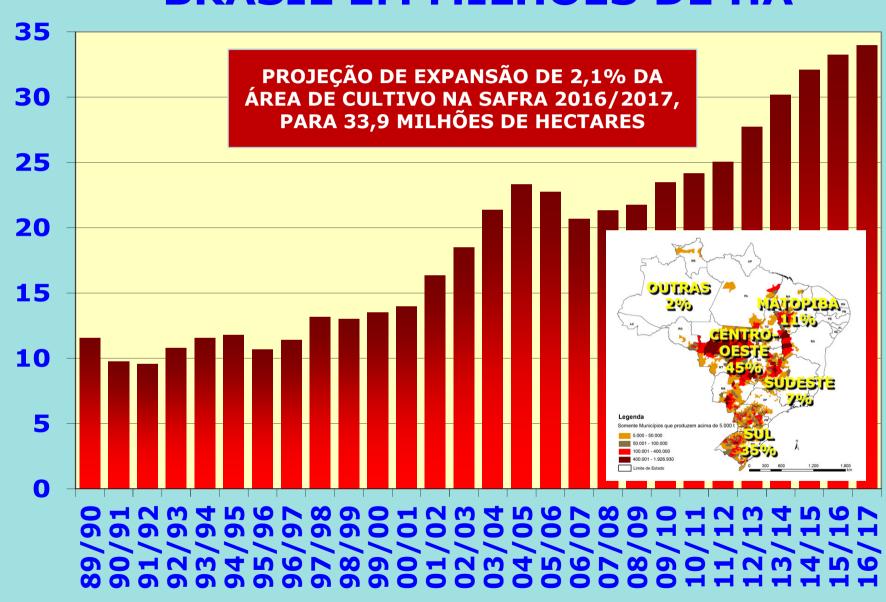
ARGENTINA: PRODUÇÃO DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



SOJA GRÃOS: EXPORTAÇÕES POR PAÍSES EM 2016/2017 - MILHÕES T E DISTRIBUIÇÃO %



SOJA: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HA



SOJA: PRODUÇÃO NO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



CARLOS COGO

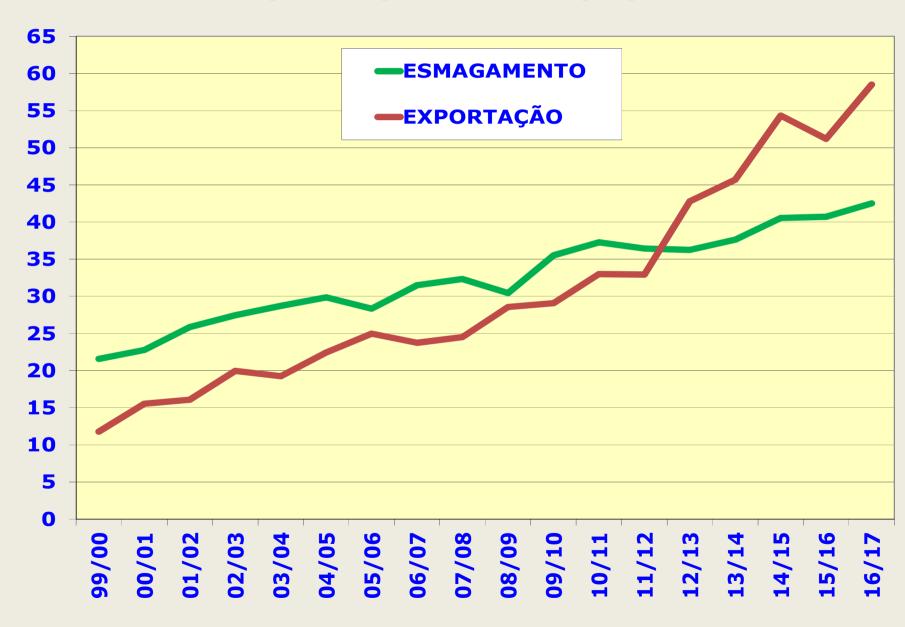
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS

SOJA GRÃO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS

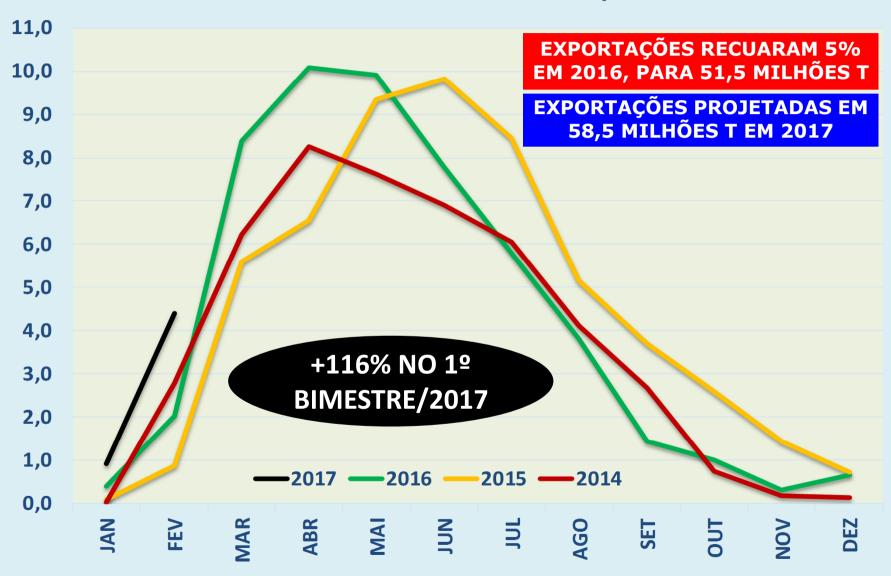
ANO	ANO	ESTOQUE	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÕES	CONSUMO	SEMENTES	EXPORTAÇÕES	ESTOQUE
SAFRA	COMERCIAL	INICIAL	GRÃOS	GRÃOS	ESMAGAMENTO	E OUTROS	GRÃOS	FINAL
80/81	81/82	685,0	15.484,0	932,0	13.796,0	1.100,0	1.450,0	755,0
81/82	82/83	755,0	12.891,0	1.251,0	12.728,0	850,0	496,0	823,0
82/83	83/84	823,0	14.533,0	34,0	12.872,0	931,0	1.115,0	472,0
83/84	84/85	472,0	15.340,0	154,0	12.517,0	1.080,0	1.579,0	790,0
84/85	85/86	790,0	18.211,0	378,0	13.774,0	1.069,6	3.486,4	1.049,0
85/86	86/87	1.049,0	13.997,0	340,0	12.332,0	870,9	1.200,1	983,0
86/87	87/88	983,0	17.072,0	450,0	13.820,0	1.015,4	3.027,6	642,0
87/88	88/89	642,0	18.157,0	62,0	13.676,0	1.881,7	2.598,3	705,0
88/89	89/90	705,0	23.579,0	63,0	16.189,0	2.100,0	4.618,0	1.440,0
89/90	90/91	1.440,0	20.444,0	10,0	15.435,0	1.300,0	4.139,0	1.020,0
90/91	91/92	1.020,0	15.757,0	350,0	13.057,0	1.200,0	1.900,0	970,0
91/92	92/93	970,0	19.456,0	507,0	14.756,0	1.427,0	3.900,0	850,0
92/93	93/94	850,0	22.780,0	10,0	16.771,0	1.700,0	4.159,0	1.010,0
93/94	94/95	1.010,0	24.813,0	890,0	18.736,0	1.700,0	5.367,0	910,0
94/95	95/96	910,0	26.068,0	791,0	21.599,0	1.600,0	3.520,0	1.050,0
95/96	96/97	1.050,0	23.872,0	1.044,0	20.083,0	1.600,0	3.633,0	650,0
96/97	97/98	650,0	27.327,0	1.453,0	18.944,0	1.600,0	8.326,0	560,0
97/98	98/99	560,0	32.665,0	355,0	21.832,0	1.600,0	9.324,0	824,0
98/99	99/00	824,0	31.377,0	615,0	21.645,0	1.600,0	8.912,0	659,0
99/00	00/01	659,0	34.127,0	799,0	21.578,0	1.600,0	11.778,0	629,0
00/01	01/02	629,0	39.058,0	849,0	22.773,0	1.700,0	15.522,0	541,0
01/02	02/03	541,0	42.769,0	1.100,0	25.842,0	2.000,0	16.074,0	494,0
02/03	03/04	2.182,0	51.875,0	1.189,0	27.447,0	2.500,0	19.962,0	5.337,0
03/04	04/05	5.337,0	50.085,0	349,0	28.706,0	2.650,0	19.248,0	5.167,0
04/05	05/06	5.167,0	53.053,0	369,0	29.860,0	2.700,0	22.434,0	3.595,0
05/06	06/07	3.595,0	56.942,0	50,0	28.332,0	2.500,0	24.956,0	4.799,0
06/07	07/08	4.799,0	58.726,0	100,0	31.485,0	2.700,0	23.734,0	5.706,0
07/08	08/09	5.706,0	59.936,0	97,0	32.325,0	2.700,0	24.499,0	6.215,0
08/09	09/10	6.215,0	57.383,0	100,0	30.426,0	2.700,0	28.561,0	2.011,0
09/10	10/11	2.011,0	68.919,0	119,0	35.506,0	2.800,0	29.073,0	3.670,0
10/11	11/12	3.670,0	75.248,0	40,0	37.270,0	2.850,0	32.986,0	5.852,0
11/12	12/13	5.852,0	66.383,0	268,0	36.434,0	2.900,0	32.916,0	1.790,0
12/13	13/14	1.790,0	81.499,4	283,0	36.238,0	2.950,0	42.796,4	1.682,0
13/14	14/15	1.682,0	86.120,8	578,0	37.622,0	2.950,0	45.691,9	2.393,0
14/15	15/16	2.393,0	96.228,0	324,1	40.556,0	3.000,0	54.324,0	1.065,1
15/16	16/17	1.065,1	95.434,6	400,0	40.700,0	3.000,0	51.200,0	1.999,7
16/17	17/18	1.999,7	105.755,3	300,0	42.500,0	3.000,0	58.500,0	4.055,0

Fontes: ABIOVE, CONAB e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

SOJA: ESMAGAMENTO E EXPORTAÇÕES NO BRASIL - MILHÕES T



SOJA EM GRÃOS: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS/MÊS



Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

CARLOS COGO

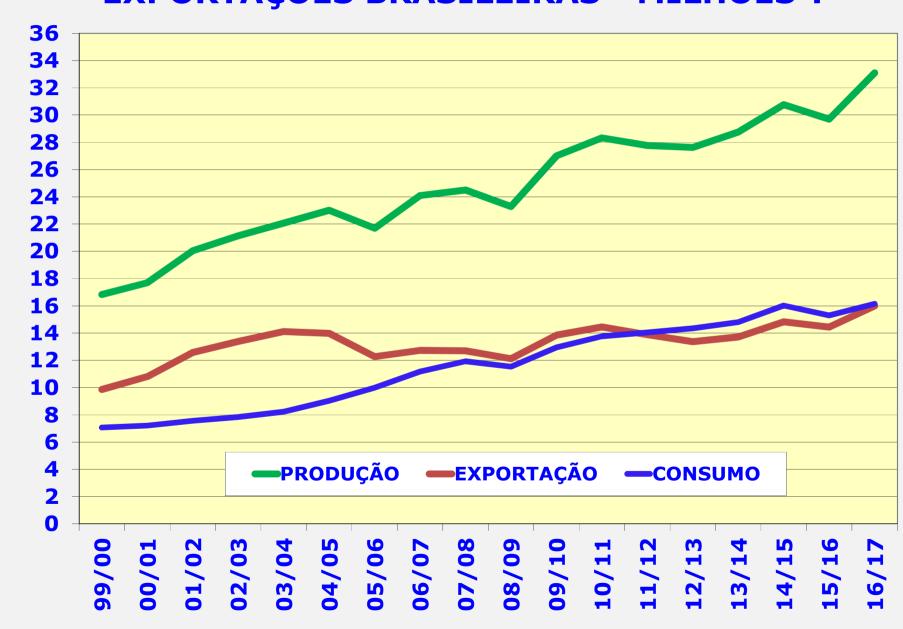
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS

FARELO DE SOJA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS

	TARLES DE SOJA: SI ERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONLLADAS											
ANO	ANO	ESTOQUE	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÕES	CONSUMO	VARIAÇÃO	EXPORTAÇÕES	ESTOQUE				
SAFRA	COMERCIAL	INICIAL	FARELO	FARELO	INTERNO	ANUAL (%)	FARELO	FINAL				
80/81	81/82	537,1	10.898,8	0,0	2.168,8	-	8.828,0	439,1				
81/82	82/83	439,1	10.055,1	0,0	2.329,2	7,4%	7.653,0	512,0				
82/83	83/84	512,0	10.168,9	0,0	2.377,8	2,1%	7.994,0	309,1				
83/84	84/85	309,1	9.888,4	0,0	2.099,5	-11,7%	7.687,0	411,0				
84/85	85/86	411,0	10.881,5	0,0	2.285,4	8,9%	8.523,0	484,1				
85/86	86/87	484,1	9.742,3	0,0	2.937,3	28,5%	6.932,0	357,1				
86/87	87/88	357,1	10.917,8	0,0	2.922,8	-0,5%	8.056,0	296,1				
87/88	88/89	296,1	10.804,0	0,0	2.387,1	-18,3%	8.416,0	297,0				
88/89	89/90	297,0	12.666,0	0,0	2.779,0	16,4%	9.748,0	436,0				
89/90	90/91	436,0	12.109,0	0,0	2.968,0	6,8%	8.892,0	685,0				
90/91	91/92	685,0	10.267,0	0,0	3.276,0	10,4%	7.347,0	329,0				
91/92	92/93	329,0	11.581,0	0,0	3.406,0	4,0%	8.178,0	326,0				
92/93	93/94	326,0	13.150,0	0,0	3.740,0	9,8%	9.286,0	450,0				
93/94	94/95	450,0	14.666,0	0,0	4.293,0	14,8%	10.356,0	467,0				
94/95	95/96	467,0	16.946,0	0,0	5.329,0	24,1%	11.538,0	546,0				
95/96	96/97	546,0	15.790,0	108,0	5.242,0	-1,6%	10.795,0	407,0				
96/97	97/98	407,0	14.786,0	308,0	5.387,0	2,8%	9.754,0	360,0				
97/98	98/99	360,0	17.135,0	135,0	6.434,0	19,4%	10.780,0	416,0				
98/99	99/00	416,0	16.868,0	75,0	6.945,0	7,9%	9.977,0	437,0				
99/00	00/01	437,0	16.831,0	119,0	7.066,0	1,7%	9.861,0	460,0				
00/01	01/02	460,0	17.699,0	213,0	7.211,0	2,1%	10.803,0	358,0				
01/02	02/03	970,0	20.040,0	372,0	7.569,0	5,0%	12.579,0	1.234,0				
02/03	03/04	1.234,0	21.140,0	305,4	7.845,8	3,7%	13.386,6	1.447,1				
03/04	04/05	1.183,3	22.065,4	187,8	8.228,0	4,9%	14.112,7	1.095,9				
04/05	05/06	1.095,9	23.011,3	188,7	9.031,4	9,8%	13.980,3	1.284,1				
05/06	06/07	1.284,1	21.695,9	180,9	9.986,8	10,6%	12.274,8	899,3				
06/07	07/08	899,3	24.089,5	114,0	11.176,4	11,9%	12.726,6	1.199,7				
07/08	08/09	1.199,7	24.501,7	126,8	11.930,3	6,7%	12.698,9	1.199,2				
08/09	09/10	1.199,2	23.286,6	43,4	11.533,3	-3,3%	12.124,5	871,4				
09/10	10/11	871,4	26.998,3	39,5	12.944,0	12,2%	13.849,2	1.115,9				
10/11	11/12	1.115,9	28.321,9	25,3	13.758,4	6,3%	14.450,8	1.253,8				
11/12	12/13	1.253,8	27.766,7	4,7	14.051,1	2,1%	13.884,9	1.089,2				
12/13	13/14	1.089,2	27.621,0	4,0	14.350,0	2,1%	13.376,0	988,2				
13/14	14/15	988,2	28.752,0	1,0	14.799,0	3,1%	13.716,4	1.225,8				
14/15	15/16	1.225,8	30.765,0	1,0	16.017,0	8,2%	14.826,7	1.148,1				
15/16	16/17	1.148,1	29.700,0	1,0	15.300,0	-4,5%	14.443,0	1.106,1				
16/17	17/18	1.106,1	33.100,0	1,0	16.150,0	5,6%	16.000,0	2.057,1				

Fontes: ABIOVE, CONAB e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

FARELO DE SOJA: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MILHÕES T



CARLOS COGO

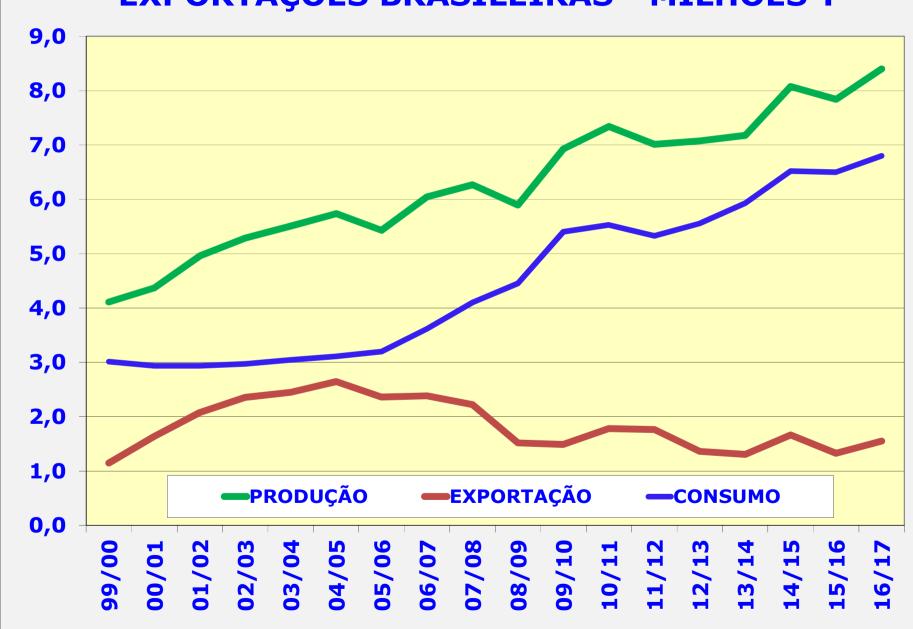
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS

ÓLEO DE SOJA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS

ANO	ANO	ESTOQUE	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÕES	CONSUMO	VARIAÇÃO	EXPORTAÇÕES	ESTOQUE		
SAFRA	COMERCIAL	INICIAL	ÓLEO	ÓLEO	INTERNO	ANUAL (%)	ÓLEO	FINAL		
80/81	81/82	280,1	2.621,2	0,0	1.428,2		1.274,0	199,1		
81/82	82/83	199,1	2.418,3	0,0	1.551,4	8,6%	846,0	220,0		
82/83	83/84	220,0	2.446,0	34,0	1.579,9	1,8%	960,0	160,1		
83/84	84/85	160,1	2.378,2	141,0	1.608,3	1,8%	914,0	157,0		
84/85	85/86	157,0	2.617,1	46,0	1.704,0	6,0%	924,0	192,1		
85/86	86/87	192,1	2.343,1	156,0	2.022,1	18,7%	439,0	230,1		
86/87	87/88	230,1	2.625,8	59,0	1.839,8	-9,0%	986,0	89,1		
87/88	88/89	89,1	2.598,4	55,0	1.955,5	6,3%	653,0	134,0		
88/89	89/90	134,0	3.028,0	20,0	2.147,0	9,8%	920,0	115,0		
89/90	90/91	115,0	2.917,0	9,0	2.021,0	-5,9%	883,0	137,0		
90/91	91/92	137,0	2.464,0	46,0	2.102,0	4,0%	403,0	142,0		
91/92	92/93	142,0	2.777,0	80,0	2.158,0	2,7%	703,0	138,0		
92/93	93/94	138,0	3.174,0	93,0	2.315,0	7,3%	761,0	329,0		
93/94	94/95	329,0	3.530,0	270,0	2.425,0	4,8%	1.538,0	166,0		
94/95	95/96	166,0	4.074,0	218,0	2.579,0	6,4%	1.684,0	195,0		
95/96	96/97	195,0	3.785,0	185,0	2.664,0	3,3%	1.337,0	164,0		
96/97	97/98	164,0	3.559,0	154,0	2.682,0	0,7%	1.064,0	131,0		
97/98	98/99	131,0	4.157,0	190,0	2.826,0	5,4%	1.444,0	208,0		
98/99	99/00	208,0	4.142,0	133,0	2.820,0	-0,2%	1.468,0	195,0		
99/00	00/01	195,0	4.111,0	111,0	3.015,0	6,9%	1.148,0	254,0		
00/01	01/02	254,0	4.369,0	66,0	2.935,0	-2,7%	1.639,0	115,0		
01/02	02/03	115,0	4.959,0	110,0	2.936,0	0,0%	2.076,0	172,0		
02/03	03/04	345,0	5.286,0	36,4	2.971,4	1,2%	2.356,6	339,4		
03/04	04/05	339,4	5.507,3	27,2	3.043,7	2,4%	2.448,0	382,2		
04/05	05/06	382,2	5.735,6	3,2	3.110,6	2,2%	2.645,4	364,9		
05/06	06/07	364,9	5.428,7	25,4	3.198,2	2,8%	2.359,8	261,0		
06/07	07/08	261,0	6.044,8	83,5	3.617,0	13,1%	2.384,3	388,0		
07/08	08/09	388,0	6.267,3	26,7	4.102,2	13,4%	2.221,7	358,1		
08/09	09/10	358,1	5.896,0	27,4	4.454,1	8,6%	1.516,6	310,8		
09/10	10/11	310,8	6.927,5	16,3	5.403,6	21,3%	1.490,2	360,8		
10/11	11/12	360,8	7.340,5	0,0	5.528,0	2,3%	1.782,1	342,0		
11/12	12/13	391,2	7.013,1	1,2	5.327,6	-3,6%	1.763,6	314,4		
12/13	13/14	314,4	7.075,0	5,0	5.556,0	4,3%	1.362,5	475,9		
13/14	14/15	475,9	7.176,0	0,1	5.930,0	6,7%	1.305,0	417,0		
14/15	15/16	417,0	8.074,0	25,3	6.520,0	9,9%	1.662,4	333,9		
15/16	16/17	333,9	7.840,0	70,0	6.500,0	-0,3%	1.327,2	416,7		
16/17	17/18	416,7	8.400,0	25,0	6.800,0	4,6%	1.550,0	491,6		

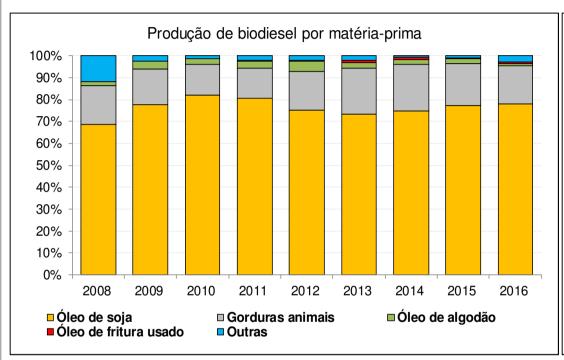
Fontes: ABIOVE, CONAB e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

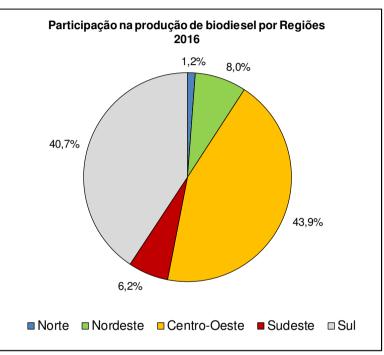






BIODIESEL: PRODUÇÃO POR REGIÕES E MATÉRIAS-PRIMAS





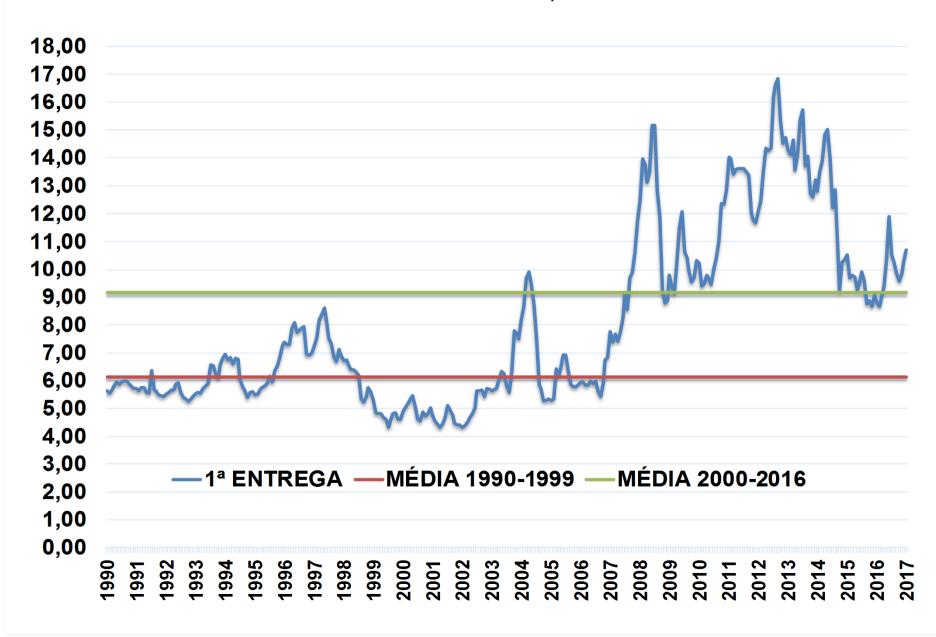
Produção de biodiesel por matéria-prima (%)										
Matéria-prima	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	
Óleo de soja	69%	78%	82%	81%	75%	73%	75%	77%	78%	
Gorduras animais	18%	16%	14%	14%	18%	21%	21%	19%	17%	
Óleo de algodão	2%	4%	2%	3%	5%	2%	2%	2%	1%	
Óleo de fritura usado	0%	0%	0%	0%	1%	1%	1%	0%	1%	
Outras	12%	2%	1%	2%	2%	2%	1%	1%	3%	
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	



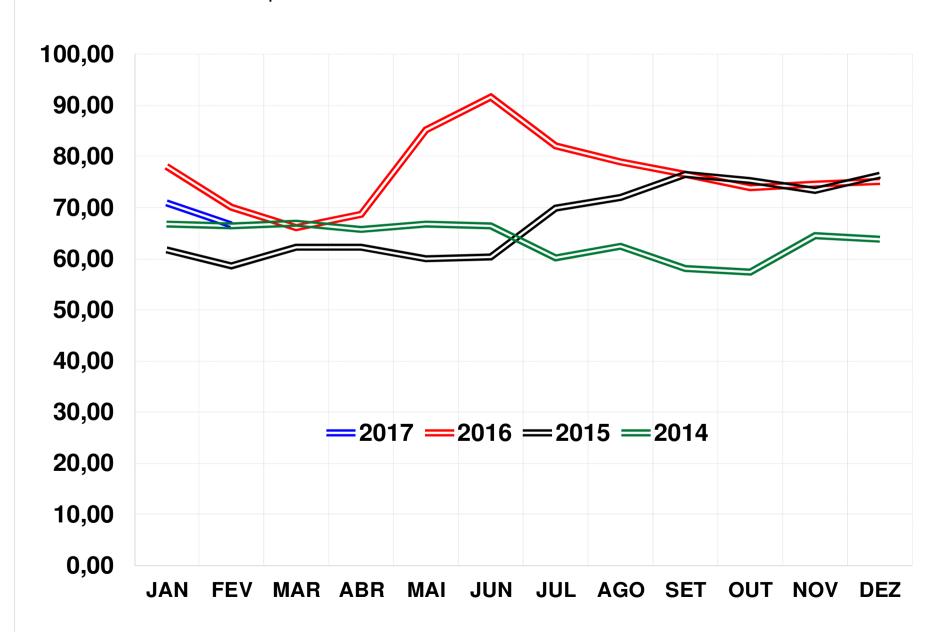
BIODIESEL: PRODUÇÃO E MERCADO EM 2017

- O aumento do percentual de biodiesel no diesel comum, de 7% para 8% (B8) em 2017, deve reverter a retração de 4% do consumo em 2016.
- Em 2017, a produção brasileira deverá crescer 18% sobre 2016, com o aumento da mistura no diesel comum e recuperação econômica do País.
- A mudança da proporção é determinada por lei, aprovada em 2016.
- Até março de 2019, a taxa será de 10%.
- Atualmente, a ociosidade do setor é de 50% e, em 2017, a projeção é redução deste índice para 35%.
- A cada 1% de aumento na mistura de biodiesel ao diesel, é gerada uma demanda adicional de 2 milhões de toneladas de soja processada.
- O aumento da mistura de biodiesel ao diesel trará um novo desafio para a indústria esmagadora de soja no Brasil: o que fazer com o farelo excedente gerado na produção do biocombustível.
- O mercado interno de farelo de soja brasileiro é crescente, mas tem uma expansão anual moderada e não vai absorver todos os grandes volumes oriundos do aumento de produção de óleo.

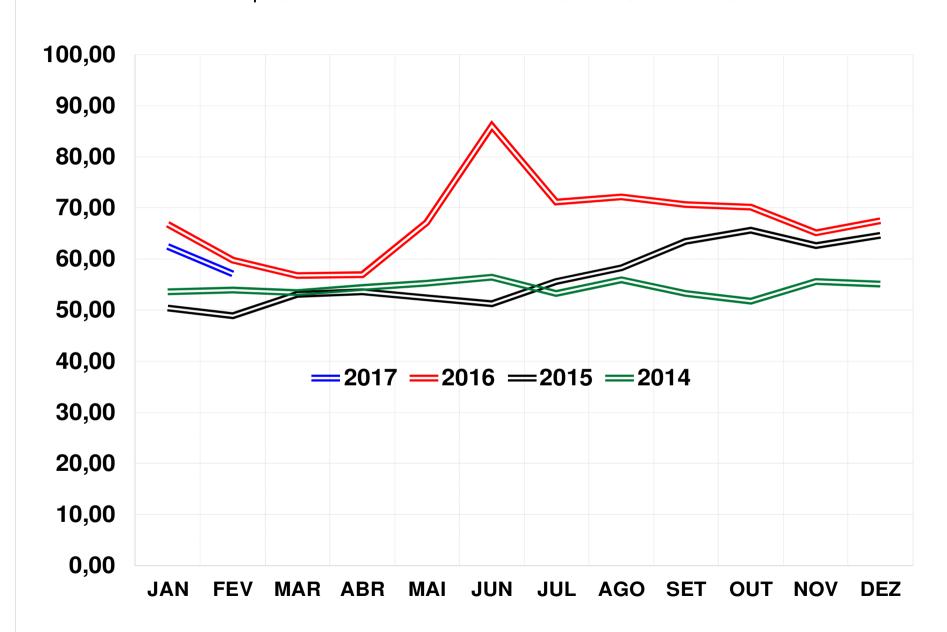
SOJA GRÃO: COTAÇÕES NA BOLSA DE CHICAGO (CBOT) 1990 A 2017 - US\$/BUSHEL



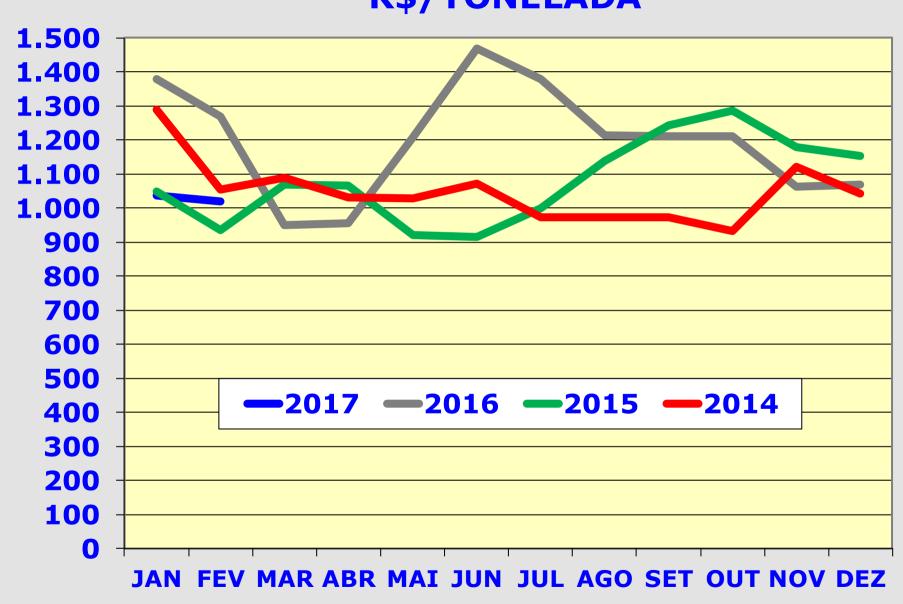
SOJA GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB PR R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



SOJA GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB MT R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



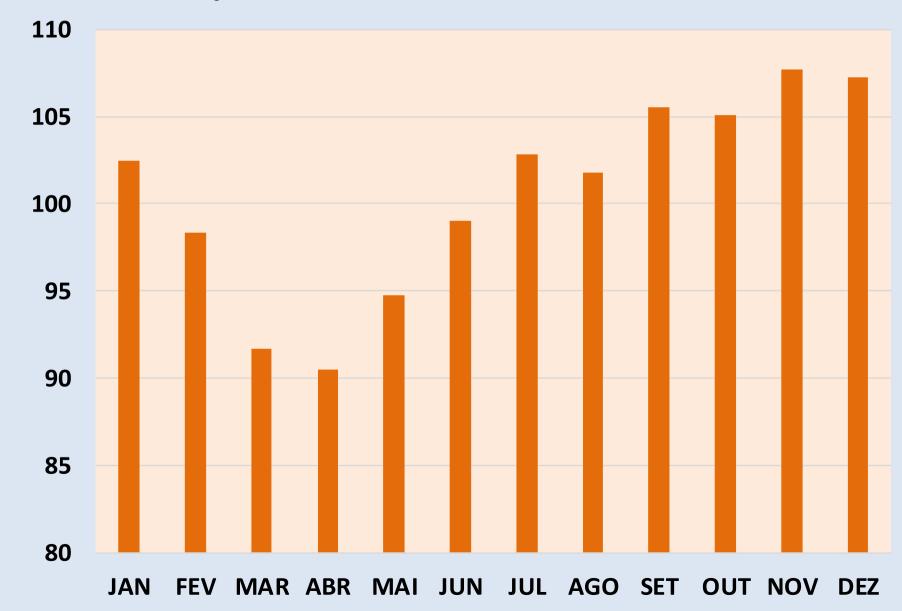
FARELO DE SOJA: PREÇOS CIF SP R\$/TONELADA



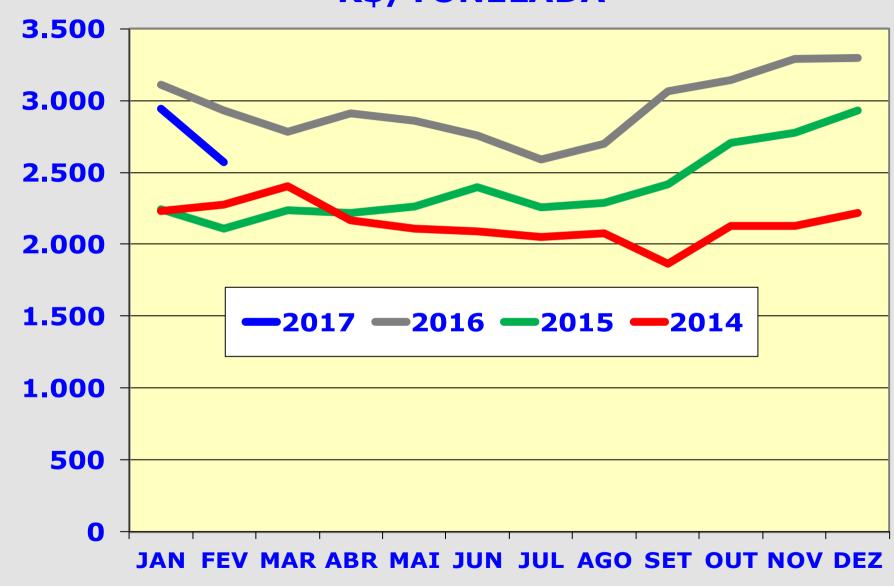


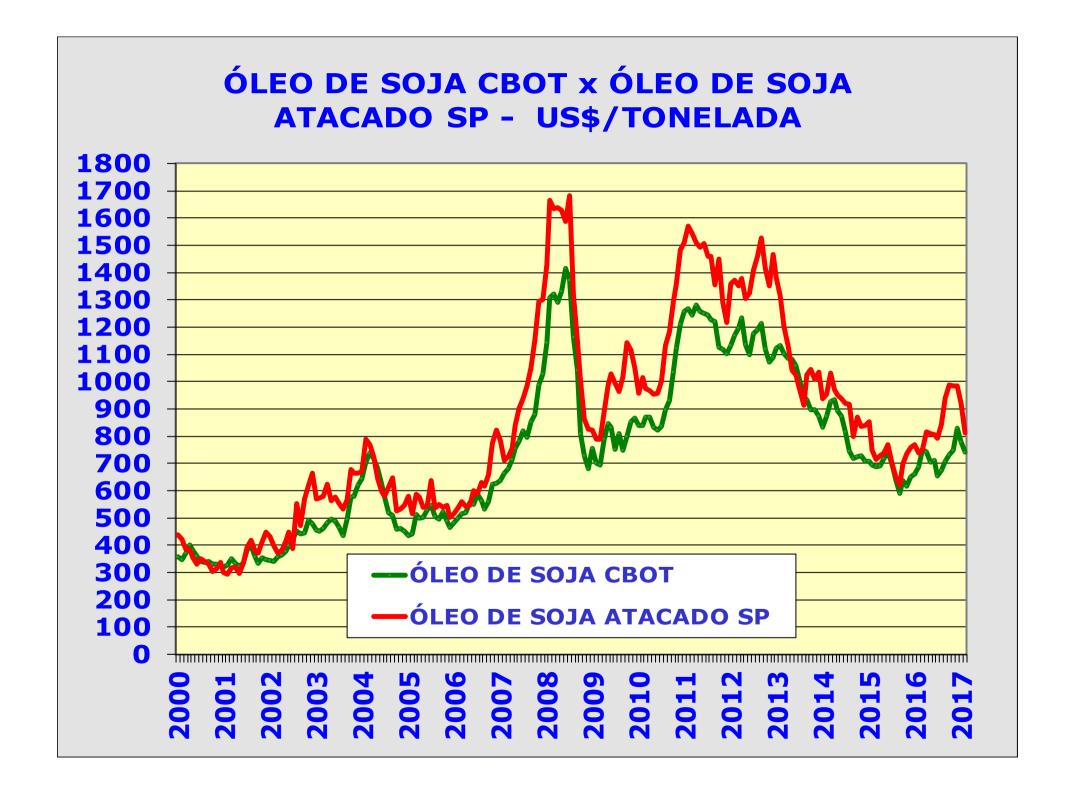


FARELO DE SOJA: MÉDIAS DOS ÍNDICES ESTACIONAIS DE PREÇOS NO ATACADO - SÃO PAULO - 2007 A 2016



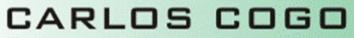
ÓLEO DE SOJA: PREÇOS CIF SP R\$/TONELADA





SOJA: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS
ITEM	UNIDADE	PR/RS/MG	MT/GO/BA	PR/RS/MG	MT/GO/BA	PR/RS/MG	MT/GO/BA
		OGM	OGM	OGM	OGM	OGM	OGM
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,45	3,45
SEMENTES GM + ROYALTIES	USD/HA	113,44	101,30	107,70	96,17	76,22	59,06
FERTILIZANTES	USD/HA	126,52	282,85	95,19	212,80	80,74	195,99
DEFENSIVOS	USD/HA	123,47	271,90	112,65	248,06	111,76	252,64
OUTROS	USD/HA	153,96	78,73	100,30	33,53	52,75	50,74
CUSTEIO DA LAVOURA	USD/HA	517,39	734,78	415,84	590,56	321,47	558,43
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	151,30	202,60	136,68	183,97	229,62	162,30
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	USD/HA	668,69	937,38	552,52	774,53	551,09	720,73
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	R\$/HA	1.524,61	2.137,23	1.779,11	2.493,99	1.901,26	2.486,52
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	106,96	32,44	88,98	27,56	97,50	22,70
CUSTO OPERACIONAL (B)	USD/HA	775,65	969,82	641,50	802,09	648,59	743,43
RENDA DE FATORES	USD/HA	103,48	117,56	95,20	109,12	89,56	100,47
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)	USD/HA	879,13	1.087,38	736,70	911,21	738,15	843,90
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	51,1	52,9	50,8	49,9	52,0	52,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	3.067	3.173	3.050	2.994	3.120	3.120
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	USD/60 KG	17,20	20,56	14,49	18,26	14,20	16,23
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	R\$/HA	2.004,42	2.479,23	2.372,17	2.934,10	2.546,62	2.911,46
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	22,45	19,33	22,19	19,66	22,83	20,62
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	5,25	-1,23	7,70	1,40	8,63	4,39
PROJEÇÃO PREÇO MÉDIO CBOT	USD/BUSHEL	10,00	10,00	9,50	9,50	10,80	10,80
PROJEÇÃO PREÇO MÉDIO CBOT	USD/60 KG	22,05	22,05	20,94	20,94	23,81	23,81
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	1.147,57	1.022,36	1.127,99	981,03	1.187,16	1.072,24
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,51	3,51	3,36	3,36
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	3.442,71	3.067,09	3.959,25	3.443,43	3.988,86	3.602,73
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	USD/HA	268,44	-65,02	391,29	69,82	449,01	228,34
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	R\$/HA	1.438,29	587,86	1.587,08	509,33	1.442,24	691,27
MARGEM LÍQUIDA SOBRE A RECEITA BRUTA	% (R\$)	41,8%	19,2%	40,1%	14,8%	36,2%	19,2%
MARGEM LÍQUIDA SOBRE A RECEITA BRUTA	SACAS/HA	21,4	10,1	20,4	7,4	18,8	10,0
RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)	USD/HA	478,88	84,98	575,47	206,50	636,07	351,51
EBITDA	R\$/HA	1.918,09	929,86	2.180,14	949,44	2.087,60	1.116,21
MARGEM EBITDA	%	55,7%	30,3%	55,1%	27,6%	52,3%	31,0%



CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



N.CARLOSCOGO.COM.BR



- Em 2016, os preços do milho atingiram níveis recordes no Brasil, diante de uma combinação inédita de fatores que, em sequência, criaram uma pressão altista acentuada.
- Primeiramente, puxadas pela forte alta do dólar ante o Real, entre os meses de agosto de 2015 e fevereiro de 2016, as exportações brasileiras de milho atingiram 19 milhões de toneladas.
- Os estoques de passagem, em 1º de fevereiro de 2016, eram de 10,4 milhões de toneladas, mas o expressivo volume exportado nos primeiros meses do ano, associado à uma redução de 14% na produção da 1ª safra 2015/2016 (verão), foi o propulsor inicial para a disparada dos preços que se inciou em março de 2016.
- Posteriormente, tivemos uma quebra de 30% na 2ª safra 2015/2016 (inverno), estimada inicialmente em 58,8 milhões de toneladas, mas que acabou caindo para 40,6 milhões de toneladas
- A quebra da 2ª safra reforçou a pressão altista sobre os preços, que atingiram um recorde histórico em junho de 2016, com média de R\$ 53,90 por saca de 60 Kg, em São Paulo.



- Para tentar frear a pressão altista, com baixos estoques públicos, o governo federal autorizou a importação de milho dos Estados Unidos sem TEC (Tarifa Externa Comum), ou seja, sem imposto de importação.
- Porém, praticamente, não ingressaram importações dos Estados Unidos, mas a forte alta dos preços domésticos tornou viável a compra de produto da Argentina e Paraguai e o Brasil acabou importando, ao longo de 2016, o maior volume da história, de 3,1 milhões de toneladas.
- Além de atrair importações, a alta prolongada dos preços domésticos do milho fez com que as exportações perdessem fôlego em 2016.
- Com os preços no interior acima da paridade de exportação (preço nos portos para embarques ao exterior), as exportações brasileiras fecharam o ano-safra 2015/2016 em 18,855 milhões de toneladas, queda de 38% frente ao ano anterior, quando o Brasil havia embarcado o recorde de 30,172 milhões de toneladas.
- O resultado foi uma gradual queda de preços, iniciada no final do ano passado e que se intensifica neste início de 2017, com elevação dos estoques de passagem e maior oferta de milho na 1ª safra 2016/2017.



- A tendência é baixista para os preços domésticos do milho em 2017, diante da perspectiva de maior oferta das 2 safras nacionais, projeção de excedentes recordes, elevação da projeção de estoques finais no Brasil, aumento da concorrência da Argentina nos mercados globais de exportação do Brasil, safra recorde em 2016/2017 nos Estados Unidos e a necessidade de convergência dos preços domésticos com a paridade de exportação nos portos, para dar vazão aos elevados excedentes que serão gerados no Brasil.
- O limite de baixa para os preços deverá ser determinado pela firmeza das cotações futuras do milho na Bolsa de Chicago e pela possibilidade de intervenção do governo federal no mercado, através de leilões de contratos de Opção de Vendas e de Aquisições (AGF).
- A oferta de Contrato de Opção de Venda pode chegar até 3 milhões de toneladas e atenderá, sobretudo, a safra de inverno (2ª safra), cuja colheita inicia em julho.
- O governo também avalia a necessidade de garantir o preço por meio de compra direta (Aquisição do Governo Federal (AGF), caso a cotação do grão fique abaixo do Preço Mínimo.



- O Preço Mínimo oficial atualmente é de R\$ 16,50 por saca de 60 Kg em Mato Grosso e Rondônia, e de R\$ 19,21 por saca de 60 Kg nas regiões Sul e Sudeste, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal.
- O Contrato de Opção de Venda é uma modalidade de seguro de preços que dá ao produtor rural e/ou cooperativa o direito - não obrigação - de vender seu produto para o governo, numa data futura, a um preço previamente fixado.
- Esse instrumento permite ao governo formar estoques públicos e também serve para proteger o produtor rural e/ou sua cooperativa contra os riscos de queda nos preços.
- De qualquer forma, a tendência é baixista para os preços domésticos do milho no curto e médio prazo, diante do avanço da colheita da 1ª safra 2016/2017, necessidade de abertura de espaços para armazenar a safra de soja, forte expansão da área da 2ª safra 2016/2017, projeção de estoques finais recordes no Brasil neste ano-safra e necessidade de ajustar as cotações internas à paridade de exportação.
- Os preços do milho seguem em queda na maior parte das regiões.



- Os compradores mantêm a postura retraída e seguem à espera de quedas mais expressivas as cotações.
- A necessidade de compra e o andamento dos trabalhos no campo, tanto da primeira quanto da 2ª safra de 2017, serão determinantes para os preços nas próximas semanas.
- Nos últimos sete dias, no mercado de balcão (preço pago ao produtor) o preço apresenta recuo de 0,5% e, no mercado de lotes (negociação entre empresas), a queda foi de 0,9%.
- As baixas mais expressivas são verificadas nas regiões em que há entrada da safra verão (1^a safra 2016/2017).
- Em São Paulo, na região de Campinas, o Indicador ESALQ/BM&F apresenta alta de 1,3% nos últimos sete dias, cotado a R\$ 36,42 por saca de 60 Kg.
- A entrada de maior volume do cereal paulista é esperada entre a segunda quinzena de fevereiro até a primeira de março, o que restringe a disponibilidade imediata do produto.
- Os preços também devem recuar em São Paulo a partir de março.



- Além disso, o aumento do frete e a preferência pelo escoamento da soja para os portos dificultam a entrada de cereal dos demais Estados na região de São Paulo.
- A produção brasileira está estimada pela nossa Consultoria em 90,7 milhões de toneladas de milho no Brasil nesta safra 2016/2017.
- Caso se concretize, esse será o maior volume já produzido pelo País.
- O aumento da produção é consequência principalmente da expansão da área da 2ª safra, estimada em 11,5 milhões de hectares.
- A produção da 2ª safra 2016/2017 tem potencial para atingir 61,9 milhões de toneladas.
- Para a safra de verão (1ª safra 2016/2017), a produção está estimada em 28,8 milhões de toneladas, 11% maior que a temporada 2015/2016.
- O aumento é influenciado pela elevação de 5,6% na produção dos Estados do Centro-Sul do País.
- Nas regiões Norte e Nordeste, por outro lado, o cereal voltou a perder área para a soja.



- Quanto ao consumo interno, está estimado em 56,1 milhões de toneladas, e importação, de 500,0 mil toneladas.
- Caso as estimativas se concretizem, o Brasil terá excedente exportável (diferença entre a soma dos estoques iniciais, produção e importação com o consumo interno) de 42,9 milhões de toneladas na safra 2016/2017, quantidade 61% superior à da temporada passada.
- Com maior disponibilidade do cereal, a estimativa é de que o Brasil exporte 27,0 milhões de toneladas na temporada 2016/2017, 43% acima do embarcado na anterior.
- A projeção é de estoque final na safra 2016/2017 de 15,9 milhões de toneladas, volume 105% acima do registrado na safra 2015/2016.
- Para que as exportações possam retomar o ritmo e atingir as 27,0 milhões de toneladas, é preciso que o Brasil aumente ainda mais a competitividade internacional.
- Esse é um cenário favorável a compradores, que aguardam novas quedas nos preços, caso problemas climáticos no desenvolvimento das lavouras não ocorram e o aumento na oferta venha a se concretizar.



- Os produtores da 2ª safra se apressam para realizar o plantio, visto que as chuvas das semanas anteriores reduziram o tempo ideal de semeadura, que termina no final deste mês.
- Em Mato Grosso, 26,7% da área havia sido semeada até dia 03/02.
- No Paraná, o plantio atingiu 10,0% até dia 06/02.
- Em termos mundiais, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) voltou a aumentar a estimativa da produção, agora para 1,04 bilhão de toneladas, como consequência principalmente da maior oferta em relação à safra passada nos Estados Unidos, Brasil, Argentina, Ucrânia e México.
- O consumo mundial também foi elevado para 1,03 bilhão de toneladas.
- Com isso, os estoques mundiais tiveram pequena redução de 3,4 milhões de toneladas, agora estimados em 217,0 milhões de toneladas.
- Em relação ao comércio internacional, houve leve aumento de 1,0 milhão de toneladas em exportação e importação, agora estimados em 143,0 milhões de toneladas, com as demandas mais elevadas do Vietnã e do Irã sustentando o aumento.



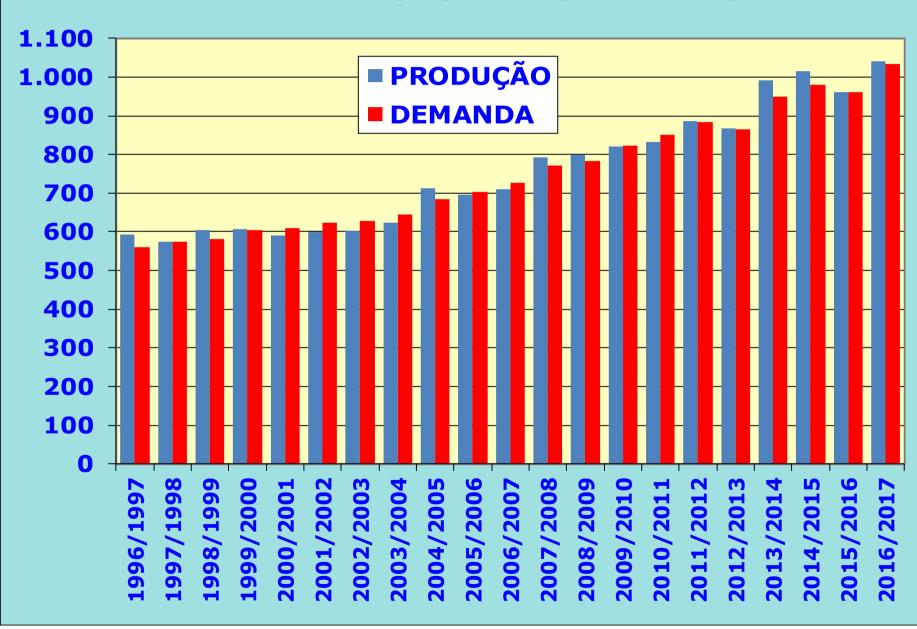
- Estados Unidos, Brasil e Argentina se mantêm como os três principais exportadores globais da temporada 2016/2017, nesta ordem.
- Na Bolsa de Chicago, os contratos de milho continuam em alta, devido ao aumento de posição comprada de fundos e à redução de estoques do cereal norte-americano.
- O fortalecimento do dólar, por outro lado, limita a elevação.
- Nos últimos sete dias, o contrato Março/2017 apresenta leve alta de 0,5%, cotado a US\$ 3,74 por bushel.
- Os vencimentos Maio/2017 e Julho/2017 se valorizaram 0,6% e 0,5% respectivamente, cotados a US\$ 3,77 por bushel e US\$ 3,84 por bushel.
- Na BM&F, o primeiro vencimento, Março/2017, teve elevação de 0,3% nos últimos sete dias, cotado a R\$ 34,27 por saca de 60 Kg.
- O contrato Maio/2017 se valorizou 0,4% no período, para R\$ 32,27 por saca de 60 Kg.
- Os futuros da BM&F vão refletindo o cenário de preços médios expressivamente mais baixos em 2017 em relação aos picos de 2016.

MILHO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL - EM MILHÕES DE TONELADAS							
ANO-SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO MUNDIAL	COMÉRCIO MUNDIAL	OFERTA TOTAL	DEMANDA MUNDIAL	ESTOQUE FINAL	ESTOQUE/ CONSUMO
1989/1990	150,5	459,1	74,4	609,6	475,8	133,8	28,1%
1990/1991	133,8	476,4	58,8	610,2	468,7	141,5	30,2%
1991/1992	141,5	487,5	63,5	629,0	486,5	142,5	29,3%
1992/1993	142,5	538,8	62,2	681,3	513,1	168,2	32,8%
1993/1994	168,2	476,1	58,8	644,3	509,6	134,7	26,4%
1994/1995	134,7	559,0	66,1	693,7	535,5	158,2	29,5%
1995/1996	158,2	515,9	70,3	674,0	536,3	137,7	25,7%
1996/1997	137,7	592,7	65,5	730,4	560,1	170,3	30,4%
1997/1998	170,3	574,1	63,3	744,4	573,7	170,7	29,8%
1998/1999	170,7	605,4	66,9	776,1	581,5	194,7	33,5%
1999/2000	194,7	606,8	76,9	801,5	604,6	196,9	32,6%
2000/2001	196,9	589,5	77,2	786,4	609,3	177,1	29,1%
2001/2002	177,1	598,9	76,3	776,0	622,4	153,6	24,7%
2002/2003	153,6	601,9	78,2	755,5	627,4	128,1	20,4%
2003/2004	128,1	623,0	77,3	751,2	645,0	106,2	16,5%
2004/2005	106,2	712,2	78,2	818,4	685,1	133,3	19,5%
2005/2006	133,3	696,9	80,9	830,2	703,9	126,3	17,9%
2006/2007	126,3	711,1	93,8	837,3	727,0	110,4	15,2%
2007/2008	110,4	792,4	98,6	902,8	772,0	130,9	17,0%
2008/2009	130,9	798,8	84,5	929,7	782,0	147,6	18,9%
2009/2010	147,6	819,4	96,8	967,0	822,8	144,2	17,5%
2010/2011	144,2	832,5	91,5	976,7	850,3	126,4	14,9%
2011/2012	126,4	886,6	117,0	1.013,0	883,2	129,8	14,7%
2012/2013	129,8	868,0	95,2	997,8	864,7	133,1	15,4%
2013/2014	133,1	990,5	131,1	1.123,5	948,9	174,7	18,4%
2014/2015	174,7	1.015,6	142,2	1.190,3	980,6	209,7	21,4%
2015/2016	209,7	960,7	121,1	1.170,4	960,1	210,3	21,9%
2016/2017	210,3	1.040,2	149,0	1.250,5	1.033,0	217,5	21,1%
VAR. 2015-2016/2014-2015	20,0%	-5,4%	-14,8%	-1,7%	-2,1%	0,3%	
VAR. 2016-2017/2015-2016	0,3%	8,3%	23,0%	6,8%	7,6%	3,4%	
Fonte: IISDA FEVEDETDO / 2	017						

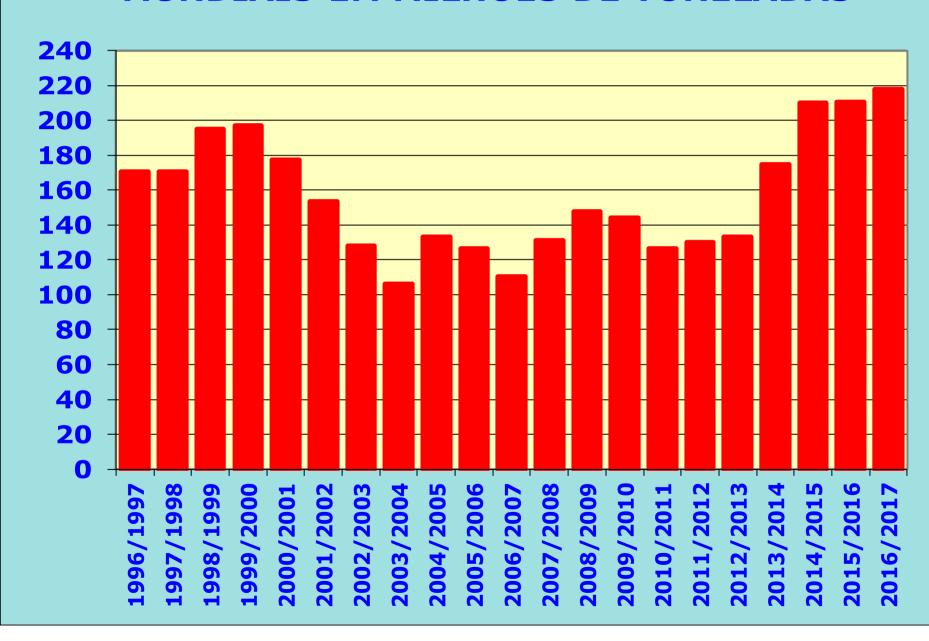
Fonte: USDA FEVEREIRO/2017

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

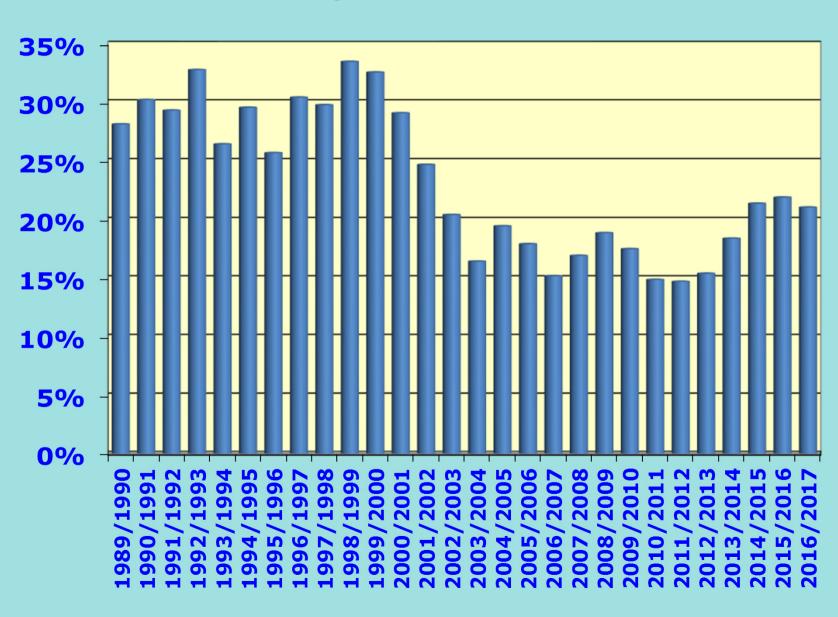
MILHO: PRODUÇÃO E DEMANDA MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS



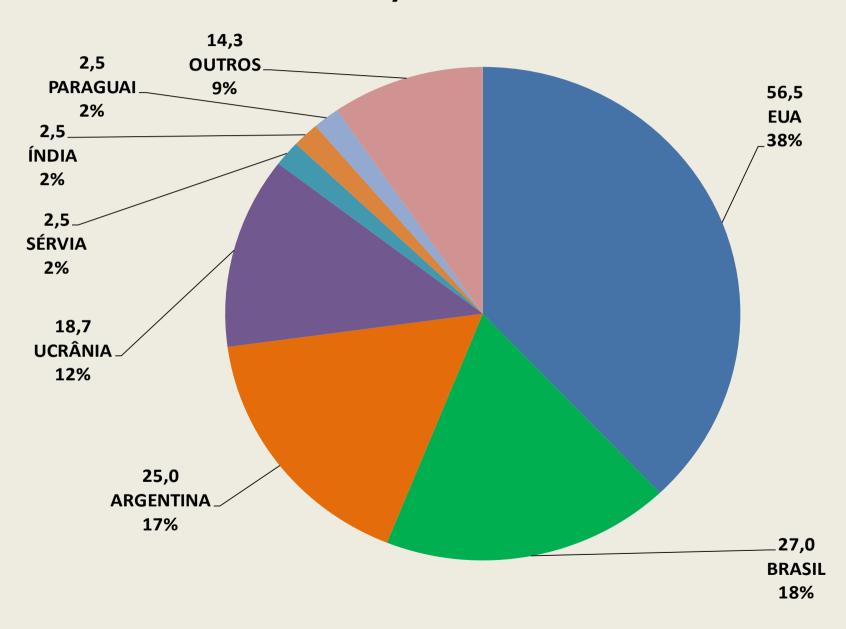
MILHO: ESTOQUES DE PASSAGEM MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



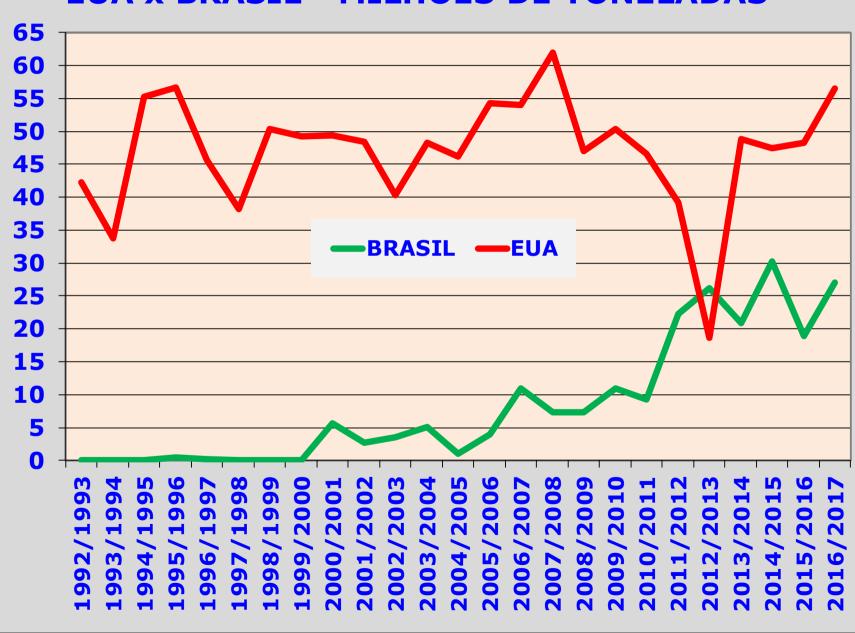
MILHO: RELAÇÃO ESTOQUES DE PASSAGEM/DEMANDA MUNDIAL



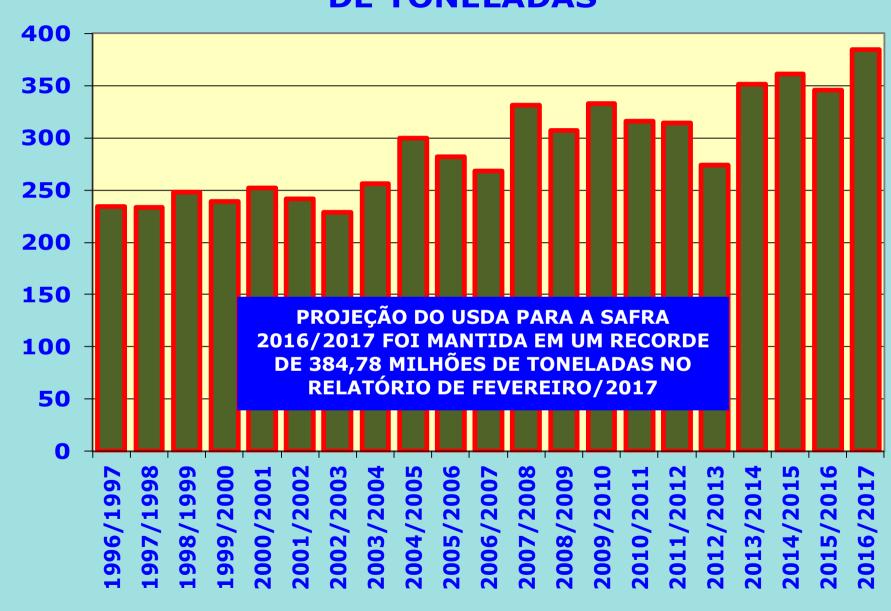
MILHO: PRINCIPAIS EXPORTADORES MUNDIAIS 2016/2017 - MILHÕES T E %



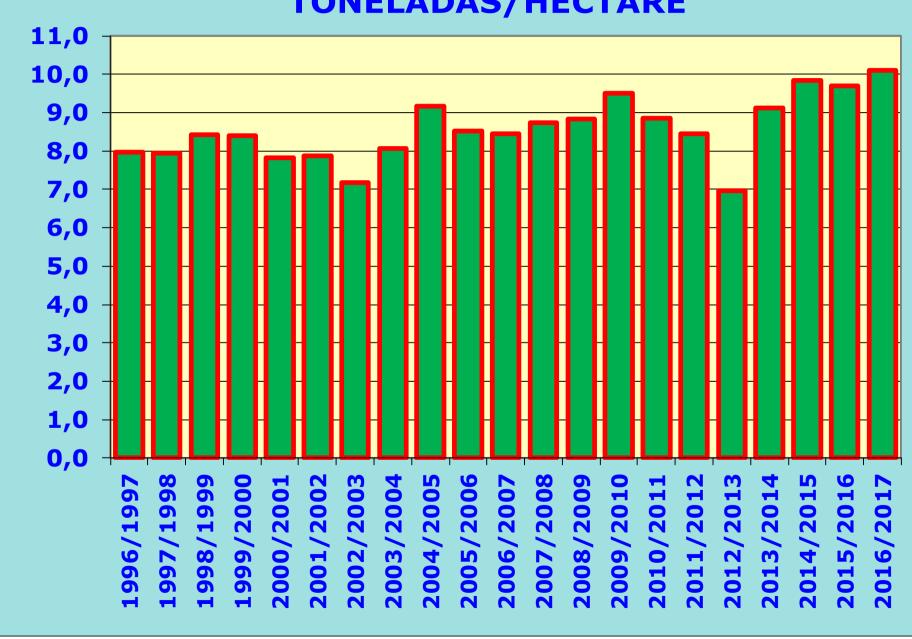
EXPORTAÇÕES DE MILHO EUA x BRASIL - MILHÕES DE TONELADAS



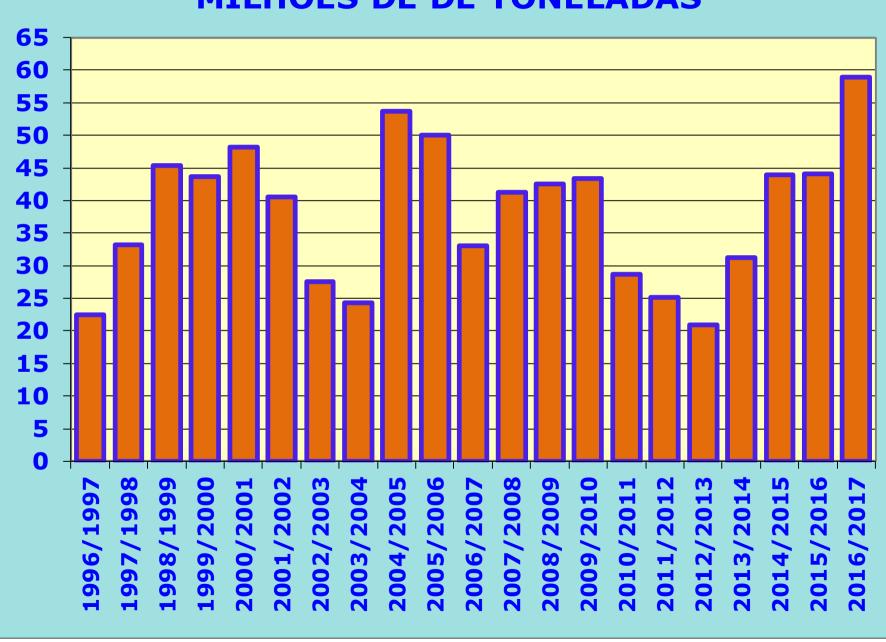
EUA: PRODUÇÃO DE MILHO EM MILHÕES DE TONELADAS



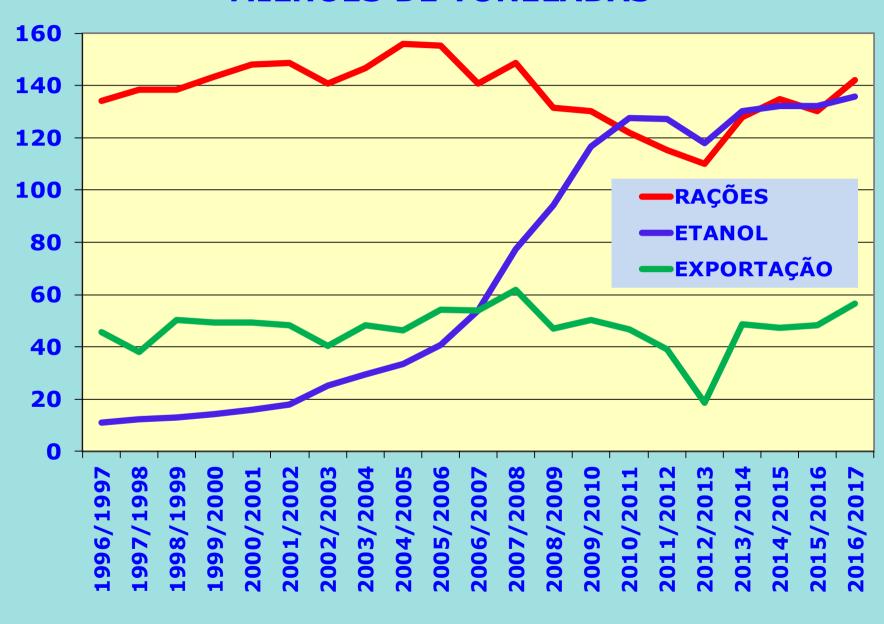
EUA: PRODUTIVIDADE MÉDIA DO MILHO TONELADAS/HECTARE



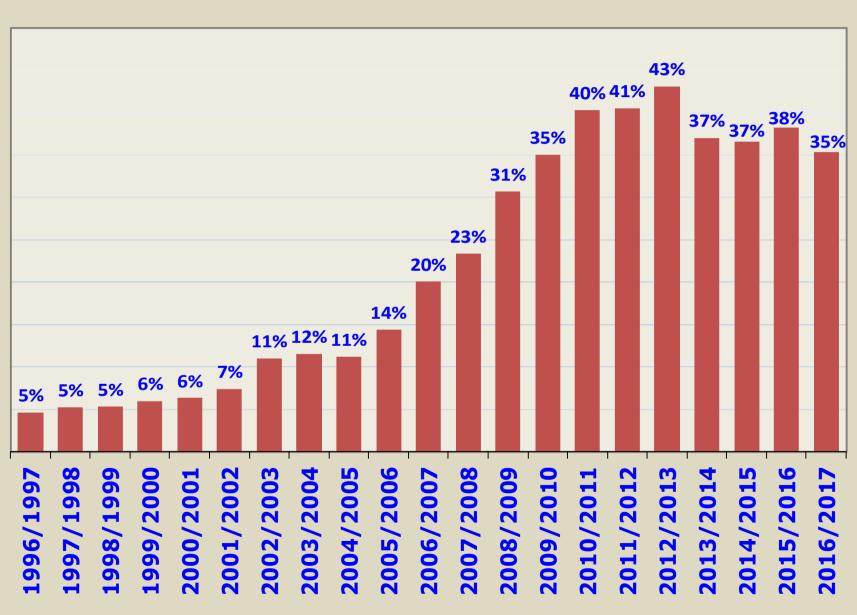
EUA: ESTOQUES FINAIS DE MILHO MILHÕES DE DE TONELADAS



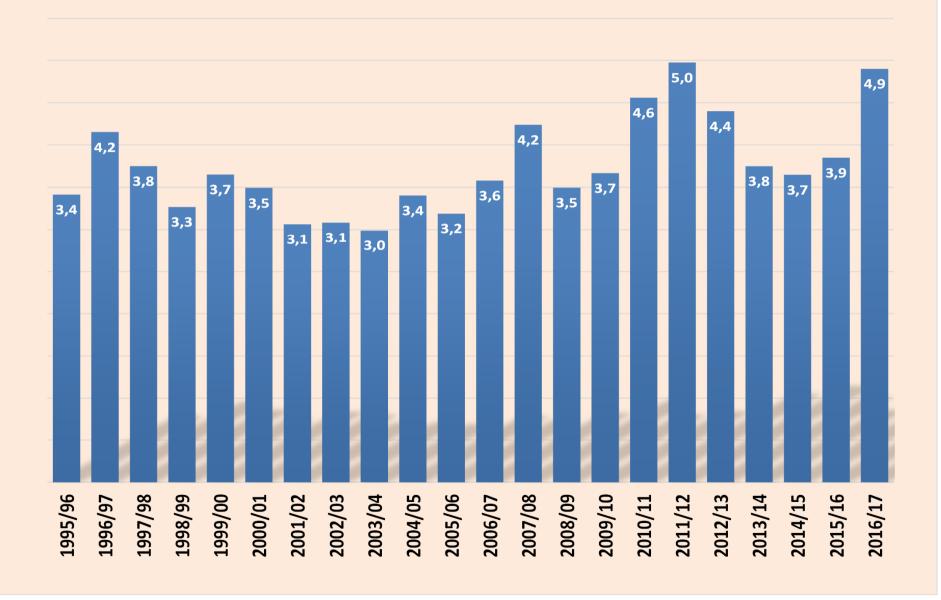
EUA: DESTINAÇÃO DA PRODUÇÃO DE MILHO MILHÕES DE TONELADAS



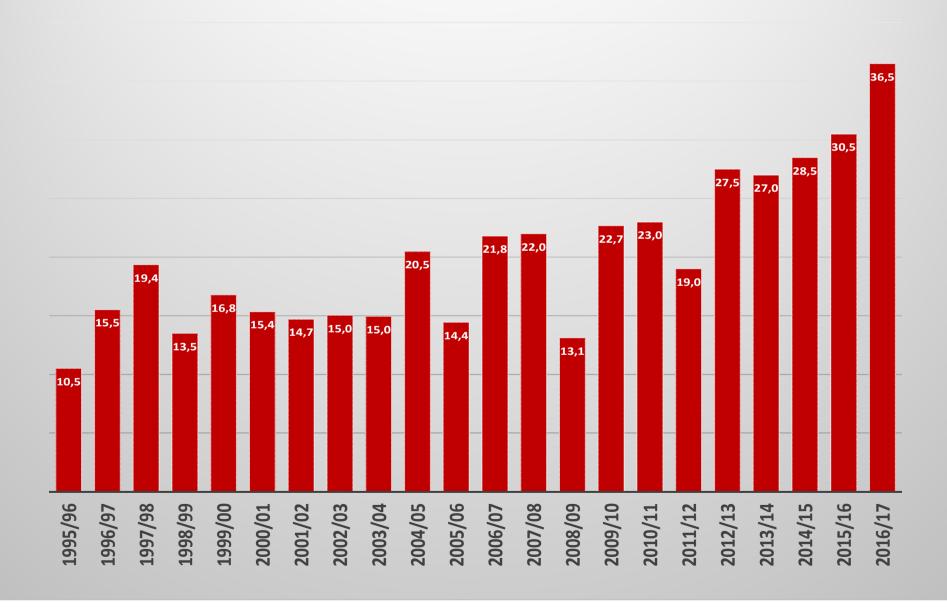
EUA: PARTICIPAÇÃO DA DEMANDA DE ETANOL NA PRODUÇÃO DE MILHO (%)



ARGENTINA: ÁREA DE CULTIVO DE MILHO EM MILHÕES DE HECTARES



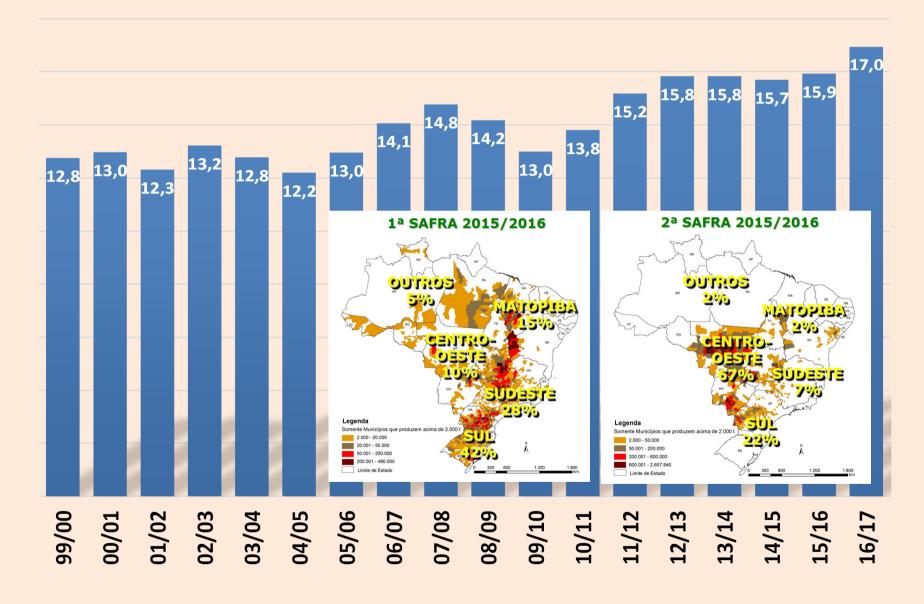
ARGENTINA: PRODUÇÃO DE MILHO EM MILHÕES DE TONELADAS



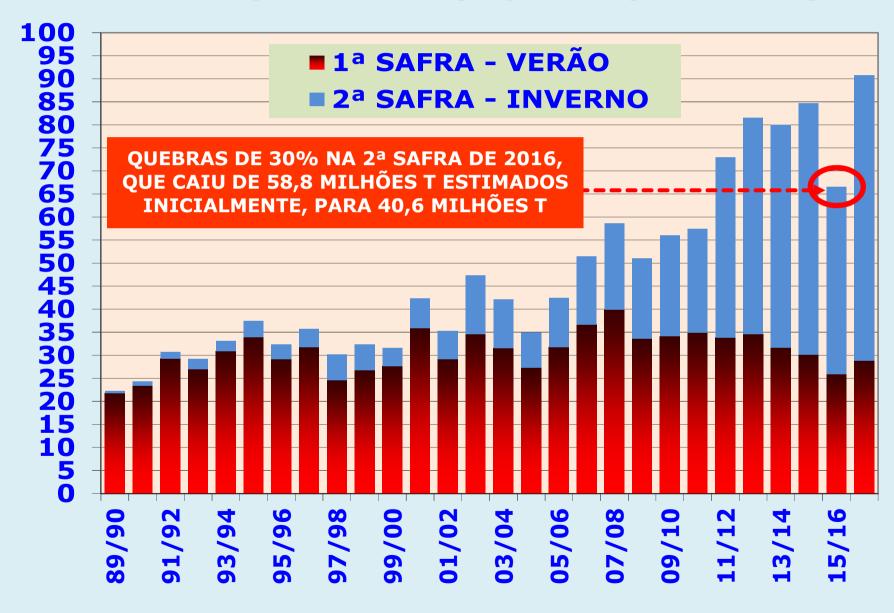
MILHO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL NA 1º SAFRA (VERÃO) x 2º SAFRA (INVERNO) - MILHÕES DE HA



BRASIL: ÁREA TOTAL DE CULTIVO DE MILHO MILHÕES DE HECTARES



MILHO: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NO BRASIL - MILHÕES DE TONELADAS





MILHO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

SAFRAS 2010/2011 A 2016/2017

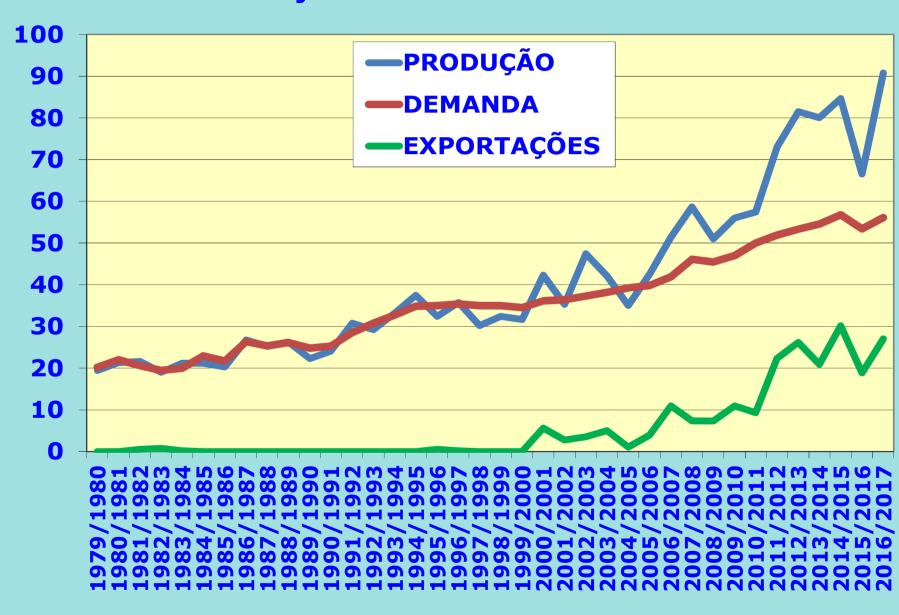
EM MIL TONELADAS

ANO-SAFRA (FEVEREIRO-JANEIRO)

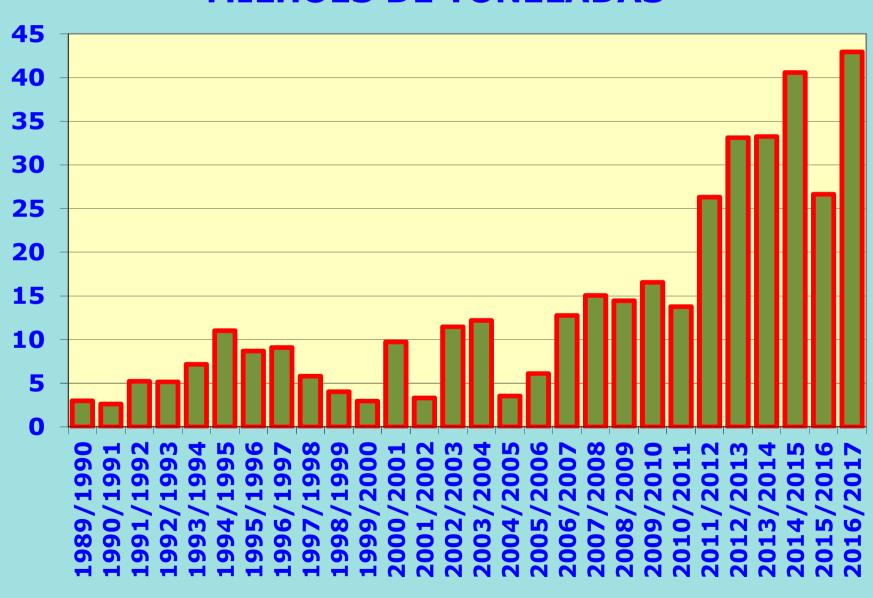
ITEM	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017*	VAR. 2015- 2016/ 2014- 2015 (%)	VAR. 2015- 2016/ 2014- 2015 (%)
ESTOQUE INICIAL	5.585,9	4.459,5	3.996,3	6.951,4	12.327,4	10.401,3	7.788,8	-16%	-25%
PRODUÇÃO	57.407,0	72.979,5	81.505,7	80.051,7	84.672,5	66.530,9	90.746,7	-21%	36%
PRIMEIRA SAFRA	34.946,7	33.867,1	34.576,8	31.652,6	30.082,0	25.853,6	28.816,7	-14%	11%
SEGUNDA SAFRA	22.460,3	39.112,4	46.928,9	48.399,1	54.590,5	40.677,3	61.930,0	-25%	52%
IMPORTAÇÕES	764,4	774,0	911,4	790,7	316,1	3.100,0	500,0	881%	-84%
OFERTA TOTAL	63.757,3	78.213,0	86.413,4	87.793,8	97.316,0	80.032,2	99.035,5	-18%	24%
EXPORTAÇÕES	9.311,9	22.313,7	26.174,1	20.924,8	30.172,3	18.855,6	27.000,0	-38%	43%
CONSUMO INTERNO	49.985,9	51.903,0	53.287,9	54.541,6	56.742,4	53.387,8	56.100,0	-6%	5%
DEMANDA TOTAL	59.297,8	74.216,7	79.462,0	75.466,4	86.914,7	72.243,4	83.100,0	-17%	15%
ESTOQUE FINAL	4.459,5	3.996,3	6.951,4	12.327,4	10.401,3	7.788,8	15.935,5	-25%	105%
DIAS DE CONSUMO	33	28	48	82	67	53	104		

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA *Projeções

MILHO: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES - BRASIL - MILHÕES T



MILHO: EXCEDENTES NO BRASIL (OFERTA TOTAL - CONSUMO INTERNO) MILHÕES DE TONELADAS

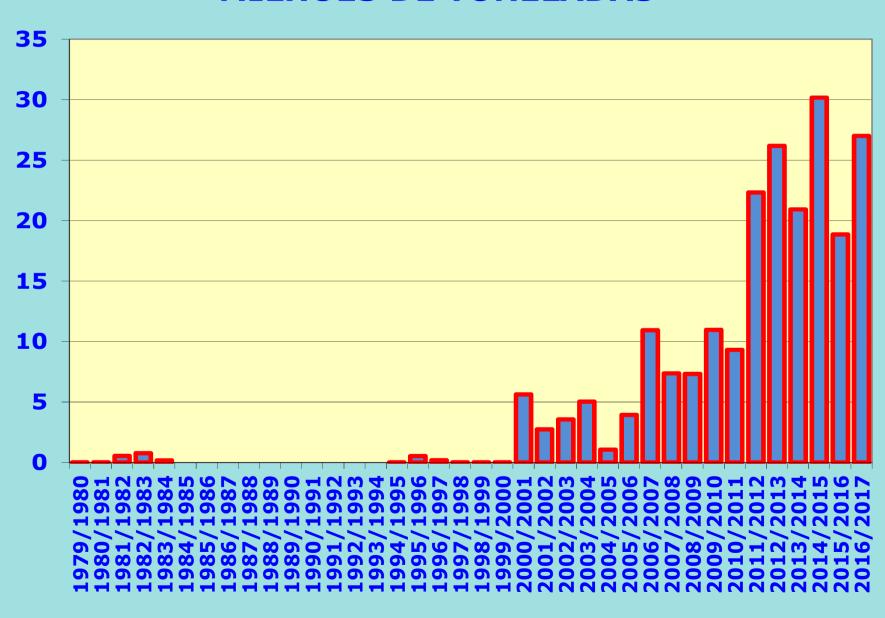


MILHO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 2014 A 2017 MILHÕES T/MÊS

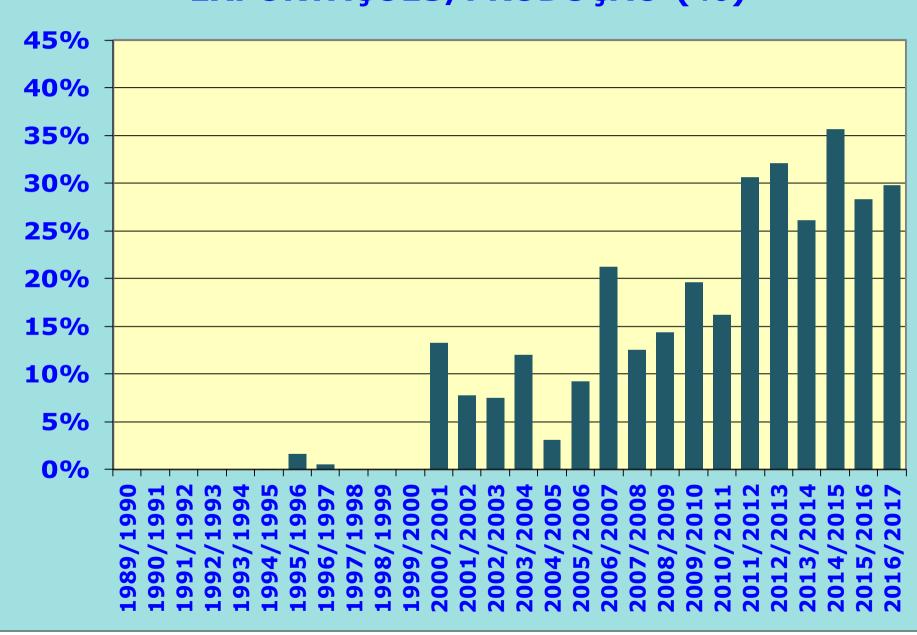


ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

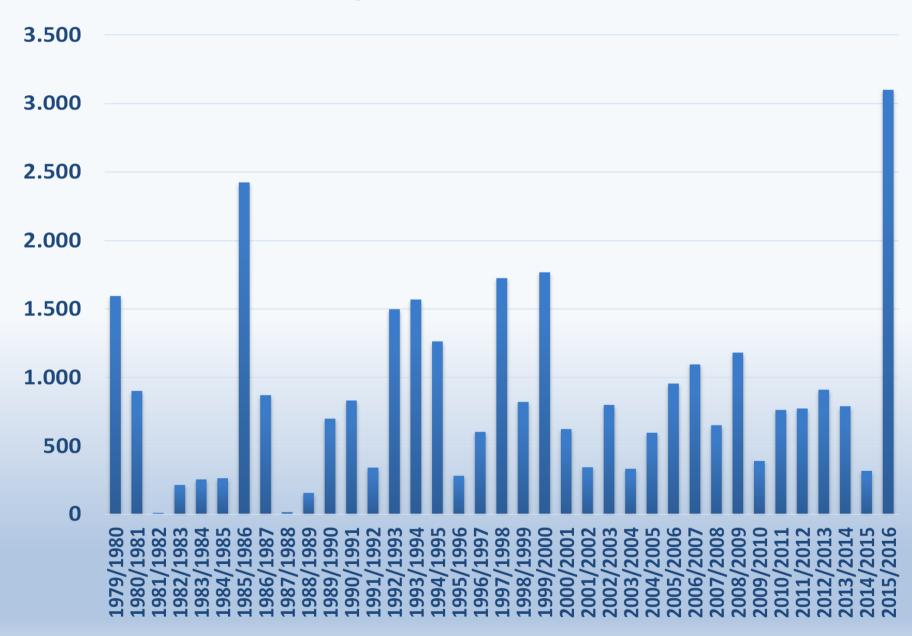
MILHO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS



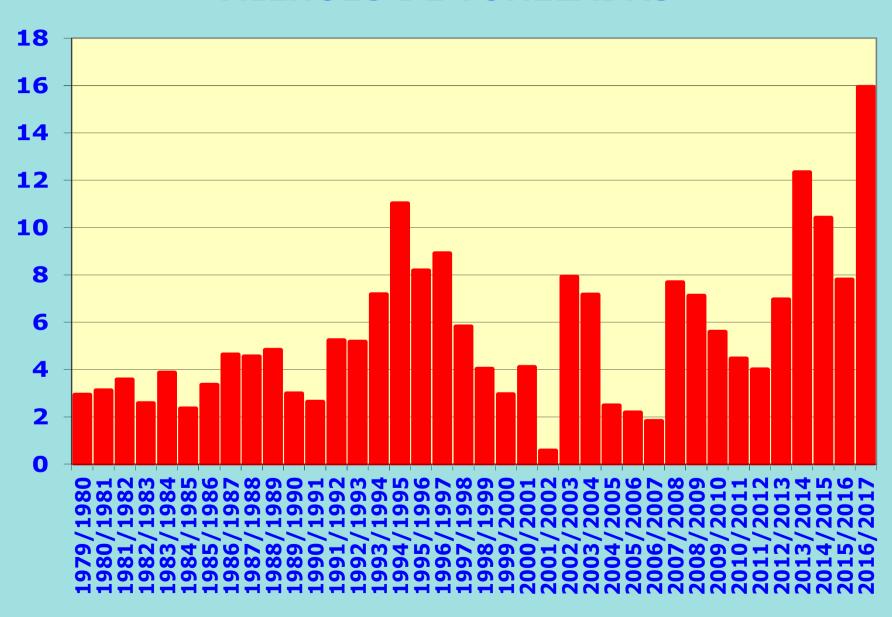




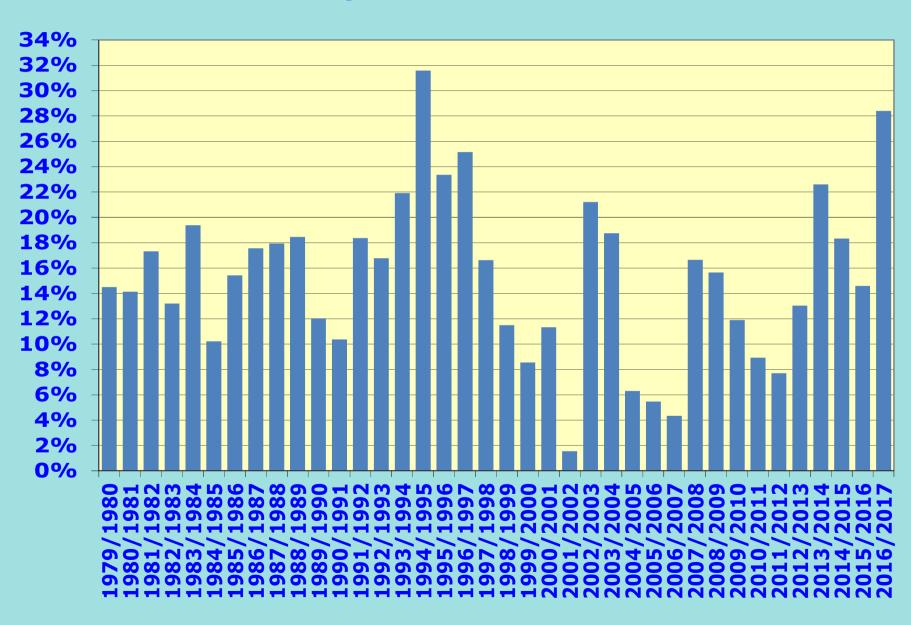
MILHO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MIL TONELADAS



MILHO: ESTOQUES FINAIS NO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



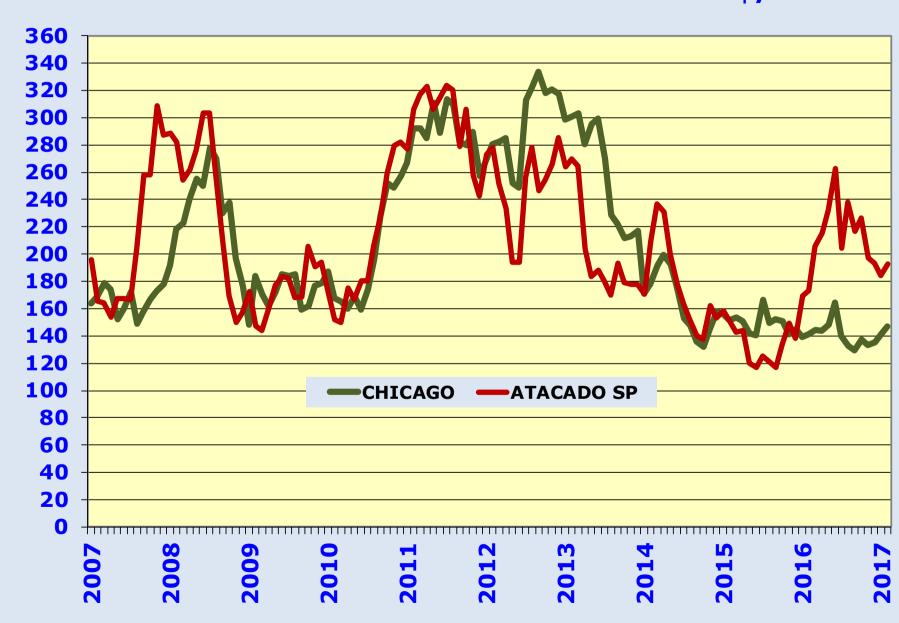
MILHO: RELAÇÃO ESTOQUES DE PASSAGEM/DEMANDA NO BRASIL



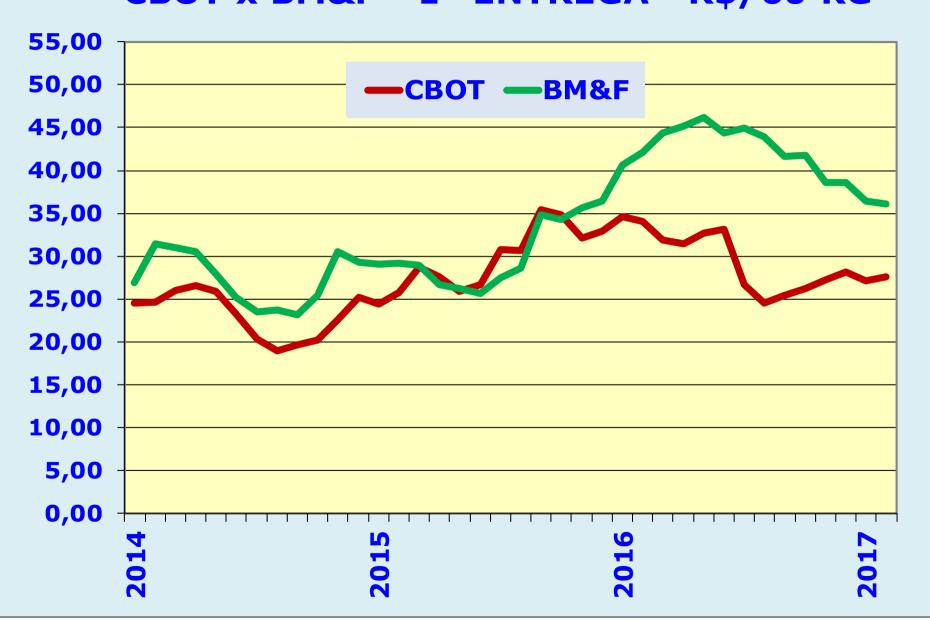
MILHO: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES NA BOLSA DE CHICAGO - US\$/BUSHEL



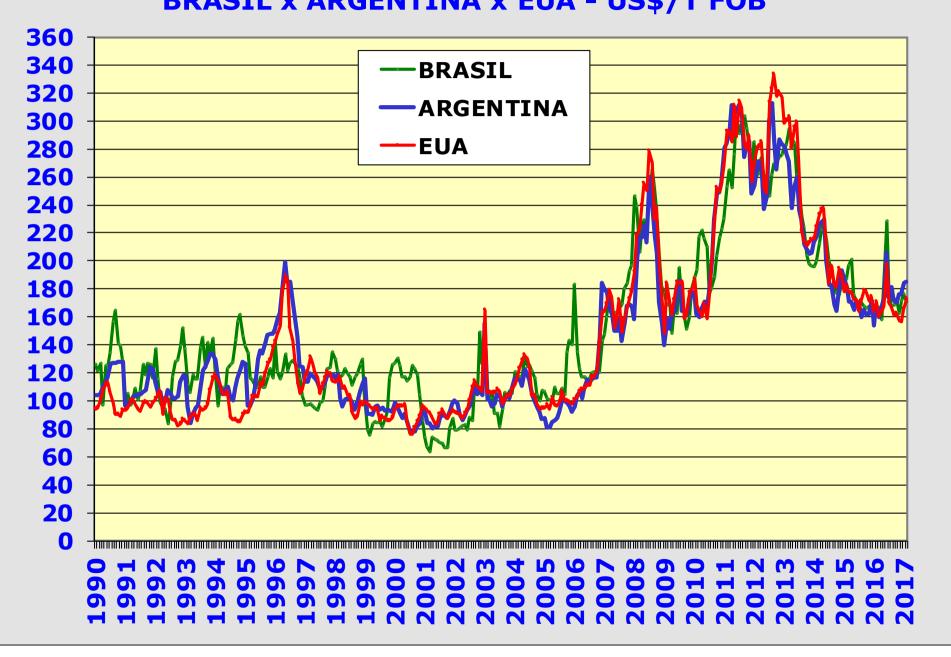
MILHO: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES NA BOLSA DE CHICAGO x ATACADO CIF SP - US\$/T



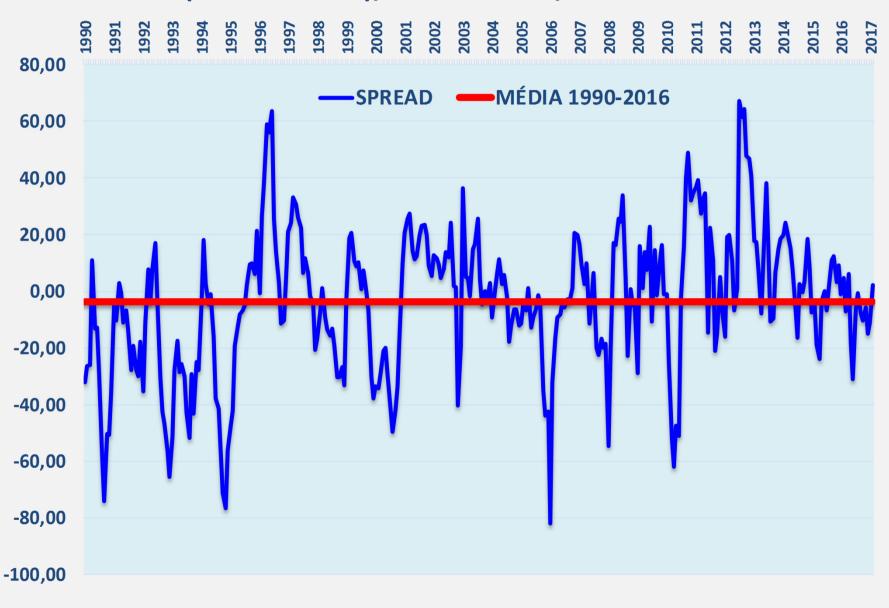




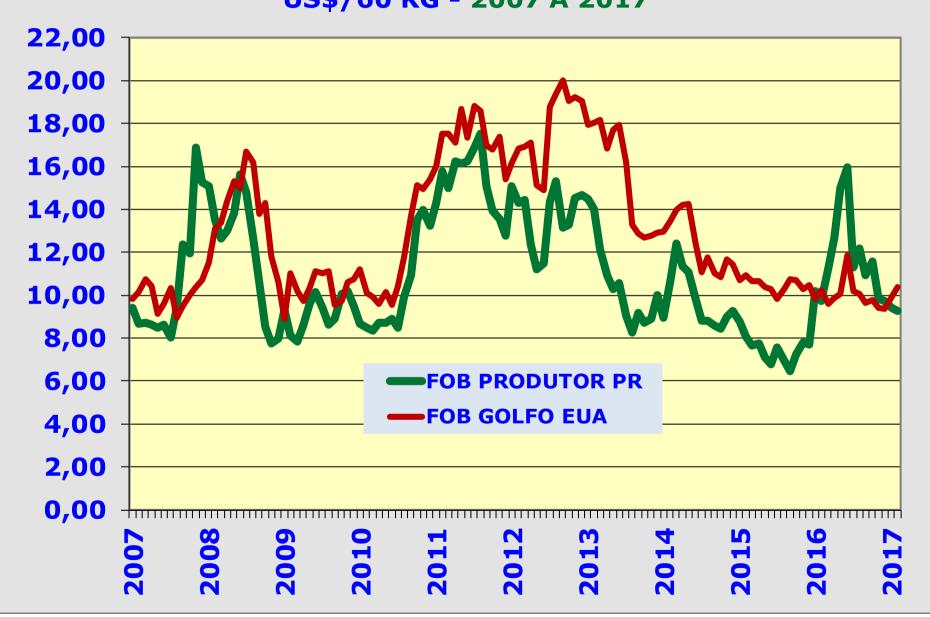
MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS FOB PORTOS BRASIL x ARGENTINA x EUA - US\$/T FOB



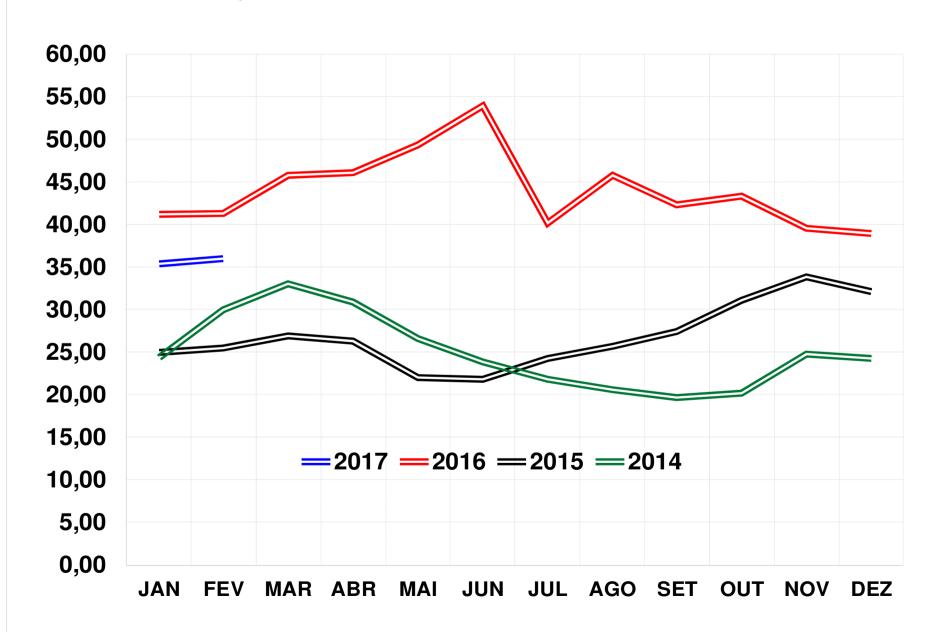
MILHO: SPREAD EXPORTAÇÃO FOB GOLFO (EUA)/ (PARANAGUÁ)/BRASIL - US\$/TONELADA



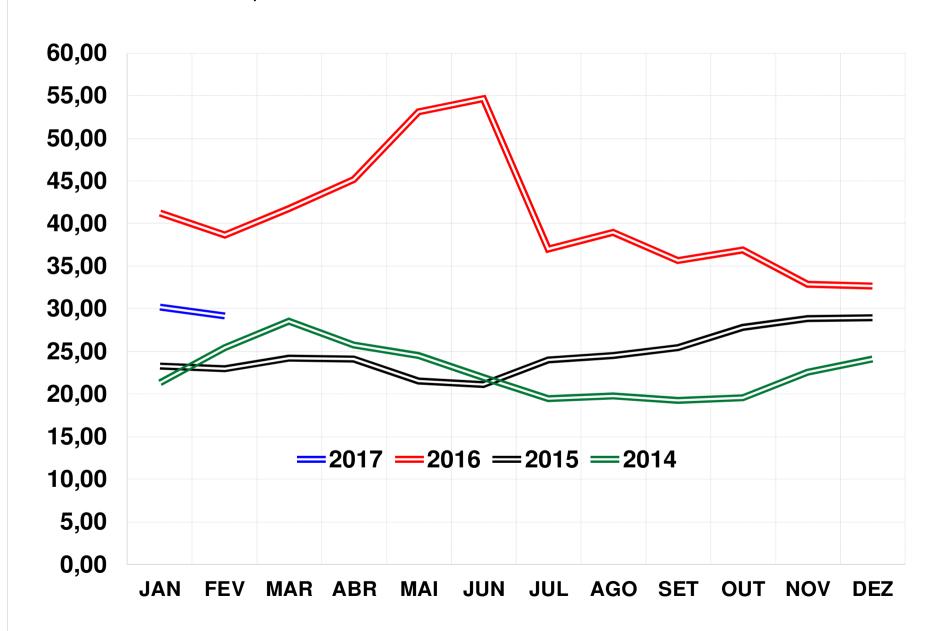
MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS PRODUTOR PR x FOB GOLFO EUA US\$/60 KG - 2007 A 2017



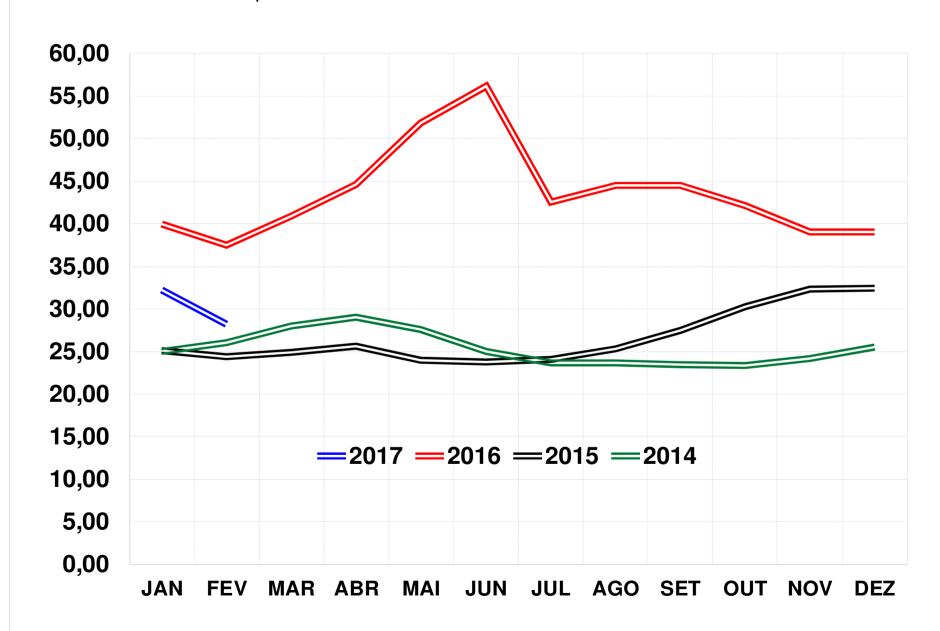
MILHO GRÃOS: PREÇO NO ATACADO CIF SP R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



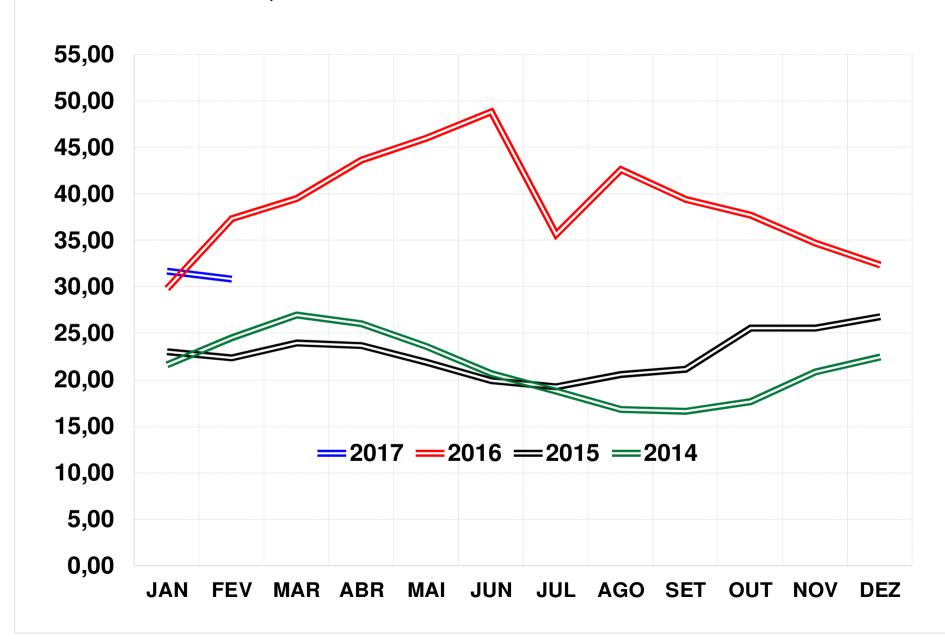
MILHO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB PR R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



MILHO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB RS R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



MILHO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB GO R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES

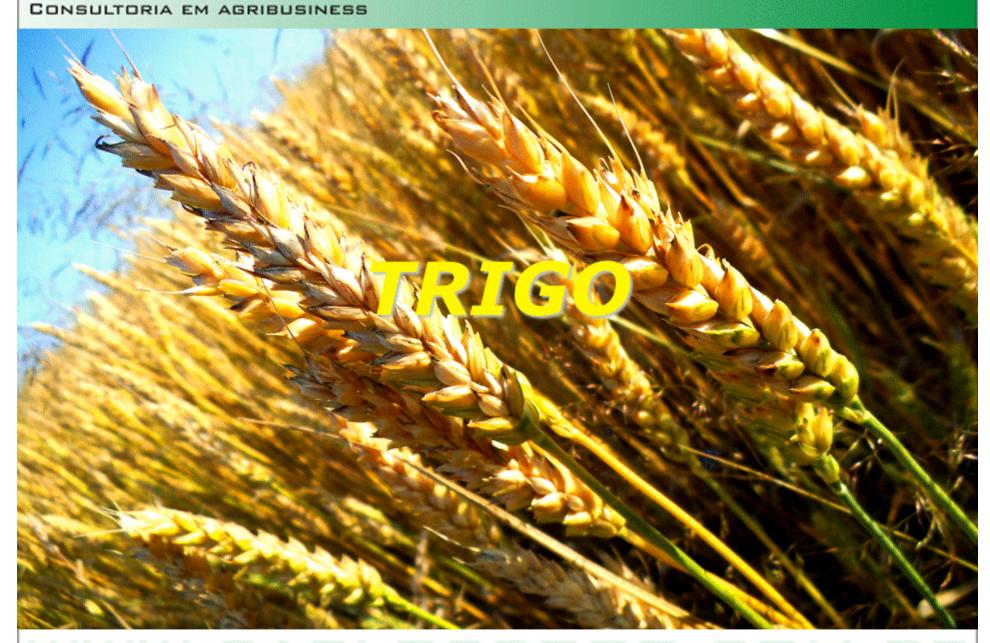


MILHO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA	2014/	2015	2015/	2015/2016		2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SUL/SUDESTE	CERRADO	SUL/SUDESTE	CERRADO	SUL/SUDESTE	CERRADO
ESTADOS		PR/RS/SP/MG MT/MS/GO/BA		PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA	PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA
ITEM	UNIDADE	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,45	3,45
SEMENTES	USD/HA	165,11	118,06	130,31	117,93	128,96	101,27
FERTILIZANTES	USD/HA	316,30	192,65	225,95	188,24	215,84	159,23
DEFENSIVOS	USD/HA	104,13	123,57	94,19	107,45	109,83	95,13
OUTROS	USD/HA	237,50	56,26	197,22	47,87	81,98	41,03
CUSTEIO DA LAVOURA	USD/HA	823,04	490,54	647,67	461,49	536,61	396,66
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	201,31	195,04	182,46	238,82	166,12	205,13
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	USD/HA	1.024,35	685,58	830,13	700,31	702,73	601,79
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	R\$/HA	2.335,52	1.563,12	2.673,02	2.255,00	2.424,42	2.076,18
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	113,05	24,78	94,27	23,60	40,98	20,00
CUSTO OPERACIONAL (B)	USD/HA	1.137,40	710,36	924,40	723,91	743,71	621,79
RENDA DE FATORES	USD/HA	129,99	71,17	118,61	68,94	204,65	64,36
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)	USD/HA	1.267,39	781,53	1.043,01	792,85	948,36	686,15
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	144,1	108,6	132,6	68,3	130,0	110,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	8.645	6.516	7.953	4.095	7.800	6.600
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	USD/60 KG	8,80	7,20	7,87	11,62	7,30	6,24
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	R\$/HA	2.889,65	1.781,89	3.358,49	2.552,98	3.271,84	2.367,22
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	9,19	6,61	11,98	9,36	9,40	6,05
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	0,39	-0,59	4,11	-2,26	2,10	-0,19
PREÇO MÉDIO CBOT	USD/BUSHEL	3,65	3,65	3,60	3,60	3,55	3,55
PREÇO MÉDIO CBOT	USD/60 KG	8,62	8,62	8,50	8,50	8,39	8,39
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	1.324,13	717,85	1.587,95	638,82	1.222,00	665,50
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,51	3,51	3,36	3,36
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	3.972,38	2.153,54	5.573,70	2.242,26	4.105,92	2.236,08
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	USD/HA	56,74	-63,68	544,94	-154,03	273,64	-20,65
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	R\$/HA	1.082,73	371,65	2.215,21	-310,72	834,08	-131,14
MARGEM LÍQUIDA SOBRE A RECEITA BRUTA	% (R\$)	27,3%	17,3%	39,7%	-13,9%	20,3%	-5,9%
MARGEM LÍQUIDA SOBRE A RECEITA BRUTA	SACAS/HA	39,3	18,7	52,7	-9,5	26,4	-6,5
RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)	USD/HA	299,78	32,27	757,82	-61,49	519,27	63,71
EBITDA	R\$/HA	1.636,86	590,42	2.900,68	-12,74	1.681,50	159,90
MARGEM EBITDA	%	41,2%	27,4%	52,0%	-0,6%	41,0%	7,2%

OBS.: PARA A 2ª SAFRA, CONSIDERAR COMO RENTABILIDADE O RESULTADO EBITDA EM R\$/HA

CARLOS COGO





- Segundo o relatório mensal de oferta e demanda mundial, de fevereiro/2017, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), depois de elevar por três meses consecutivos a projeção para o estoque mundial de trigo na safra 2016/2017, a projeção foi reduzida, para 248,6 milhões de toneladas, contra 253,3 milhões de toneladas estimados em janeiro.
- No relatório, foi reduzida a projeção para os estoques finais dos Estados Unidos na temporada 2016/2017, de 32,29 milhões de toneladas, para 31,01 milhões de toneladas.
- O USDA elevou a estimativa de uso doméstico do grão para 61,81 milhões de toneladas e manteve as projeções para a safra norteamericana na temporada em 62,87 milhões de toneladas.
- A previsão de exportações de trigo dos Estados Unidos foi elevada para 27,90 milhões de toneladas.
- O USDA alterou sua perspectiva de preço pago ao produtor dos Estados Unidos em 2016/17, do intervalo de US\$ 3,75 a US\$ 3,85 por bushel, para US\$ 3,80 a US\$ 3,90 por bushel.



- No mercado brasileiro, a comercialização de trigo está mais aquecida na maioria das regiões.
- Muitos moinhos têm maior interesse de compra no mercado interno, visando repor estoques.
- Parte dos compradores, no entanto, ainda está afastada das aquisições.
- No Paraná, na região oeste, muitas indústrias ainda recebem trigo do Paraguai a valores mais competitivos que os praticados no Estado.
- Os produtores, por sua vez, estão ativos nas negociações, no intuito de abrir espaço nos armazéns para receber a safra de verão de grãos (1^a safra 2016/2017).
- Mesmo com a maior liquidez, os preços internos do cereal não reagem.
- No mercado de lotes (negociações entre empresas), o preço do trigo caiu 1,3% nos últimos sete dias no Paraná e 0,5% em São Paulo, enquanto no Rio Grande do Sul houve pequena reação de 0,3%.
- No mercado de balcão (preço pago ao produtor), o preço subiu 2,1% no Paraná no mesmo período, mas recuou 1,3% no Rio Grande do Sul.



- Na safra brasileira de 2016 (ano comercial 2016/2017), a produção foi recorde de 6,755 milhões de toneladas de trigo, devido ao ganho de produtividade, já que a área semeada caiu frente à temporada anterior.
- Para ajudar no escoamento da safra atual, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) realizou mais um leilão de Pepro (Prêmio Equalizador Pago ao Produtor) no dia 8 de fevereiro, quando foram negociadas 55 mil toneladas de trigo do Rio Grande do Sul.
- Também no dia 8 de fevereiro, outra medida de apoio aos produtores brasileiros foi anunciada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).
- Os produtores terão apoio do Banco do Brasil para quitar dívidas de custos da safra atual, por meio do Financiamento para Garantia de Preço ao Produtor (FGPP).
- Para a próxima safra 2017 (ano comercial 2017/2018), a tendência é de que a área de trigo deverá cair mais uma vez, mesmo com o clima favorável à qualidade em 2016, em decorrências das dificuldades de escoamento e da queda de preços na temporada atual.



- No Paraná, a área semeada deve diminuir em detrimento do cultivo de milho 2ª safra de 2017, que deve ser a primeira opção de produtores.
- Em algumas regiões de São Paulo, parte dos produtores tem trocado a semente de milho 2ª safra por sementes de trigo.
- Com o atraso na colheita da soja, a janela de plantio de milho diminuiu e, caso este cereal seja semeado fora do período ideal, há maior risco de queda na produtividade, com possíveis adversidades climáticas.
- No segmento de derivados, o volume de negócios de farinhas está dentro da normalidade.
- Nos últimos sete dias, os preços da farinha para pré-mistura (cotadas em sacas de 25 Kg) recuaram 1,04%; para massas em geral, 0,94% e, para bolacha salgada, 0,91%; enquanto as cotações das farinhas para bolacha doce e panificação mantiveram-se estáveis.
- Para o farelo, em São Paulo, os valores subiram como consequência da menor disponibilidade do farelo, devido à queda na moagem e da melhora na demanda, influenciada pela oferta limitada de milho, ambos são substitutos na ração animal.



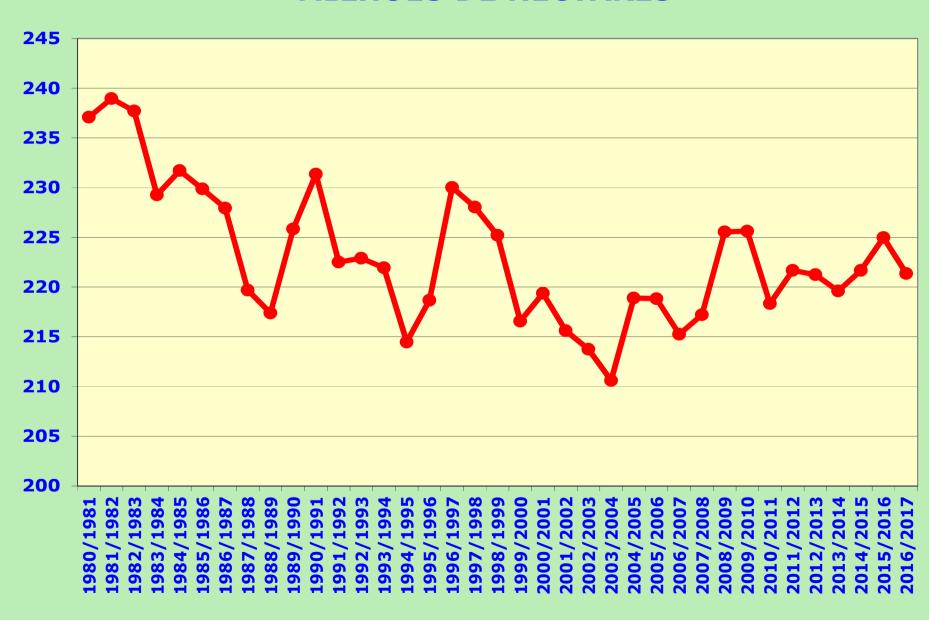
- Na Região Sul do País, a menor demanda mantém os valores em queda.
- Nos últimos sete dias, o farelo ensacado se desvalorizou 2,43% e o a granel, apenas 0,08%.
- Na Argentina, a produção está estimada em 15,0 milhões de toneladas em 2016/2017 e o consumo doméstico, em 6,4 milhões de toneladas.
- O volume exportado na safra 2016/2017 está estimado em 8,8 milhões de toneladas, com estoques finais de apenas 370 mil toneladas.
- Neste cenário, o preço pago pelo cereal produzido na Argentina pode subir a longo prazo se a demanda continuar aquecida.
- O preço FOB Porto de Buenos Aires registrou alta de 1,1% nos últimos sete dias, cotado a US\$ 184,00 por tonelada.
- Nos últimos sete dias, os preços externos do trigo apresentam alta, refletindo as projeções de menores estoques mundiais e norteamericanos, além do movimento de cobertura de posições vendidas.
- Na Bolsa de Chicago, o contrato Maio/2017 do trigo Soft Red Winter subiu 4,5%, para US\$ 4,63 por bushel e na Bolsa de Kansas, o trigo Hard Red Winter subiu 4,4%, cotado a US\$ 4,73 por bushel.

		TF	RIGO: OFER	RTA E DEMA	NDA MUND	IAL		
	ÁREA DE	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO	COMÉRCIO	CONSUMO	CONSUMO	ESTOQUES	ESTOQUES/
SAFRA	CULTIVO	MÉDIA	MUNDIAL	GLOBAL	RAÇÕES	TOTAL	FINAIS	CONSUMO
	milhões ha	Kg/hectare	milhões t	milhões t	milhões t	milhões t	milhões t	%
1980/1981	237,1	1.840	436,3	93,2	91,2	444,1	113,8	25,6%
1981/1982	239,0	1.862	445,1	100,5	90,6	445,1	113,7	25,5%
1982/1983	237,7	1.989	472,8	97,7	92,8	455,6	131,1	28,8%
1983/1984	229,3	2.113	484,4	101,2	95,6	469,0	146,4	31,2%
1984/1985	231,7	2.196	509,0	104,7	99,9	486,3	169,1	34,8%
1985/1986	229,9	2.153	494,9	83,6	97,2	485,0	179,0	36,9%
1986/1987	227,9	2.299	524,1	89,7	113,2	511,4	191,7	37,5%
1987/1988	219,7	2.257	496,0	114,1	113,6	530,1	157,6	29,7%
1988/1989	217,4	2.277	495,0	104,3	104,0	518,6	134,0	25,8%
1989/1990	225,8	2.361	533,2	103,8	103,7	531,0	136,1	25,6%
1990/1991	231,4	2.542	588,1	101,1	130,1	553,7	170,5	30,8%
1991/1992	222,5	2.440	542,9	111,2	113,8	550,9	162,5	29,5%
1992/1993	222,9	2.522	562,1	113,1	110,9	549,2	175,6	32,0%
1993/1994	221,9	2.517	558,6	101,7	108,3	553,8	180,5	32,6%
1994/1995	214,5	2.443	524,0	101,5	99,6	544,3	160,2	29,4%
1995/1996	218,7	2.462	538,4	99,1	90,7	545,5	153,0	28,1%
1996/1997	230,0	2.530	582,0	100,2	97,7	570,2	164,8	28,9%
1997/1998	228,1	2.675	610,1	104,3	101,8	579,4	195,5	33,7%
1998/1999	225,2	2.618	589,7	102,0	103,5	579,1	206,1	35,6%
1999/2000	216,6	2.706	586,0	112,8	99,3	585,2	207,0	35,4%
2000/2001	219,4	2.660	583,7	102,8	106,4	585,7	205,0	35,0%
2001/2002	215,6	2.697	581,6	108,1	107,9	586,3	201,0	34,3%
2002/2003	213,7	2.656	567,7	110,1	112,6	604,1	166,1	27,5%
2003/2004	210,6	2.633	554,6	104,5	96,7	588,8	132,7	22,5%
2004/2005	218,9	2.872	628,6	111,1	106,6	610,0	151,2	24,8%
2005/2006	218,8	2.840	621,5	116,2	111,3	624,4	147,7	23,6%
2006/2007	215,3	2.767	595,6	111,6	106,2	615,2	128,2	20,8%
2007/2008	217,2	2.810	610,4	117,2	96,3	616,9	123,3	20,0%
2008/2009	225,6	3.024	682,2	143,7	117,9	641,5	166,7	26,0%
2009/2010	225,6	3,039	685,6	135,8	117,7	650,2	200,8	30,9%
2010/2011	218,3	3,192	652,2	132,9	116,1	654,7	198,9	28,5%
2011/2012	221,7	2,942	697,0	157,8	146,9	697,1	198,9	30,4%
2012/2013	221,3	2,977	658,7	137,4	137,0	680,0	175,6	25,8%
2013/2014	219,6	3,255	714,9	165,9	126,5	697,9	193,9	27,8%
2014/2015	221,7	3,285	728,3	164,4	131,8	705,7	217,5	30,8%
2015/2016	225,0	3,270	735,6	172,8	138,5	712,3	240,8	33,8%
2016/2017	221,4	3,380	748,2	179,0	149,0	740,4	248,6	33,6%
% 16/15	1,5%	-0,5%	1,0%	5,1%	5,1%	0,9%	10,7%	9,7%
% 17/16	<mark>-1,6%</mark> EVEREIRO/2017	3,4%	1,7%	3,6%	7,5%	3,9%	3,3%	-0,7%

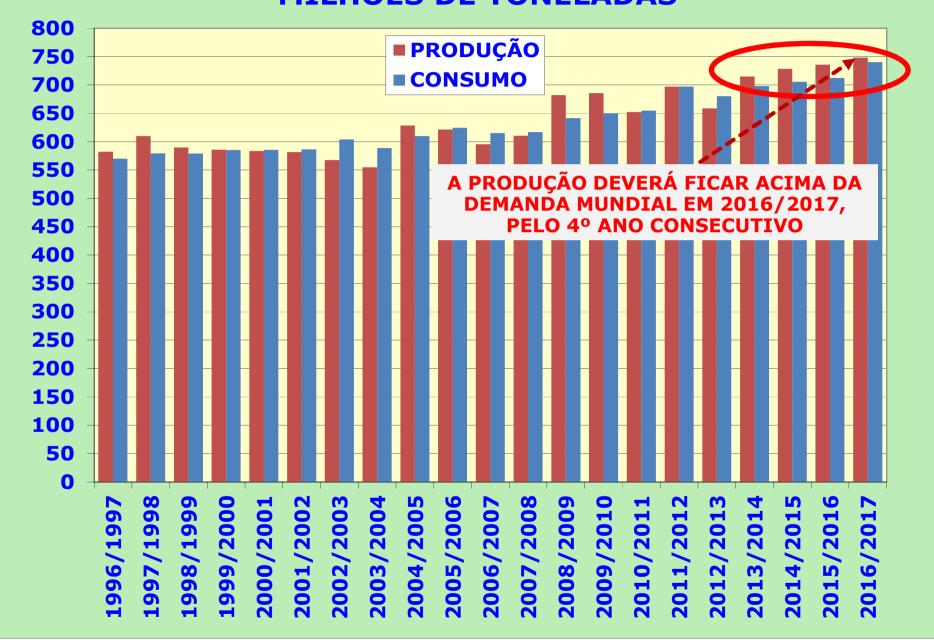
Fonte: USDA FEVEREIRO/2017

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

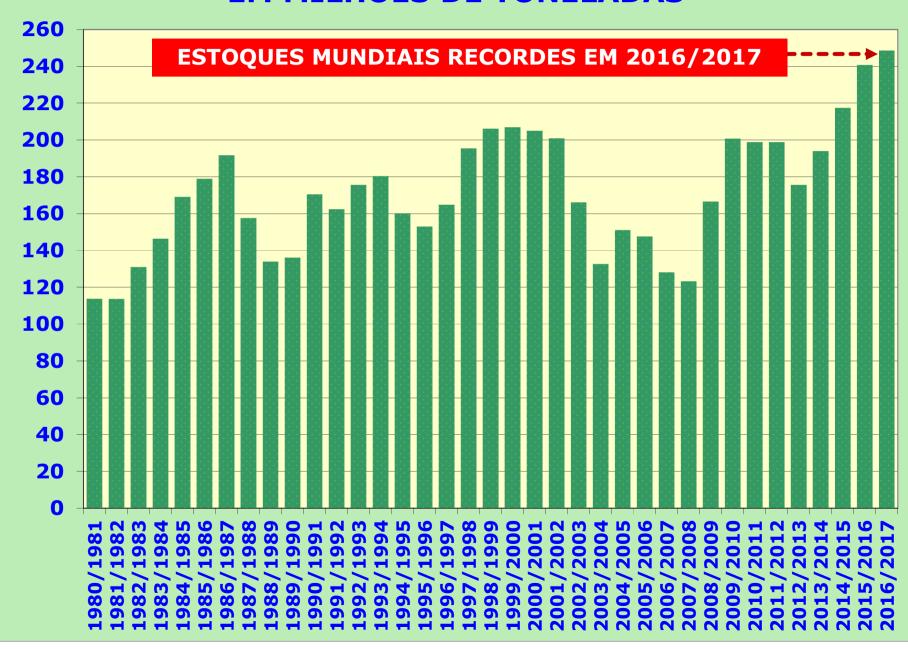
TRIGO: ÁREA DE CULTIVO MUNDIAL EM MILHÕES DE HECTARES



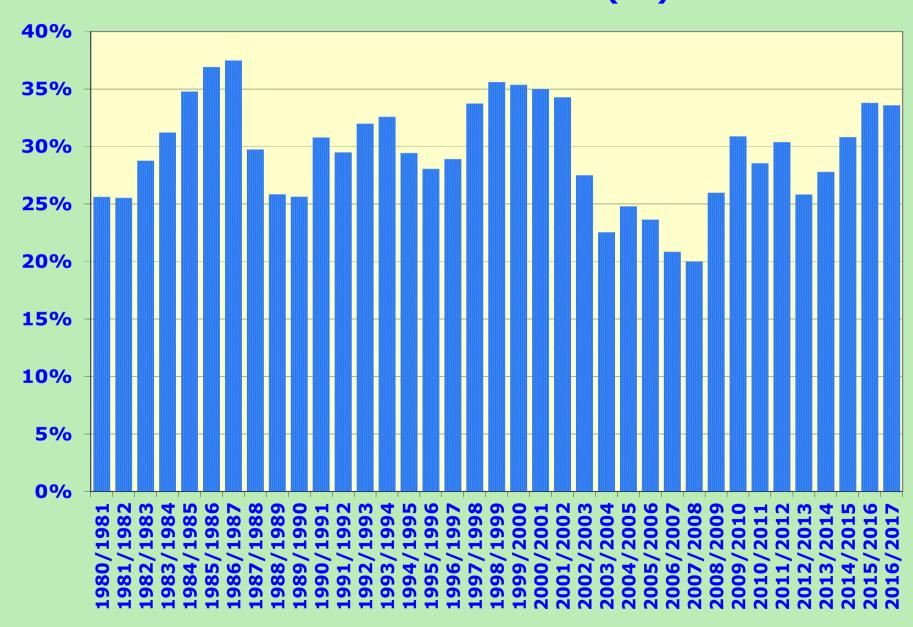
TRIGO: PRODUÇÃO x CONSUMO MUNDIAL MILHÕES DE TONELADAS



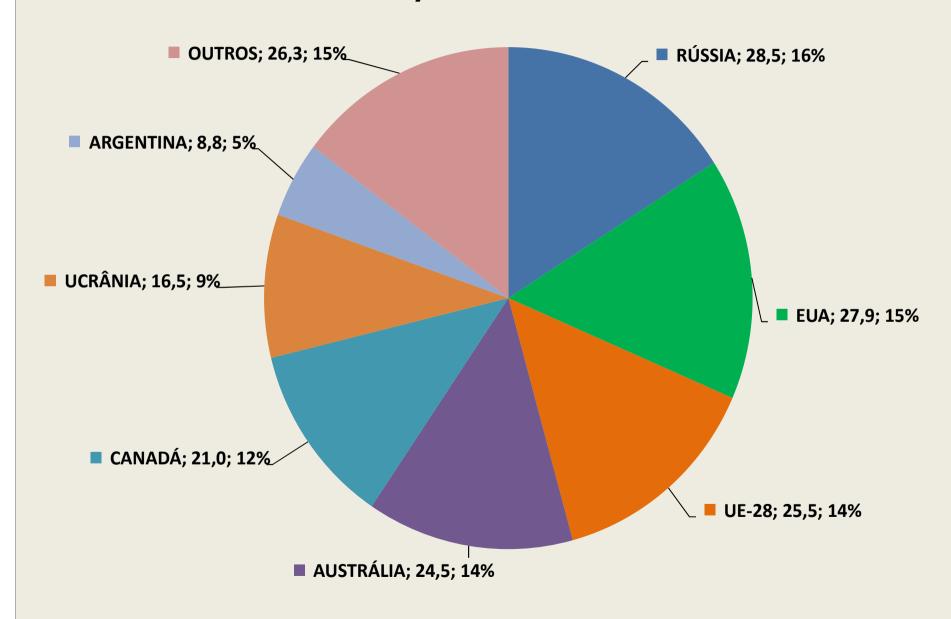
TRIGO: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



TRIGO: RELAÇÃO ENTRE ESTOQUES FINAIS E DEMANDA MUNDIAL (%)



TRIGO: PRINCIPAIS EXPORTADORES MUNDIAIS 2016/2017 - MILHÕES DE T E %





TRIGO: OFERTA E DEMANDA MERCOSUL 2016/2017

MILHÕES DE TONELADAS

ITEM	BRA	ARG	URU	PAR	TOTAL
ESTOQUES INICIAIS	809,3	570,0	299,0	136,0	1.814,3
PRODUÇÃO	6.755,5	15.000,0	1.010,0	1.180,0	23.945,5
OFERTA TOTAL	7.564,8	15.570,0	1.309,0	1.316,0	25.759,8
CONSUMO INTERNO	10.717,3	6.400,0	445,0	460,0	18.022,3
EXPORTAÇÕES	1.000,0	8.800,0	650,0	500,0	10.950,0
DEMANDA TOTAL	11.717,3	15.200,0	1.095,0	960,0	28.972,3
DÉFICIT/SUPERÁVIT	-4.152,5	370,0	214,0	356,0	-3.212,5
IMPORTAÇÕES	6.000,0	0,0	25,0	5,0	6.030,0
ESTOQUES FINAIS	1.847,5	370,0	239,0	361,0	2.817,5
ESTOQUES (DIAS CONSUMO)	63	21	196	286	57
ESTIMATIVA: CARLOS COGO CONSUL	TODIA ACDO	ECONÔMICA			

ESTIMATIVA: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ARGENTINA: OFERTA E DEMANDA DE TRIGO

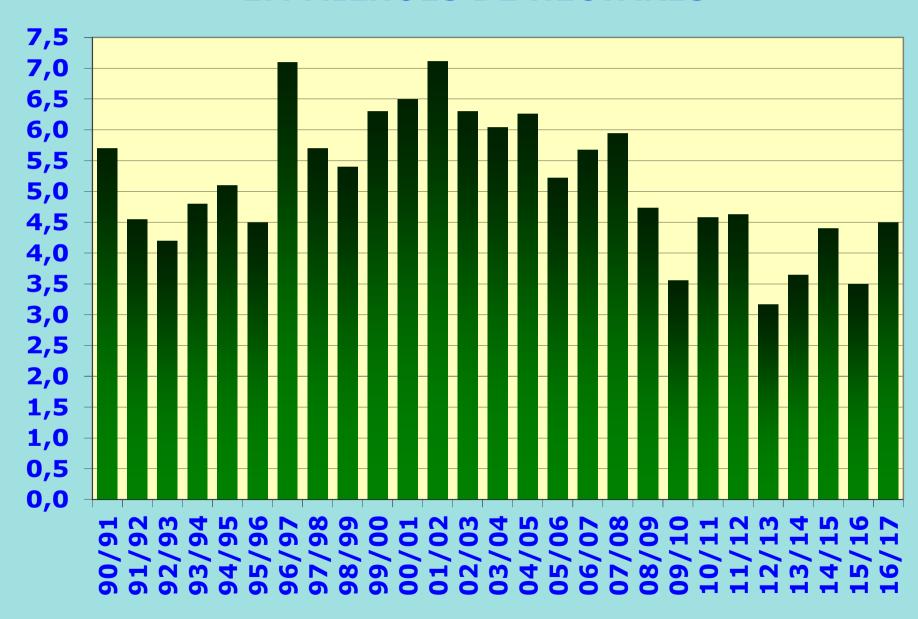
DEZEMBRO A NOVEMBRO

	ESTOQUES	-	RENDIMENTO	PRODUCAO EMI	DEM	ANDA EM MILHĈ	EXPORTAÇÕES	ESTOQUES			
ANO SAFRA	INICIAIS MILHÕES T	CULTIVO MILHÕES HA	MÉDIO EM KG/HA	MILHÕES T	TOTAL MILHÕES T	SEMENTES/ RAÇÕES	MOAGEM	TOTAL	EM MILHÕES T	FINAIS MILHÕES T	
90/91	6,01	5,700	2.000	11,40	17,41	0,20	4,30	5,00	5,60	6,81	
91/92	6,81	4,550	2.154	9,80	16,61	0,10	4,00	4,50	5,80	6,31	
92/93	6,31	4,200	2.405	10,10	16,41	0,10	4,00	4,60	5,90	5,91	
93/94	5,91	4,800	2.167	10,40	16,31	0,30	4,20	5,00	5,00	6,31	
94/95	6,31	5,100	2.216	11,30	17,61	0,15	4,30	4,31	7,32	5,98	
95/96	5,98	4,500	1.911	8,60	14,58	0,15	4,50	4,17	4,48	5,93	
96/97	5,93	7,100	2.239	15,90	21,83	0,01	4,40	4,90	10,20	6,74	
97/98	6,74	5,702	2.760	15,74	22,48	0,01	4,70	4,80	11,15	6,53	
98/99	6,53	5,399	2.463	13,30	19,83	0,02	4,60	4,87	8,56	6,41	
99/00	6,41	6,300	2.603	16,40	22,81	0,08	4,50	4,93	11,59	6,29	
00/01	6,29	6,497	2.457	15,96	22,25	0,08	4,50	4,99	11,27	5,99	
01/02	5,99	7,109	2.152	15,30	21,29	0,05	4,50	4,75	10,80	5,74	
02/03	5,74	6,300	1.953	12,30	18,04	0,05	4,60	5,16	6,76	6,12	
03/04	6,12	6,040	2.411	14,56	20,68	0,05	4,80	5,23	9,41	6,05	
04/05	6,05	6,260	2.549	15,96	22,00	0,08	4,93	5,01	11,83	5,16	
05/06	5,16	5,222	2.408	12,57	17,74	0,08	4,80	5,00	8,50	4,24	
06/07	4,24	5,676	2.572	14,60	18,84	0,08	4,80	4,90	9,51	4,43	
07/08	4,43	5,948	2.749	16,35	20,78	0,08	5,05	5,13	8,91	6,74	
08/09	6,74	4,732	1.769	8,37	15,11	0,08	5,00	5,08	3,10	6,93	
09/10	6,93	3,552	2.534	9,00	15,93	0,53	6,28	6,81	3,73	5,39	
10/11	5,39	4,577	3.474	15,90	21,29	0,46	6,60	7,06	7,75	6,48	
11/12	6,48	4,628	3.133	14,50	20,98	0,40	6,30	6,70	11,40	2,88	
12/13	2,88	3,162	2.530	8,00	10,88	0,40	5,50	5,90	3,10	1,88	
13/14	1,88	3,648	2.519	9,19	11,07	0,40	6,00	6,40	1,75	2,92	
14/15	2,92	4,400	2.727	12,00	14,92	0,40	5,81	6,21	4,71	4,00	
15/16	4,00	3,500	3.143	11,00	15,00	0,50	5,53	6,03	8,40	0,57	
16/17	0,57	4,500	3.333	15,00	15,57	0,50	5,90	6,40	8,80	0,37	
VAR. 16/15	37%	-20%	15%	-8%	1%	25%	-5%	-3%	78%	-86%	
VAR. 17/16	-86%	29%	6%	36%	4%	0%	7 %	6%	5%	-35%	

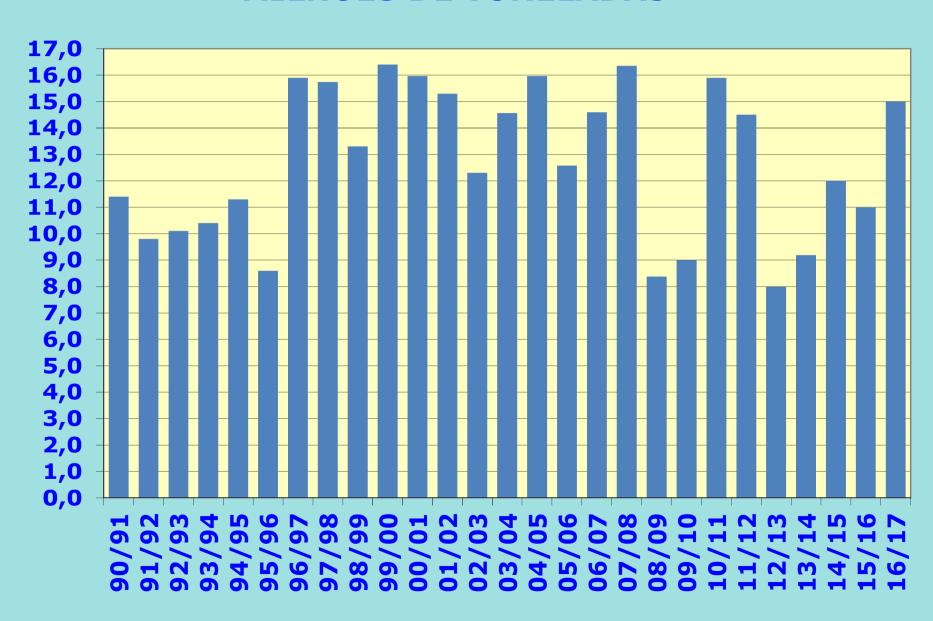
Fontes: Consultoria Agritrend e Bolsa Cereais de Buenos Aires

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA www.carloscogo.com.br

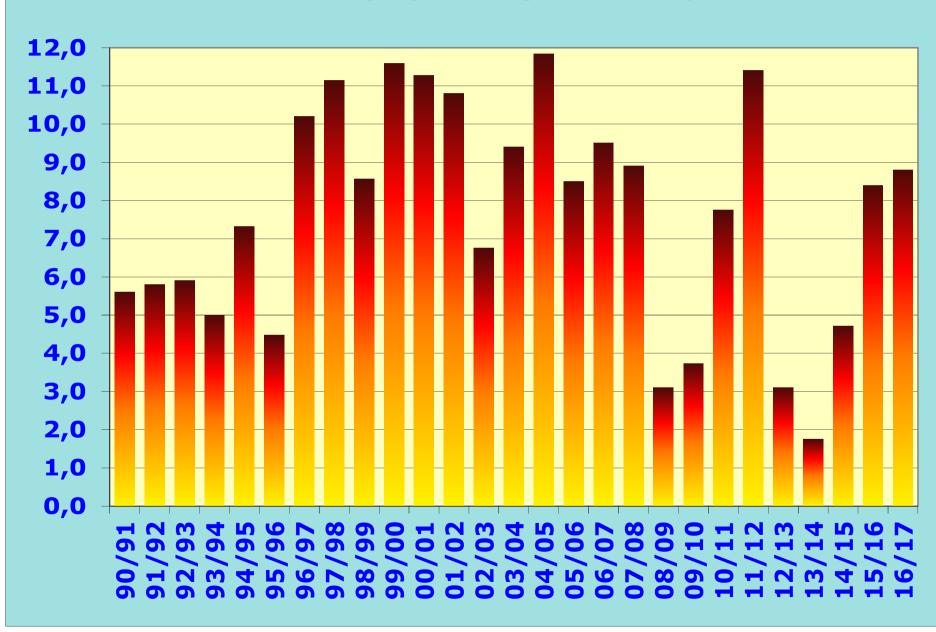
TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NA ARGENTINA EM MILHÕES DE HECTARES



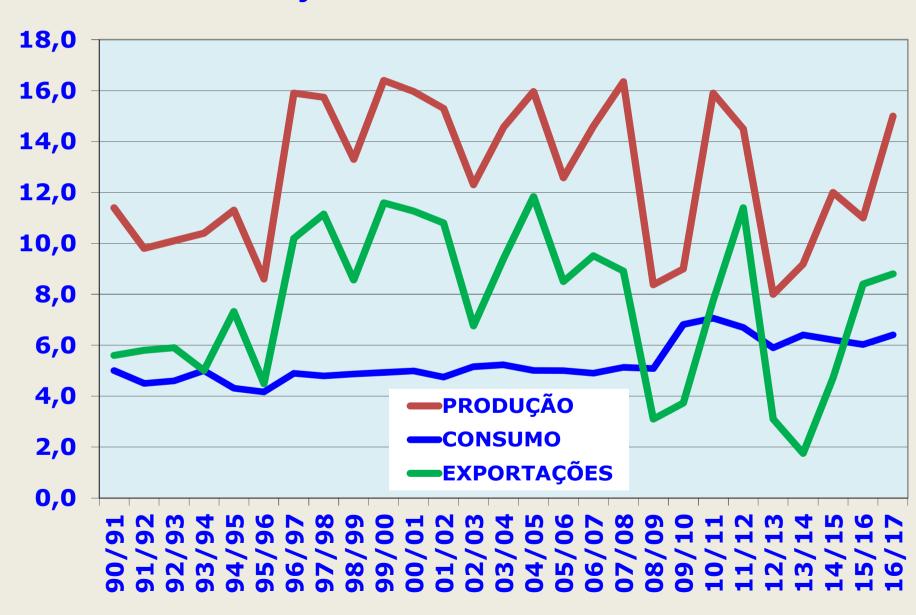
ARGENTINA: PRODUÇÃO DE TRIGO MILHÕES DE TONELADAS



ARGENTINA: EXPORTAÇÕES DE TRIGO MILHÕES DE TONELADAS



ARGENTINA: PRODUÇÃO, CONSUMO E EXPORTAÇÕES DE TRIGO - MILHÕES T



TRIGO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

EM MIL TONELADAS ANO COMERCIAL AGOSTO-JULHO

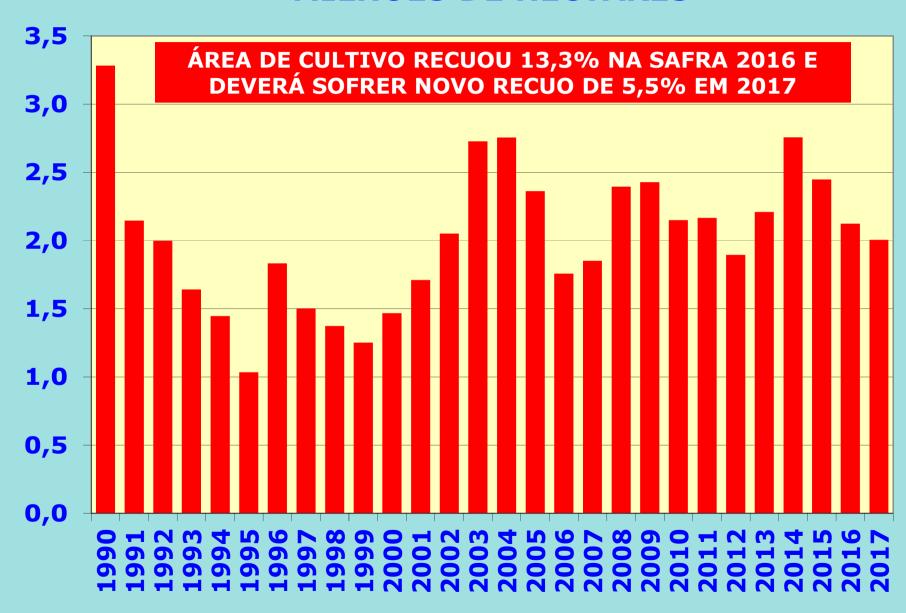
ANO PLANTIO	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÕES	OFERTA TOTAL	EXPORTAÇÕES	DEMANDA INTERNA	ESTOQUES FINAIS
1990	1990/1991	1.444,8	3.304,0	2.522,0	7.270,8	0,0	6.660,0	610,8
1991	1991/1992	610,8	3.077,8	3.549,0	7.237,6	0,0	6.765,0	472,6
1992	1992/1993	472,6	2.739,2	4.000,0	7.211,8	0,0	7.017,0	194,8
1993	1993/1994	194,8	2.051,8	5.300,0	7.546,6	0,0	7.432,0	114,6
1994	1994/1995	114,6	2.137,8	6.512,0	8.764,4	0,0	7.848,0	916,4
1995	1995/1996	916,4	1.524,3	5.700,0	8.140,7	0,0	8.000,0	140,7
1996	1996/1997	140,7	3.197,5	5.542,0	8.880,2	0,0	8.205,0	675,2
1997	1997/1998	675,2	2.406,9	6.190,3	9.272,4	0,0	8.821,5	450,9
1998	1998/1999	450,9	2.187,7	7.139,3	9.777,9	0,0	9.340,0	437,9
1999	1999/2000	437,9	2.402,8	7.718,1	10.558,8	2,3	9.988,8	567,7
2000	2000/2001	567,7	1.658,4	7.632,4	9.858,5	1,3	9.338,7	518,5
2001	2001/2002	518,5	3.194,2	7.055,4	10.768,1	4,7	10.059,2	704,2
2002	2002/2003	704,2	2.913,9	6.853,2	10.471,3	5,0	9.851,5	614,8
2003	2003/2004	614,8	6.073,5	5.373,8	12.062,1	1.373,3	9.642,0	1.046,8
2004	2004/2005	1.046,8	5.845,9	4.971,2	11.863,9	3,5	9.803,0	2.057,4
2005	2005/2006	2.057,4	4.873,1	5.844,2	12.774,7	784,9	10.231,0	1.758,8
2006	2006/2007	1.758,8	2.233,7	7.164,1	11.156,6	19,7	9.600,0	1.536,9
2007	2007/2008	1.536,9	4.097,1	5.926,4	11.560,4	746,7	9.618,0	1.195,7
2008	2008/2009	1.195,7	5.884,0	5.676,4	12.756,1	351,4	9.398,0	3.006,7
2009	2009/2010	3.006,7	5.026,2	5.922,2	13.955,1	1.170,4	9.614,2	3.170,5
2010	2010/2011	2.879,7	5.881,6	5.798,4	14.559,7	2.515,9	9.842,4	2.201,4
2011	2011/2012	2.201,4	5.788,6	6.011,8	14.001,8	1.901,0	10.144,9	1.955,9
2012	2012/2013	1.955,9	4.379,5	7.010,2	13.345,6	1.683,8	10.134,3	1.527,5
2013	2013/2014	1.527,5	5.527,9	6.642,4	13.697,8	47,4	11.381,5	2.268,9
2014	2014/2015	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.713,7	1.174,6
2015	2015/2016	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.367,3	809,3
2016	2016/2017	809,3	6.755,5	6.000,0	13.564,8	1.000,0	10.717,3	1.847,5
VAR. 2	015/2014	-48%	-7%	4%	-10%	-37%	-3%	-31%
VAR. 2	016/2015	-31%	22%	9%	11%	-5%	3%	128%

* ANO COMERCIAL 2016/2017: AGOSTO DE 2016 A JULHO DE 2017

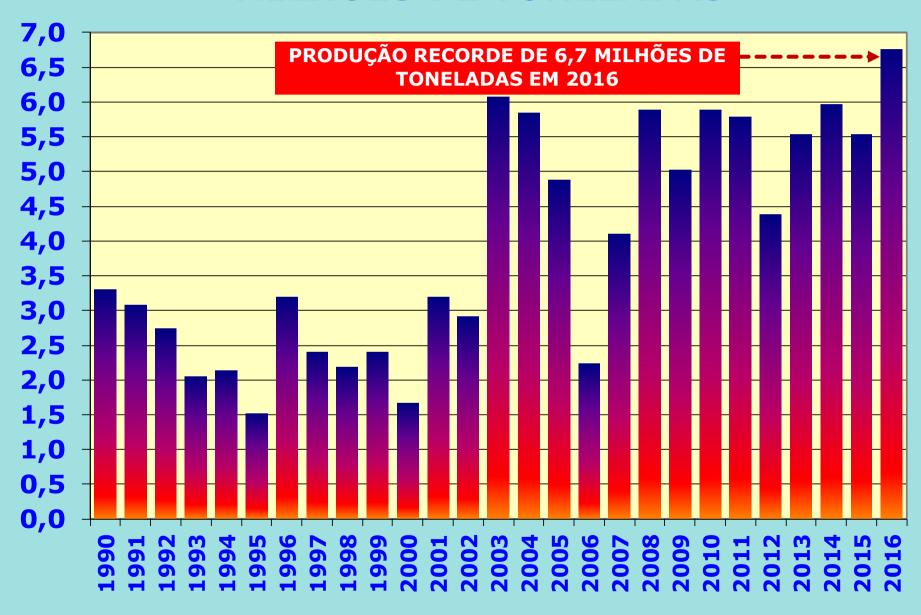
Fontes: Conab, Ibge, Abitrigo, Secex e Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES

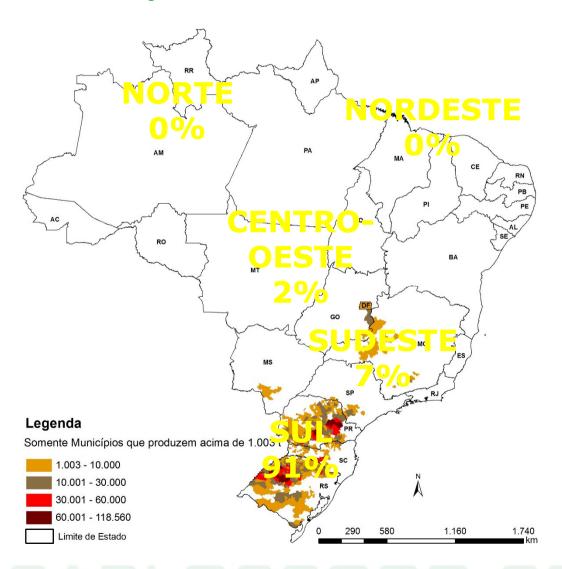


TRIGO: PRODUÇÃO BRASILEIRA MILHÕES DE TONELADAS



CARLOS COGO

TRIGO: PRODUÇÃO BRASILEIRA NA SAFRA 2016



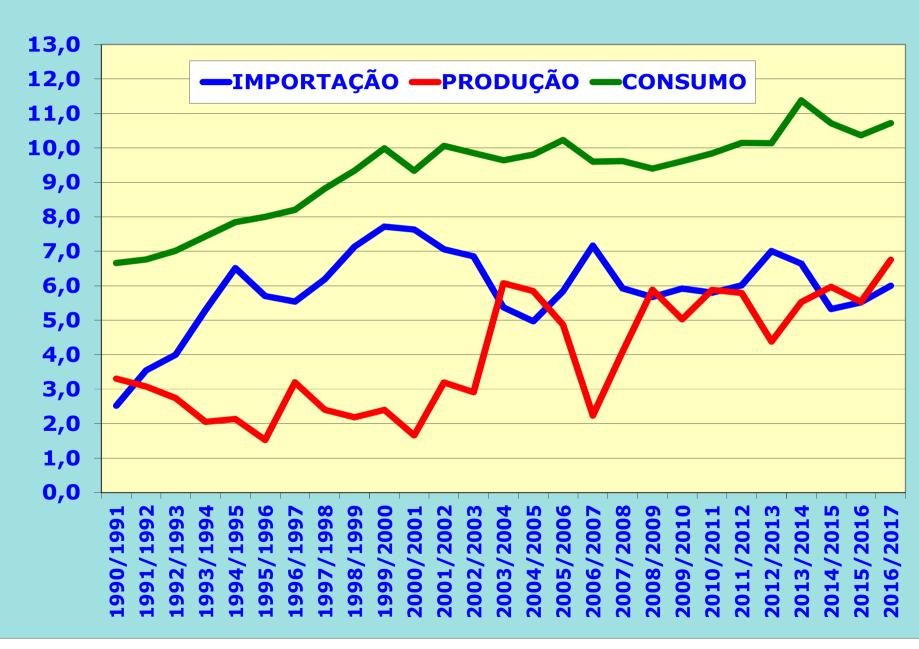


TRIGO: CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

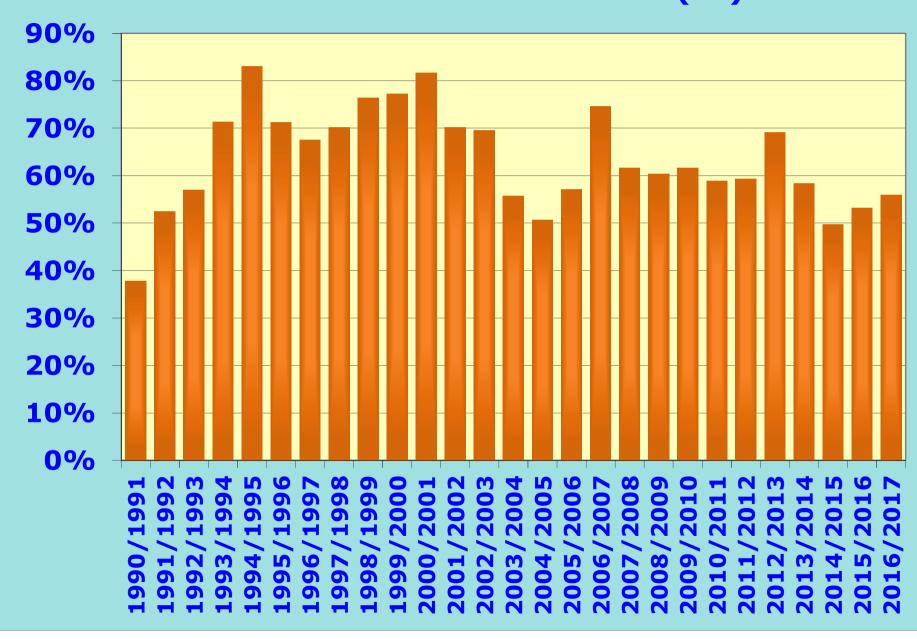
UF/Região	23/09 a 21/12			21	21/12 a 20/03		20	/03 a 21	/06	21/06 a 23/09			
	Primavera			Verão			Outono			Inverno			
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Centro-Oeste													
MS							Р	Р			С	О	
GO	С						Р	Р	Р		С	С	
DF	С						Р	Р	Р				
Sudeste													
MG	С				Р	Р	Р	Р	Р	С	С	С	
SP	С						Р	Р	Р		С	С	
Sul													
PR	С	С	С				Р	Р	Р	Р	С	С	
SC	С	С	С						Р	Р			
RS	С	С	С					Р	Р	Р			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

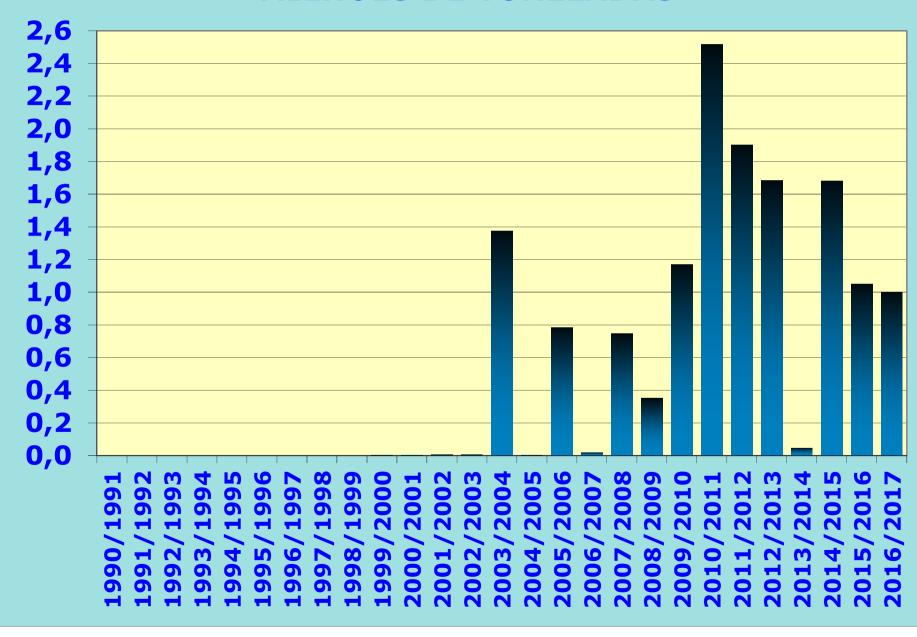
TRIGO: SUPRIMENTO NO BRASIL EM MILHÕES DE TONELADAS



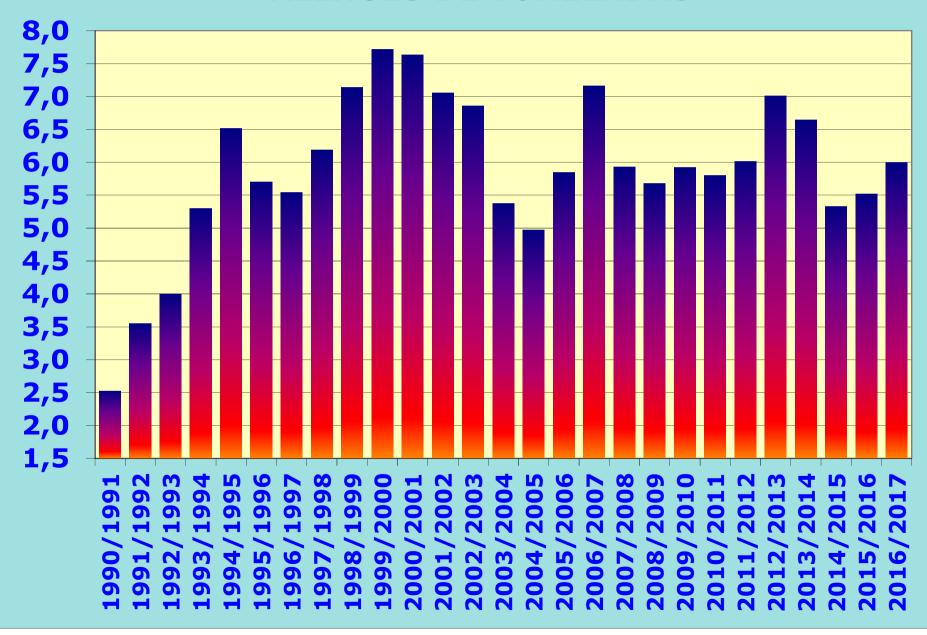
TRIGO: PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NA DEMANDA BRASILEIRA (%)



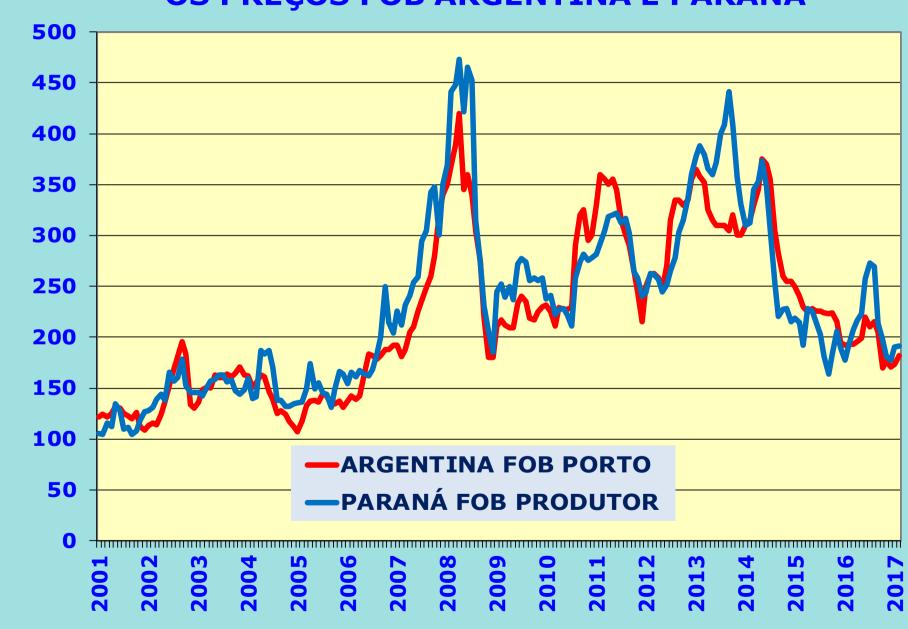
TRIGO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS



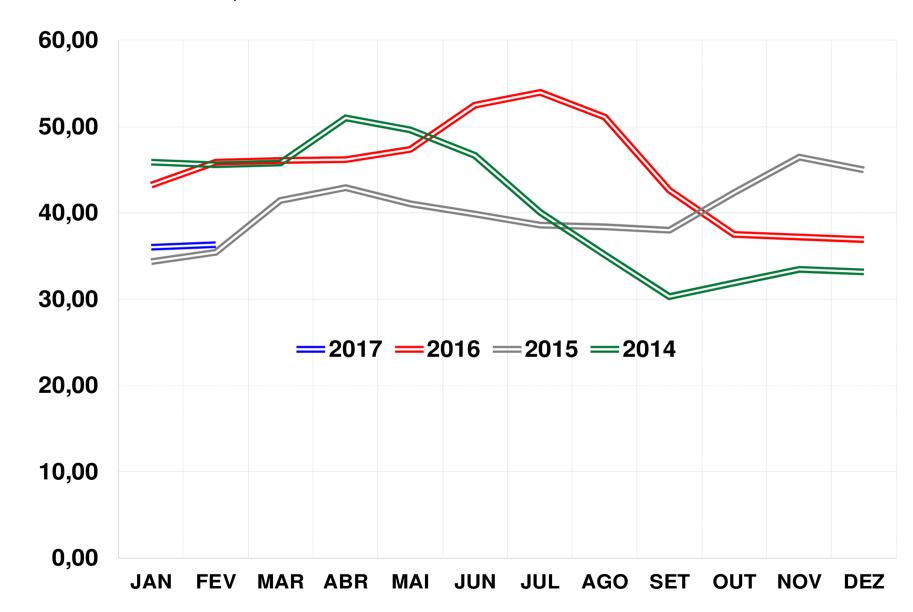
TRIGO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS



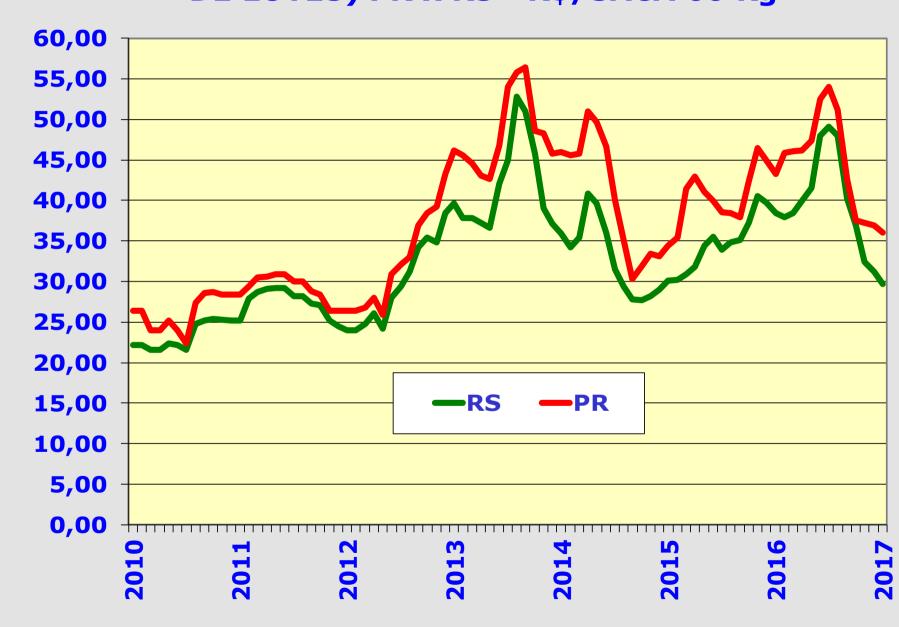
TRIGO PANIFICAÇÃO: COMPARATIVO ENTRE OS PREÇOS FOB ARGENTINA E PARANÁ



TRIGO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB PR R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES







TRIGO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA	20	14	20	15	2016		
ANO COMERCIAL		2014,	/2015	2015	/2016	2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		RS	PR	RS	PR	RS	PR
TTEM	UNIDADE	ALTA	ALTA	ALTA	ALTA	ALTA	ALTA
ITEM	UNIDADE	TECNOLOGIA	TECNOLOGIA	TECNOLOGIA	TECNOLOGIA	TECNOLOGIA	TECNOLOGIA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,45	3,45
SEMENTES	USD/HA	111,36	121,50	88,86	96,96	57,38	69,95
FERTILIZANTES	USD/HA	252,67	213,39	192,03	162,18	163,25	173,33
DEFENSIVOS	USD/HA	75,61	73,58	77,12	75,05	106,19	69,41
OUTROS	USD/HA	144,89	131,96	179,75	163,01	98,86	94,96
CUSTEIO DA LAVOURA	USD/HA	584,52	540,43	537,76	497,20	425,68	407,65
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	58,75	114,18	54,05	105,05	86,07	108,74
CUSTO VARIÁVEL DESEMBOLSADO (A)	USD/HA	643,27	654,61	591,81	602,24	511,75	516,39
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	R\$/HA	1.466,66	1.492,51	1.905,63	1.939,22	1.765,54	1.781,55
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	83,21	88,25	76,55	81,19	102,18	112,03
CUSTO OPERACIONAL (B)	USD/HA	726,48	742,86	668,37	683,43	613,93	628,42
RENDA DE FATORES	USD/HA	200,43	55,22	184,40	50,80	161,75	70,48
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)	USD/HA	926,91	798,08	852,76	734,23	775,68	698,90
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SC 60 KG/HA	22,2	45,6	28,3	41,8	50,0	50,3
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	1.330	2.737	1.700	2.510	3.000	3.018
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	USD/60 KG	41,82	17,50	30,10	17,55	15,51	13,89
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	R\$/HA	2.113,36	1.819,61	2.745,89	2.364,22	2.676,10	2.411,21
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	9,97	14,95	11,19	12,79	9,78	11,56
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	-31,85	-2,55	-18,91	-4,76	-5,73	-2,33
PREÇO MÉDIO ANUAL FOB ARGENTINA	USD/T	246,00	246,00	205,10	205,10	173,00	173,00
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	221,00	681,97	317,05	535,05	489,00	581,47
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZA	R\$/USD	3,00	3,00	3,51	3,51	3,36	3,36
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	663,01	2.045,91	1.112,85	1.878,02	1.643,04	1.953,73
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	USD/HA	-705,91	-116,11	-535,71	-199,18	-286,68	-117,43
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	R\$/HA	-1.450,36	226,29	-1.633,04	-486,20	-1.033,06	-457,47
MARGEM LÍQUIDA SOBRE A RECEITA BRUTA	% (R\$)	-218,8%	11,1%	-146,7%	-25,9%	-62,9%	-23,4%
MARGEM LÍQUIDA SOBRE A RECEITA BRUTA	SACAS/HA	-48,5	5,0	-41,6	-10,8	-31,4	-11,8
RECEITA LÍQUIDA S/C. VARIÁVEL (D) - (A)	USD/HA	-422,27	27,36	-274,76	-67,19	-22,75	65,08
EBITDA	R\$/HA	-803,66	553,39	-792,78	-61,20	-122,50	172,19
MARGEM EBITDA	%	-121,2%	27,0%	-71,2%	-3,3%	-7,5%	8,8%

OBS.: PARA A SAFRA DE INVERNO CONSIDERAR COMO RENTABILIDADE O RESULTADO EBITDA EM R\$/HA

CARLOS COGO

CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS





- Segundo o relatório mensal de oferta e demanda mundial, de Fevereiro/2017, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção global de arroz em 2016/2017 está estimada em 480,1 milhões de toneladas (beneficiadas), 2% acima das 472,0 milhões de toneladas colhidas em 2015/2016.
- A produção deve voltar a superar ligeiramente a demanda global, que está projetada em 478,8 milhões de toneladas, 2% acima das 470,6 milhões de toneladas de 2015/2016.
- Os estoques finais mundiais de 2016/2017 devem crescer apenas 1%, para 118,0 milhões de toneladas mas atingirão o nível mais alto desde a temporada global 2001/2002.
- Entretanto, a relação entre estoques finais e consumo global deve ter leve queda em 2016/2017, para 24,6%, contra 24,7% em 2015/2016.
- O comércio mundial de arroz deve crescer para 41,4 milhões de toneladas (beneficiadas) em 2016/2017, 3% acima das 40,2 milhões de toneladas transacionadas globalmente em 2015/2016, mas bem abaixo do recorde de 43,6 milhões de toneladas de 2014/2015.



- Em janeiro, os preços mundiais registraram evoluções mistas segundo as origens, mas, de mogo geral, estão mais estáveis.
- Tradicionalmente, a demanda da Ásia é mais fraca durante as festas do Ano Novo Chinês, mas no Paquistão e na Índia os preços sofreram pressões altistas, devido à reativação da demanda do Oriente Médio e de países da África.
- Nos Estados Unidos, as cotações do arroz beneficiado para exportação seguiram em queda, com um mercado pouco ativo.
- As colheitas da Ásia devem melhorar este ano, especialmente na Índia e na Tailândia, os dois maiores exportadores globais de arroz.
- Por outro lado, as perspectivas de colheita na China, Vietnã e Paquistão serão menores do que o esperado.
- Na Tailândia, os preços do arroz recuaram 1% em janeiro, exceto nas categorias de baixa qualidade, graças à demanda da África.
- Os estoques públicos diminuíram significativamente, para 8 milhões de toneladas, das quais 3 milhões de toneladas poderiam ser exportadas para a África.



- O restante do estoque estatal da Tailândia (2 milhões de toneladas) seria impróprio ao consumo humano, destinado essencialmente a rações animais e à produção de etanol
- Em janeiro, as exportações tailandesas atingiram 1 milhão de toneladas, contra 900 mil toneladas em dezembro.
- Em janeiro, o arroz beneficiado Thai 100%B caiu para US\$ 372,00 por tonelada FOB, contra US\$ 376,00 por tonelada em dezembro.
- O Thai parboilizado se manteve firme em US\$ 372,00 por tonelada, contra US\$ 369,00 por tonelada em dezembro.
- No Vietnã, os preços estão relativamente estáveis, com as vendas externas em ritmo lento, alcançando 325 mil toneladas em janeiro, contra 400 mil toneladas em dezembro.
- Em 2016, as exportações do Vietnã caíram 24% para 5,0 milhões de toneladas, contra 6,6 milhões de toneladas em 2015 devido, especialmente, à contração da demanda do Sudeste Asiático.
- Em janeiro, o Viet 5% permeneceu estável a US\$ 337,00 por tonelada.



- Neste mês de fevereiro, os preços ganharam sustentação, graças às perspectivas de vendas às Filipinas, um de seus principais clientes, representando 20% das exportações do Vietnã em 2016.
- Na Índia, os preços de exportação se mostram bem mais firmes, devido à alta dos preços internos, já que as áreas que serão colhidas a partir de maio sofreram redução de 15%, mas os estoques seguem confortáveis, 14% superiores aos do mesmo período do ano passado.
- Em janeiro, o arroz indiano 5% esteve cotado a US\$ 361,00 por tonelada, contra US\$ 353,00 por tonelada em dezembro.
- No Paquistão, os preços subiram, com o Pak 5% em janeiro cotado a US\$ 386,00 por tonelada, contra US\$ 356,00 em dezembro.
- Neste mês de fevereiro, os preços estão firmes, cotados em US\$ 390,00 por tonelada, com baixas disponibilidades exportáveis em consequência da redução de 3% da produção de 2016.
- Nos Estados Unidos, os preços de exportação recuaram 2% em janeiro, com o preço indicativo do arroz Long Grain 2/4 em janeiro de US\$ 444,00 por tonelada, contra US\$ 454,00 por tonelada em dezembro.



- A produção brasileira de arroz em 2016/2017 está estimada pela nossa Consultoria em 11,839 milhões de toneladas, 12% acima das 10,602 milhões de toneladas colhidas em 2015/2016.
- Ao contrário do ocorrido na safra 2015/2016, a produção estimada para o Brasil em 2016/2017 deverá ser suficiente para atender a demanda doméstica, estimada em 11,5 milhões de toneladas (base casca).
- Entretanto, o quadro de oferta e demanda de arroz no Brasil deverá seguir bem ajustado na temporada 2016/2017, com baixos estoques de passagem e maior equilíbrio entre exportações e importações.
- Os estoques iniciais da safra 2016/2017, em 1º de março de 2017, estão estimados em apenas 366,9 mil toneladas (base casca).
- Esses estoques iniciais, somados à produção, estimada em 11,839 milhões de toneladas, formariam uma oferta de 12,206 milhões de toneladas, com consumo interno de 11,5 milhões de toneladas.
- As exportações brasileiras devem voltar a crescer em 2016/2017 e estão estimadas em 1,250 milhão de toneladas (base casca), 40% acima das 890 mil toneladas estimadas para 2015/2016.



- Após baixos volumes exportados entre agosto e dezembro de 2016, em decorrência da queda do dólar e dos preços internacionais do arroz, as exportações brasileiras de arroz reagiram em janeiro/2017.
- As exportações brasileiras de arroz (base casca) em janeiro/2017, o penúltimo mês do ano-safra 2015/2016, que iniciou em 1º de março de 2016 e se encerra em 28 de fevereiro de 2017, atingiram 79.844 toneladas (base casca).
- Embora o resultado seja 17% menor do que o mesmo mês do ano passado (janeiro/2016), em relação ao mês anterior (dezembro/2016), houve aumento de expressivos 97% nos volumes embarcados.
- O destaque de janeiro/2017 é a exportação de 29 mil toneladas de arroz beneficiado para Cuba, o que representa 43 mil toneladas base casca.
- O país não importava arroz do Brasil desde abril do ano passado.
- Do total embarcado em janeiro/2017, apenas 0,68% foram de arroz em casca, 74,90% de arroz beneficiado e 24,42% de quebrados de arroz.
- O volume exportado em janeiro de 2017 ficou 30% abaixo da média mensal do ano-safra anterior (2014/2015), de 113.357 toneladas.



- No acumulado deste ano-safra 2015/2016 (março-2016 a janeiro-2017), as exportações de 844.179 toneladas de arroz base casca recuaram 34% em relação ao mesmo período do ano passado e estão abaixo das importações, que somam 1.088.475 toneladas (base casca).
- Portanto, no acumulado deste ano-safra, o Brasil volta a ser importador líquido de arroz, com as importações superando em 244 mil toneladas o volume exportado no período de março a dezembro.
- Em janeiro de 2017, as importações brasileiras de arroz (base casca) atingiram 116.269 toneladas (base casca), um expressivo aumento de 241% em relação ao mesmo mês do ano-safra anterior (janeiro/2016), quando foram importadas 34.110 toneladas pelo Brasil.
- O volume de arroz importado pelo Brasil em janeiro/2017 ficou 177% acima da média mensal do ano-safra anterior (2014/2015), que fechou em 41.943 toneladas (base casca).
- Em janeiro de 2017, do total importado pelo Brasil, 46,7% tiveram como origem o Paraguai; 26,7% o Uruguai; 19,6% a Argentina; e os restantes 7,0% distribuídos em pequenos volumes de diversas origens.



- No acumulado deste ano-safra 2015/2016 (março-2016 a janeiro-2017), as importações brasileiras de arroz somam 1.088.475 toneladas (base casca), 134% acima do mesmo período do ano passado, que foram de 465.540 toneladas.
- Se a média mensal de importações permanecer ao redor da atual (99 mil toneladas/mês), até o final do ano-safra, em fevereiro de 2017, terão ingressado no Brasil 1,1 milhão de toneladas (base casca).
- Entretanto, se as importações ficaram em patamares similares aos registrados entre os meses de junho de 2016 e janeiro de 2017, devem se aproximar de 1,2 milhão de toneladas (base casca).
- A tendência é baixista para os preços do arroz em casca durante a colheita da atual safra 2016/2017 que está se iniciando no Sul do Brasil.
- Entretanto, a pressão de baixa não deve persistir por tempo prolongado, mesmo com a previsão de recuperação da safra do Rio Grande do Sul.
- O balanço de oferta e demanda de arroz no Brasil deverá seguir bem ajustado na temporada 2016/2017, com baixos estoques de passagem e maior equilíbrio entre exportações e importações.



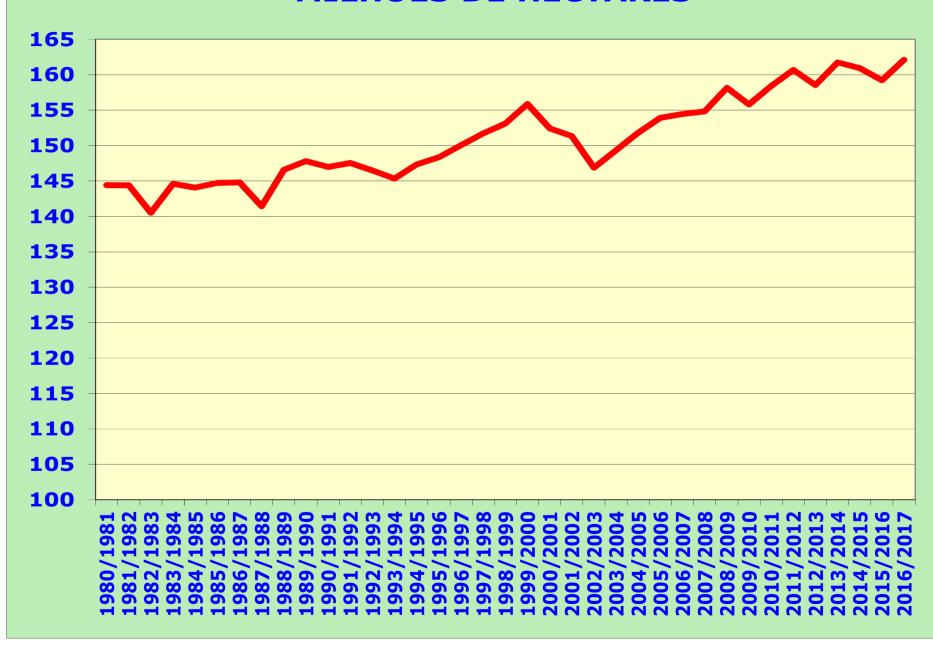
- Com baixos estoques de passagem de 2015/2016 para 2016/2017, em 1º de março de 2017, os produtores terão condições de resistir melhor à pressão dos compradores.
- A taxa de câmbio será um fator determinante, estabelecendo a paridade de exportação do arroz brasileiro e o limite teórico de queda dos preços.
- Os estoques estatais de arroz estão praticamente zerados, com um volume estocado de apenas 22,8 mil toneladas.
- Considerando que os preços que devem ser praticados no mercado doméstico devem permanecer bem acima do Preço Mínimo oficial, está praticamente descartada uma recomposição dos estoques públicos de arroz na atual safra 2016/2017.
- Dessa forma, o governo não terá mais capacidade de intervenção no mercado, através de leilões públicos de venda ao mercado.
- Nesse contexto, uma eventual alta expressiva dos preços domésticos só pode ser contida através de importações de países do Mercosul e/ou do zeramento da Tarifa Externa Comum (TEC) – medida utilizada para o milho em 2016 – que reduz custo de importação de terceiros mercados.

ARROZ: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL BASE BENEFICIADO											
	ÁREA DE	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO	PRODUÇÃO	COMÉRCIO	CONSUMO	ESTOQUES	ESTOQUES/			
SAFRA	CULTIVO	MÉDIA	BASE CASCA	BENEFICIADO	BENEFICIADO	BENEFICIADO	FINAIS	CONSUMO			
	milhões ha	t/ha	milhões t	milhões t	milhões t	milhões t	milhões t	%			
1980/1981	144,4	2.749	397,0	269,9	11,9	271,3	52,6	19,4%			
1981/1982	144,4	2.828	408,3	277,9	11,3	280,0	50,5	18,0%			
1982/1983	140,5	2.976	418,2	285,0	11,2	278,7	56,8	20,4%			
1983/1984	144,6	3.118	450,9	306,9	11,9	294,4	69,3	23,5%			
1984/1985	144,1	3.227	464,9	316,8	11,0	298,4	87,7	29,4%			
1985/1986	144,7	3.229	467,3	318,0	11,8	308,0	97,7	31,7%			
1986/1987	144,8	3.208	464,6	316,1	12,9	310,4	103,3	33,3%			
1987/1988	141,4	3.286	464,8	315,1	11,4	313,1	105,3	33,6%			
1988/1989	146,6	3.349	490,8	332,1	14,0	325,7	111,7	34,3%			
1989/1990	147,8	3.453	510,4	345,3	11,7	336,3	120,6	35,9%			
1990/1991	147,0	3.534	519,4	351,4	12,3	345,3	126,7	36,7%			
1991/1992	147,5	3.543	522,8	353,2	14,4	353,2	126,7	35,9%			
1992/1993	146,5	3.579	524,2	354,0	14,9	357,5	123,2	34,5%			
1993/1994	145,3	3.620	526,1	354,7	16,6	358,9	119,0	33,1%			
1994/1995	147,3	3.665	540,0	364,1	20,8	365,5	117,6	32,2%			
1995/1996	148,4	3.689	547,3	368,8	19,7	368,3	118,1	32,1%			
1996/1997	150,1	3.767	565,3	381,4	18,9	379,2	120,3	31,7%			
1997/1998	151,7	3.792	575,2	387,4	27,6	380,0	127,7	33,6%			
1998/1999	153,1	3.834	587,0	394,9	24,8	388,7	134,0	34,5%			
1999/2000	155,9	3.906	608,8	409,3	22,8	400,3	143,1	35,7%			
2000/2001	152,4	3.897	594,1	399,3	24,3	395,6	146,7	37,1%			
2001/2002	151,3	3.927	594,3	399,5	27,9	413,3	132,9	32,2%			
2002/2003	146,9	3.833	563,1	378,2	27,6	408,1	103,0	25,2%			
2003/2004	149,3	3.920	585,4	392,5	27,3	413,8	81,7	19,7%			
2004/2005	151,8	3.928	596,4	400,8	28,9	408,5	74,0	18,1%			
2005/2006	153,9	4.043	622,2	417,8	29,0	415,4	76,5	18,4%			
2006/2007	154,5	4.046	625,0	420,1	31,8	421,2	75,4	17,9%			
2007/2008	154,8	4.157	643,5	433,6	29,5	428,1	80,9	18,9%			
2008/2009	158,2	4.228	668,7	449,4	29,4	437,6	92,6	21,2%			
2009/2010	155,8	4.212	656,2	440,7	31,8	438,4	95,0	21,7%			
2010/2011	158,4	4.242	672,1	450,4	36,5	445,3	100,0	22,5%			
2011/2012	160,7	4.339	697,2	467,6	40,0	460,8	106,8	23,2%			
2012/2013	158,5	4.444	704,5	472,5	39,5	468,7	110,6	23,6%			
2013/2014	161,7	4.411	713,4	478,4	43,4	481,6	107,5	22,3%			
2014/2015	160,9	4.435	713,8	478,6	43,6	477,5	115,0	24,1%			
2015/2016	159,2	4.419	703,6	472,0	40,2	470,6	116,5	24,7%			
2016/2017	162,1	4.415	715,7	480,1	41,4	478,6	118,0	24,6%			
% 16/15	-1%	0%	-1%	-1%	-8%	-1%	1%				
% 17/16	2% EVEREIRO/2017	0%	2%	2%	3%	2%	1%				

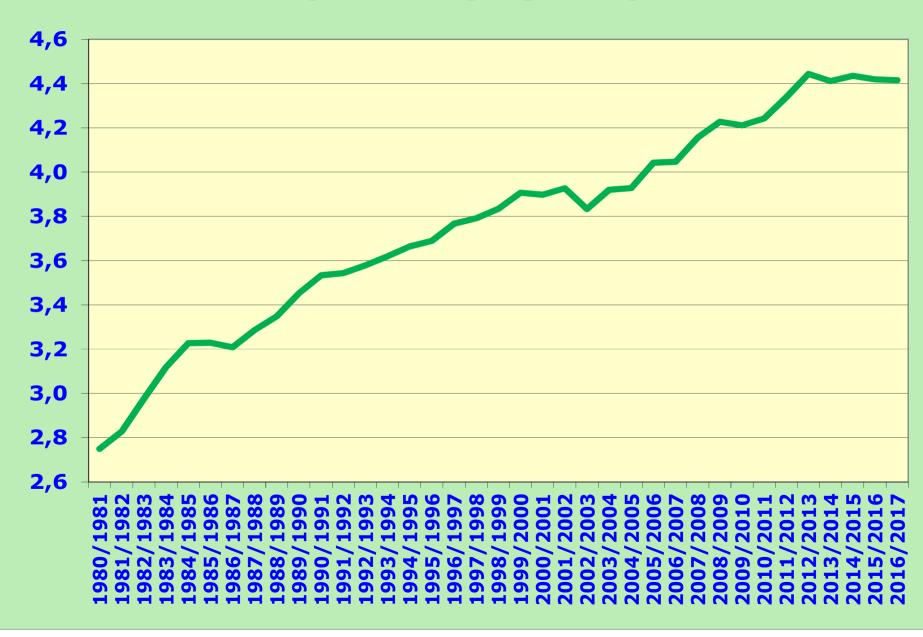
Fonte: USDA FEVEREIRO/2017

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

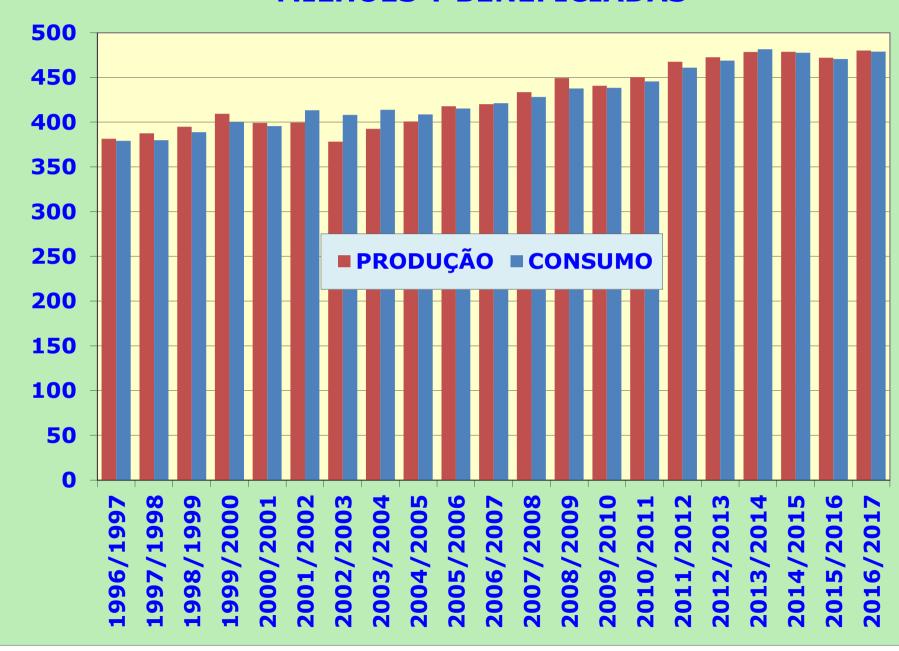
ARROZ: ÁREA DE CULTIVO MUNDIAL MILHÕES DE HECTARES



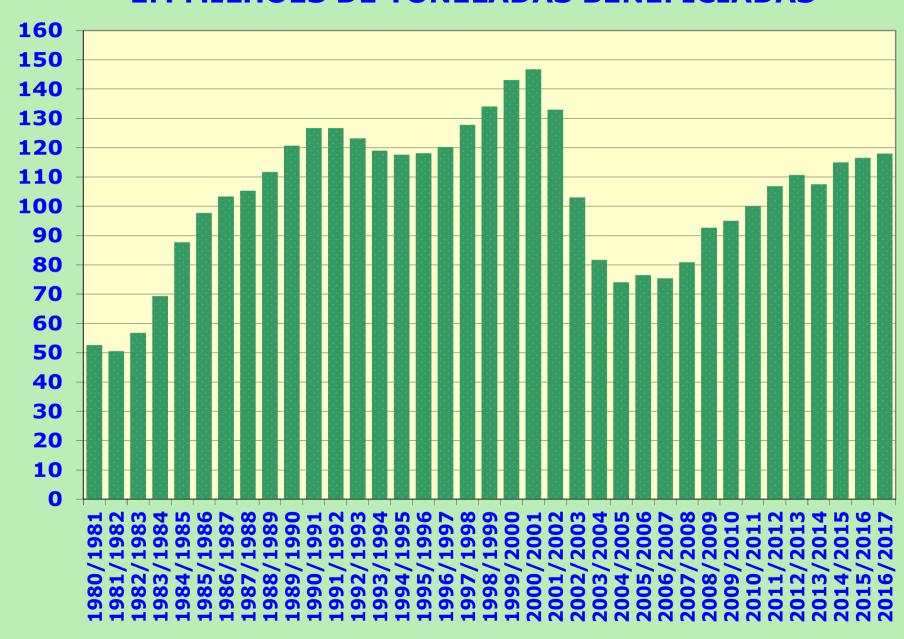
ARROZ: PRODUTIVIDADE MÉDIA MUNDIAL EM TONELADAS POR HECTARE



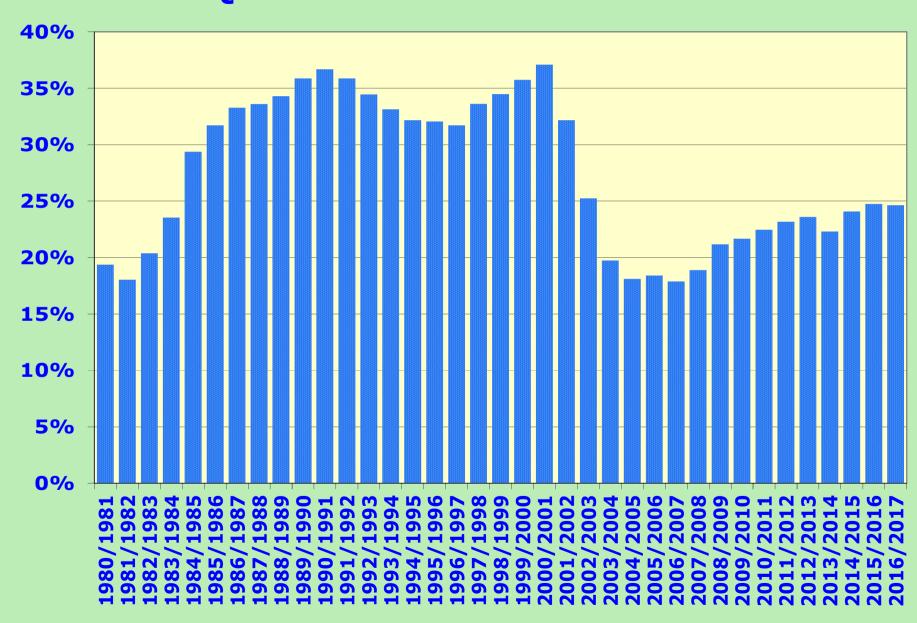
ARROZ: PRODUÇÃO x CONSUMO MUNDIAL EM MILHÕES T BENEFICIADAS



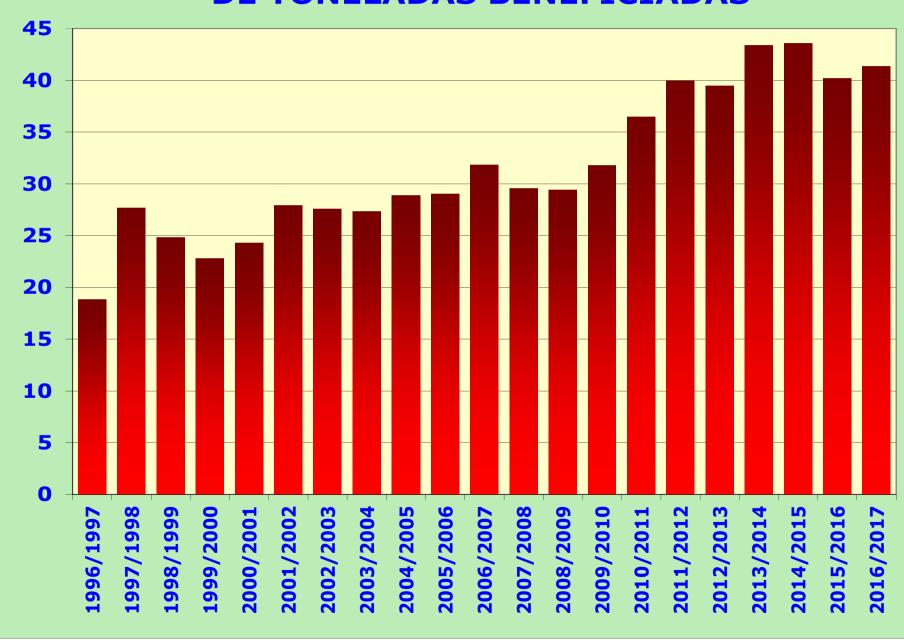
ARROZ: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS BENEFICIADAS



ARROZ BENEFICIADO: RELAÇÃO ENTRE ESTOQUES FINAIS E DEMANDA MUNDIAL

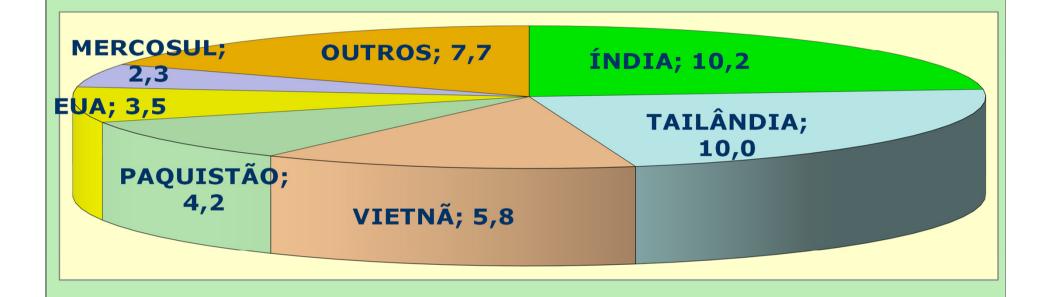


ARROZ: COMÉRCIO MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS BENEFICIADAS



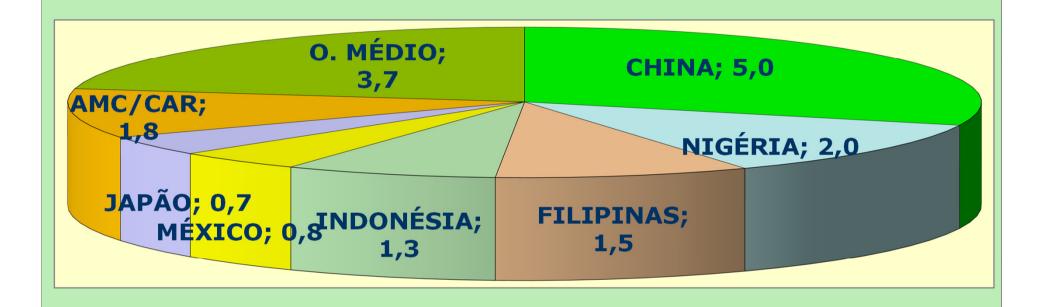


ARROZ BENEFICIADO: EXPORTAÇÕES POR PÁIS EM 2016/2017 - MILHÕES T





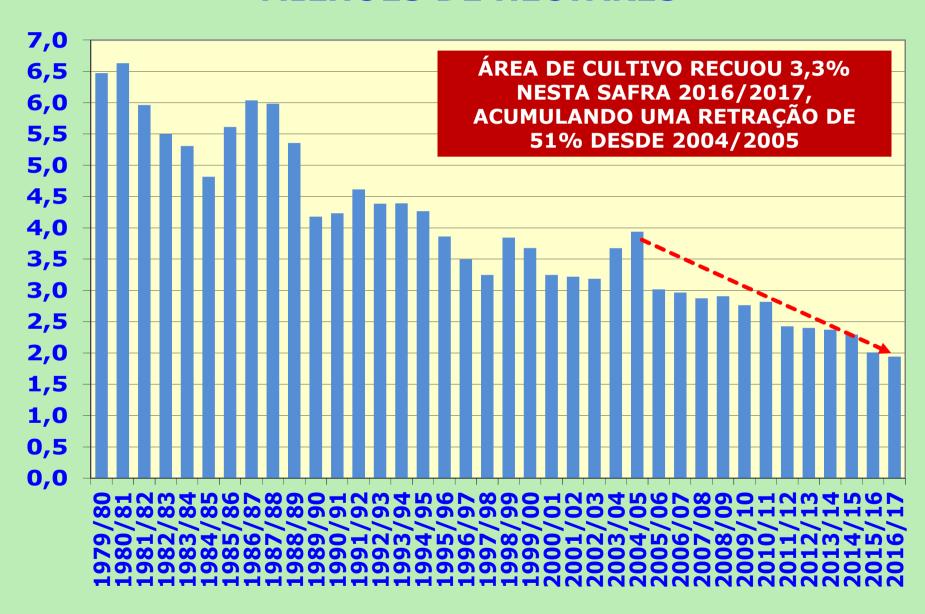
ARROZ: PRINCIPAIS IMPORTADORES EM 2016/2017 - MILHÕES T



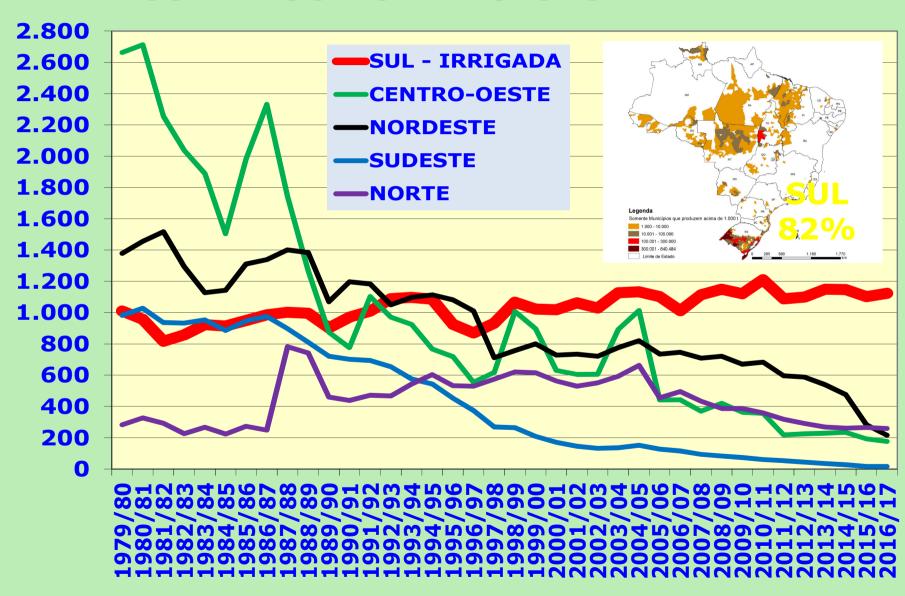
ARROZ BENEFICIADO: PREÇOS FOB TAILÂNDIA US\$/TONELADA - THAI 100%B



ARROZ: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES



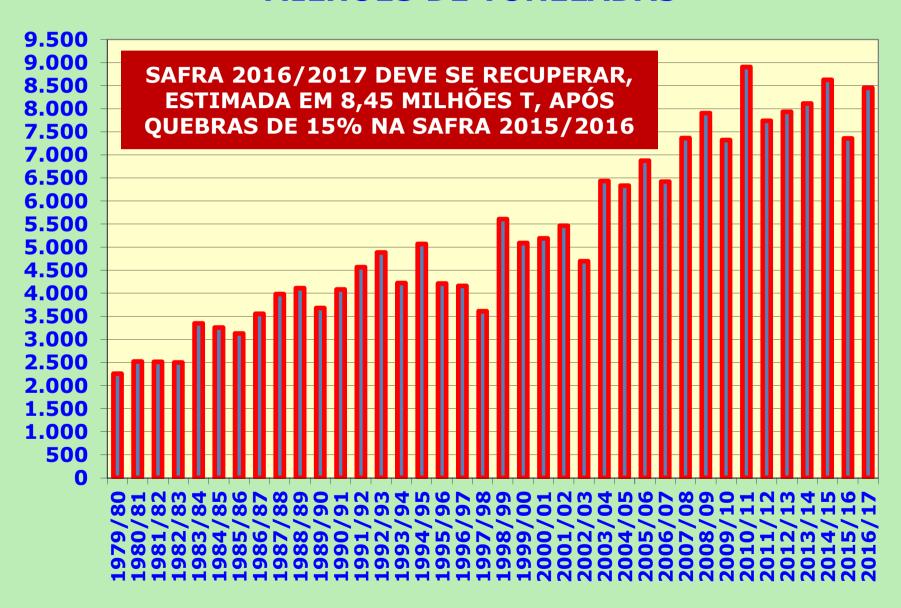
ARROZ: EVOLUÇÃO DAS ÁREAS DE CULTIVOS POR REGIÕES - MIL HA



ARROZ: ÁREA DE CULTIVO NO RIO GRANDE DO SUL - MIL HECTARES



ARROZ: PRODUÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL MILHÕES DE TONELADAS



ARROZ: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL - BASE CASCA

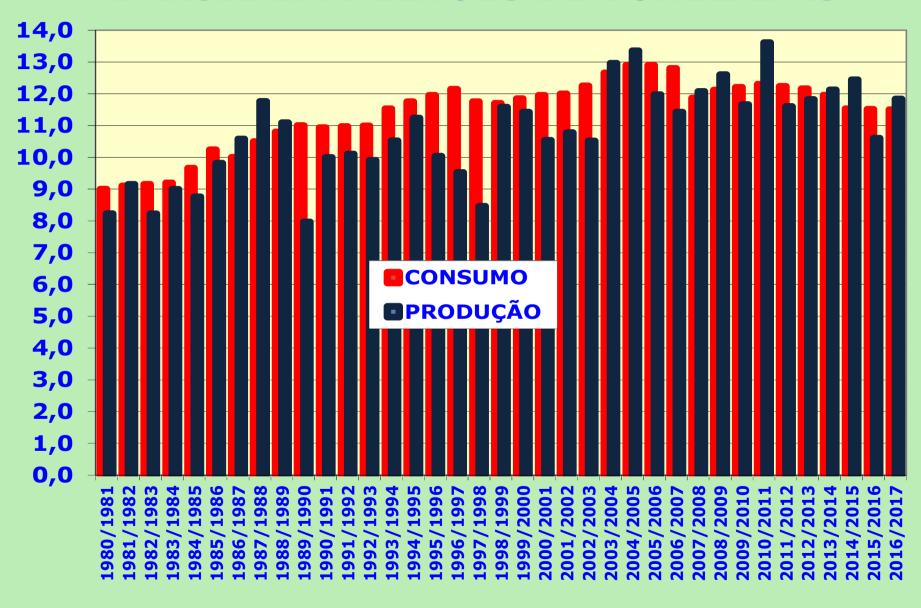
EM MIL TONELADAS

ANO	ESTOQUE	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXCEDENTE	EXPORTAÇÕES	ESTOQUE	ESTOQUE/
SAFRA	INICIAL	BASE CASCA	FINAL	DEMANDA					
1980/1981	2.059,0	8.228,0	209,0	10.496,0	9.000,0	1.496,0	73,0	1.423,0	15,8%
1981/1982	1.423,0	9.155,0	203,0	10.781,0	9.100,0	1.681,0	18,0	1.663,0	18,3%
1982/1983	1.663,0	8.224,0	465,0	10.352,0	9.150,0	1.202,0	12,0	1.190,0	13,0%
1983/1984	1.190,0	8.991,0	91,0	10.272,0	9.200,0	1.072,0	2,0	1.070,0	11,6%
1984/1985	1.070,0	8.760,0	500,0	10.330,0	9.660,0	670,0	5,0	665,0	6,9%
1985/1986	665,0	9.813,0	2.074,0	12.552,0	10.240,0	2.312,0	6,0	2.306,0	22,5%
1986/1987	2.306,0	10.578,0	235,0	13.119,0	10.000,0	3.119,0	5,0	3.114,0	31,1%
1987/1988	3.114,0	11.762,2	190,0	15.066,2	10.500,0	4.566,2	10,0	4.556,2	43,4%
1988/1989	4.556,2	11.092,0	252,5	15.900,7	10.800,0	5.100,7	10,0	5.090,7	47,1%
1989/1990	5.090,7	7.967,6	717,6	13.775,9	11.000,0	2.775,9	10,8	2.765,1	25,1%
1990/1991	2.765,1	9.997,2	1.327,9	14.090,2	10.936,4	3.153,8	2,1	3.151,7	28,8%
1991/1992	3.151,7	10.103,1	784,8	14.039,6	10.970,3	3.069,3	2,2	3.067,1	28,0%
1992/1993	3.067,1	9.903,0	1.057,1	14.027,2	10.987,5	3.039,7	6,0	3.033,7	27,6%
1993/1994	3.033,7	10.523,4	1.657,6	15.214,7	11.530,8	3.683,9	3,7	3.680,2	31,9%
1994/1995	3.680,2	11.238,0	1.102,8	16.021,0	11.751,2	4.269,8	5,9	4.263,9	36,3%
1995/1996	4.263,9	10.037,9	1.171,4	15.473,2	11.950,0	3.523,2	3,8	3.519,4	29,5%
1996/1997	3.519,4	9.524,5	1.269,0	14.312,9	12.147,0	2.165,9	4,6	2.161,3	17,8%
1997/1998	2.161,3	8.462,9	2.009,0	12.633,2	11.750,0	883,2	9,9	873,3	7,4%
1998/1999	873,3	11.582,2	1.338,0	13.793,5	11.700,0	2.093,5	37,7	2.055,8	17,6%
1999/2000	2.055,8	11.423,1	936,5	14.415,4	11.850,0	2.565,4	21,1	2.544,3	21,5%
2000/2001	2.544,3	10.536,0	951,6	14.031,9	11.950,0	2.081,9	24,4	2.057,5	17,2%
2001/2002	2.057,5	10.776,1	737,3	13.570,9	12.000,0	1.570,9	47,6	1.523,3	12,7%
2002/2003	1.523,3	10.517,1	1.601,6	13.642,0	12.250,0	1.392,0	23,5	1.368,5	11,2%
2003/2004	1.368,5	12.960,4	1.097,3	15.426,2	12.660,0	2.766,2	92,2	2.674,0	21,1%
2004/2005	2.674,0	13.355,2	728,2	16.757,4	12.900,0	3.857,4	379,7	3.477,7	27,0%
2005/2006	3.477,7	11.971,7	827,8	16.277,2	12.900,0	3.377,2	452,3	2.924,9	22,7%
2006/2007	2.924,9	11.420,8	1.069,6	15.415,3	12.800,0	2.615,3	313,1	2.302,2	18,0%
2007/2008	2.302,2	12.074,0	589,9	14.966,1	11.866,7	3.099,4	789,9	2.309,5	19,5%
2008/2009	2.309,5	12.602,5	908,0	15.820,0	12.118,3	3.701,7	894,4	2.807,3	23,2%
2009/2010	2.807,3	11.660,9	1.044,8	15.513,0	12.200,0	3.313,0	627,4	2.685,6	22,0%
2010/2011	2.685,6	13.613,1	825,4	17.124,1	12.300,0	4.824,1	2.089,6	2.734,5	22,2%
2011/2012	2.734,5	11.599,5	1.068,0	15.402,0	12.237,9	3.164,1	1.455,2	1.708,9	14,0%
2012/2013	1.708,9	11.819,7	965,5	14.494,1	12.155,5	2.338,6	1.210,7	1.127,9	9,3%
2013/2014	1.127,9	12.121,6	807,2	14.056,7	11.955,0	2.101,7	1.188,4	913,3	7,6%
2014/2015	913,3	12.444,5	503,3	13.861,1	11.530,0	2.331,1	1.362,1	969,0	8,4%
2015/2016	969,0	10.602,9	1.200,0	12.771,9	11.515,0	1.256,9	890,0	366,9	3,2%
2016/2017	366,9	11.839,8	1.100,0	13.306,7	11.500,0	1.806,7	1.250,0	556,7	4,8%
% 2016/2015	6%	-15%	138%	-8%	0%	-46%	-35%	-62%	
% 2017/2016	-62%	12%	-8%	4%	0%	44%	40%	52%	
*********	46/2047:								

*2015/2016 e 2016/2017: Estimativas Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica

Fonte dos dados: CONAB, SECEX, IBGE e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ARROZ: PRODUÇÃO x CONSUMO NO BRASIL EM MILHÕES DE TONELADAS



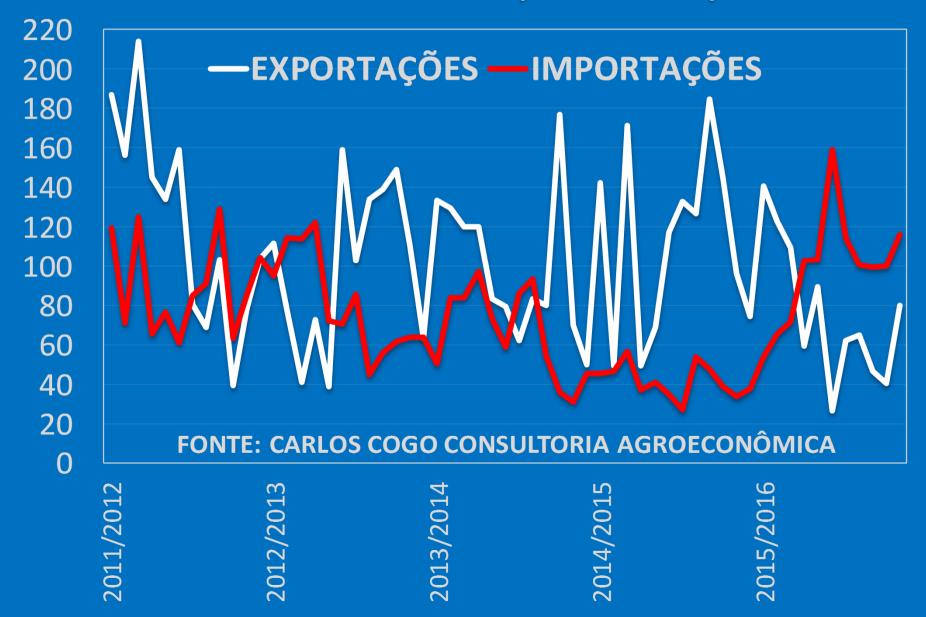
ARROZ: EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS BASE CASCA

DASE CASCA										
ANG	O-SAFRA	EXPO	DRTAÇÕES	IMPORTAÇÕES						
ANO-SAFRA	MÊS	TONELADAS	ACUMULADO NO ANO-SAFRA	TONELADAS	ACUMULADO NO ANO-SAFRA					
2014/2015	MAR	142.642		45.791						
	ABR	49.715		47.004						
	MAI	171.567		56.864						
	JUN	49.773		37.291						
	JUL	68.979		40.960						
	AGO	117.342		35.136						
	SET	133.129		27.545						
	OUT	126.973		54.022						
	NOV	184.882		47.614						
	DEZ	144.525		39.203						
	JAN	96.050		34.110						
	FEV	74.701	1.360.278	37.774	503.314					
2015/2016	MAR	140.814		53.856						
	ABR	122.761		65.825						
	MAI	109.799		72.023						
	JUN	59.749		102.928						
	JUL	89.377		103.587						
	AGO	26.858		159.000						
	SET	62.401		114.513						
	OUT	65.312		100.930						
	NOV	46.808		99.455						
	DEZ	40.456		100.089						
	JAN	79.844		116.269						
	FEV		844.179		1.088.475					
SAFRA 2014/20	15: MAR-15 A JAN-16	1.285.577		465.540						
SAFRA 2015/20	16: MAR-16 A JAN-17	844.179		1.088.475						
VARIAÇÃO 14	AN-2017/JAN-2016	-17%		241%						
	BRE O MÊS ANTERIOR	97%		16%						
<u> </u>	NO ANO-SAFRA	-34%		134%						
TARIAGAC	THE AIR OALINA	-34 /0		137 /0						
	SAL EM 2014/2015	113.357		41.943						
MÉDIA MENS	SAL EM 2015/2016	76.744		98.952						
Forte des dedes Cos	/ B.A.J.' -									

Fonte dos dados: Secex/Mdic

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ARROZ: EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MIL T BASE CASCA - 2011/2012 A 2015/2016



ARROZ: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR DESTINOS EM 2016 TONELADAS – BASE CASCA

Países	Jan	Fev	Mar	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Set	Out	Nov	Total
SENEGAL	38.602	0	8.415	44.183	36.392	0	44.554	0	0	29.410	5.282	206.838
NICARAGUA	24.480	0	0	27.495	25.157	0	0	0	26.571	0	0	103.703
GÂMBIA	0	2.220	735	18.380	0	11.765	23.528	0	0	0	26.334	82.962
PERU	11.065	5.882	6.140	11.287	7.429	7.978	5.037	9.044	7.612	3.088	3.564	78.126
VENEZUELA	6.305	0	59.990	0	0	0	1.069	3.601	3.842	4.098	2.283	74.807
ESTADOS UNIDOS	1.400	34.726	2.418	3.350	3.018	2.876	1.917	1.848	2.487	2.012	2.496	58.548
SUIÇA	74	16.550	147	110	110	13.500	147	368	13.706	13.677	0	58.389
CUBA	0	0	44.778	0	0	0	0	0	0	0	0	44.778
COSTA RICA	404	551	625	110	26.250	809	147	441	218	294	221	30.070
BOLIVIA	1.716	2.266	4.125	3.400	2.924	4.030	2.365	1.365	1.868	1.872	2.570	28.501

SUB-TOTAL 10 MAIORES IMPORTADORES EM 2016 - 86,3% DO TOTAL = 766.722 T

OUTROS 53 PAÍSES IMPORTADORES EM 2016 - 13,7% DO TOTAL = 121.526 T

TOTAL EXPORTADO DE JANEIRO A NOVEMBRO DE 2016 = 888.248 T

ARROZ: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR ORIGENS EM 2016 TONELADAS – BASE CASCA

País	Jan	Fev	Mar	Abril	Maio	Jun	Jul	Agos	Set	Out	Nov	Dez	Total
Argentina	2.085	5.782	7.655	7.539	22.503	13.601	14.835	19.373	18.267	15.525	16.993		144.158
Chile	371	165	203	165	165	165	165	165	165	329	0		2.058
Coréia do Sul	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0		1
Espanha	4	6	6	6	0	0	0	10	0	0	0		32
EUA	43	5	5	0	0	18	0	23	0	0	6		100
França	1	0	2	0	0	0	3	0	0	0	0		6
Guiana	4.242	487	244	365	122	276	487	9.063	240	799	689		17.014
India	37	0	0	1	0	0	2	0	37	0	0		77
Itália	242	309	417	325	329	470	659	378	374	422	462		4.387
Japão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		0
Paquistão	37	0,0	4	0	7	1	4	37	5	37	1		133
Paraguai	23.831	25.482	39.344	53.190	36.691	57.152	47.854	58.348	51.062	50.921	47.471		491.346
Portugal	4	0	0	0	0	5	0	0	0	0	4		13
Tailândia	0	53	19	65	0	32	32	50	96	127	65		539
Uruguai	2.975	5.133	5.883	4.132	12.097	31.171	39.224	71.309	44.055	32.654	33.545		282.178
Vietna	238	352	74	37	109	37	321	244	212	116	219		1.959
Total	34.110	37.774	53.856	65.825	72.023	102.928	103.587	159.000	114.513	100.930	99.455	0	944.001

PARAGUAI = 52% DO TOTAL IMPORTADO ENTRE JANEIRO E NOVEMBRO DE 2016



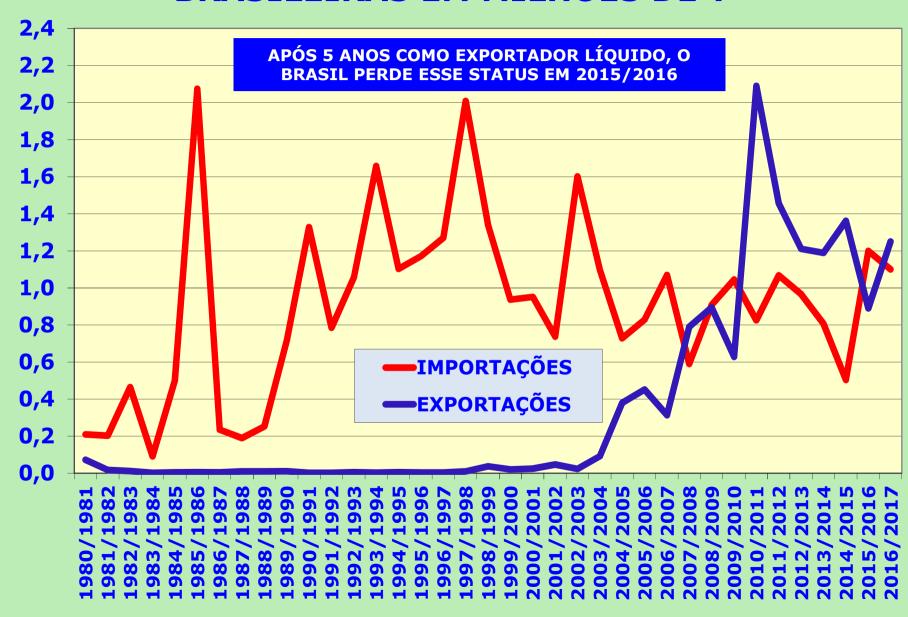
BRASIL: ESTIMATIVA DE OFERTA E DEMANDA DE ARROZ EM MIL TONELADAS BASE CASCA

ESTIMATIVA CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

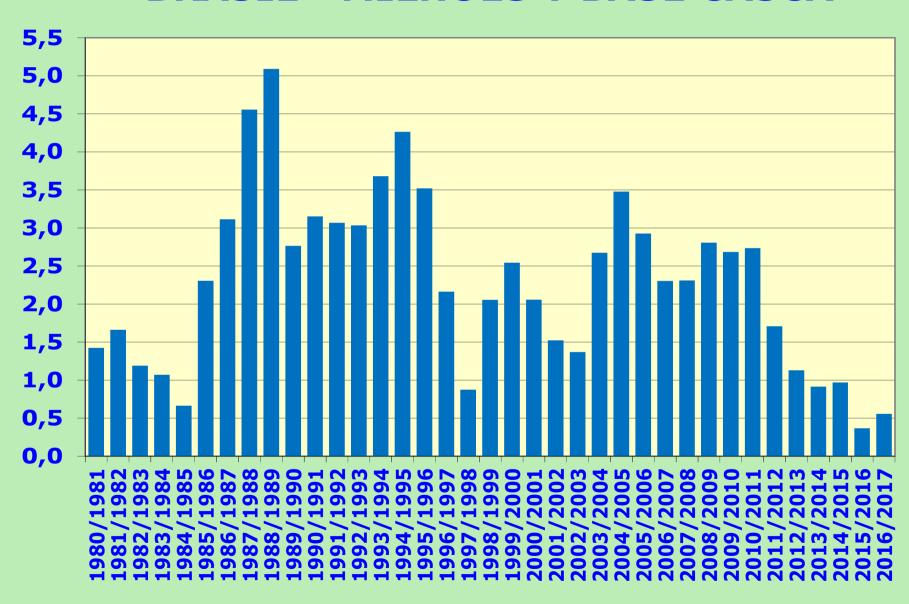
ITEM	2014/2015	2015/2016 (A)	2016/2017 (B)	(B) / (A)
ESTOQUE INICIAL	913,3	969,0	366,9	-62%
PRODUÇÃO	12.444,5	10.602,9	11.839,8	12%
OFERTA TOTAL	13.357,8	11.571,9	12.206,7	5%
DEMANDA	11.530,0	11.515,0	11.500,0	0%
EXPORTAÇÕES	1.362,1	890,0	1.250,0	40%
DEMANDA TOTAL	12.892,1	12.405,0	12.750,0	3%
IMPORTAÇÕES	503,3	1.200,0	1.100,0	-8%
ESTOQUE FINAL	969,0	366,9	556,7	52%
DIAS CONSUMO	31	12	18	

Elaboração: Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica

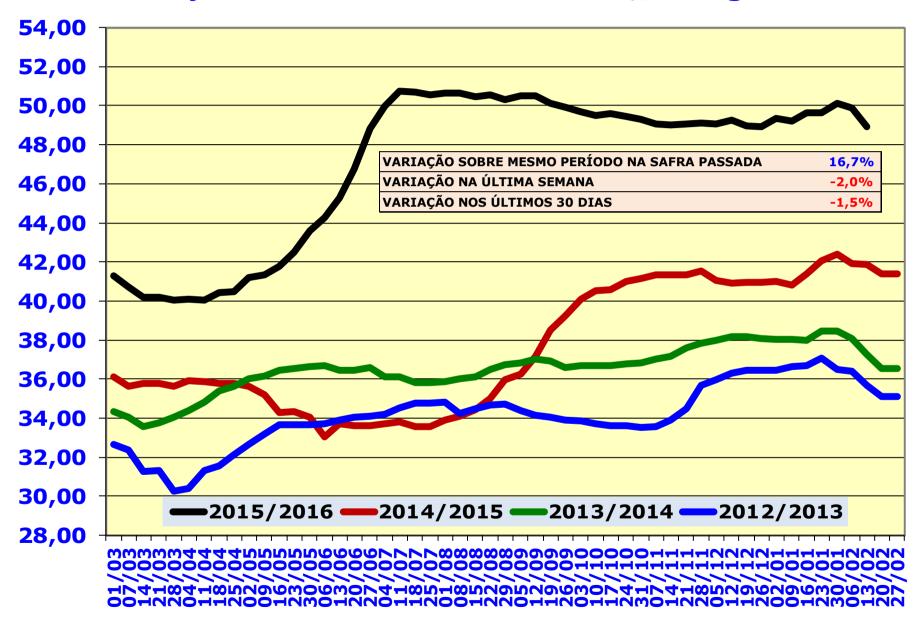
ARROZ: IMPORTAÇÕES x EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MILHÕES DE T



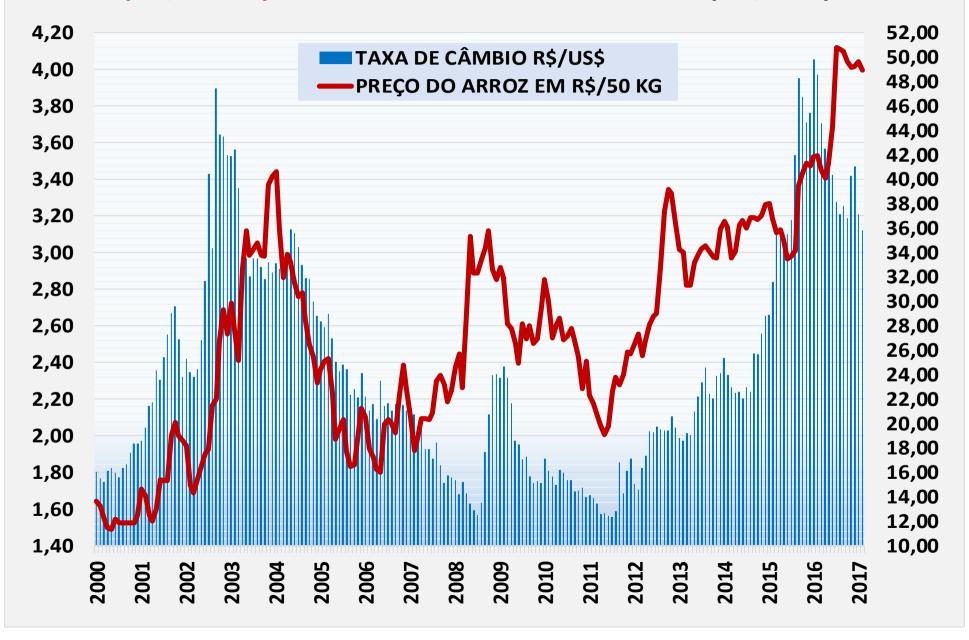
ARROZ: ESTOQUES DE PASSAGEM BRASIL - MILHÕES T BASE CASCA



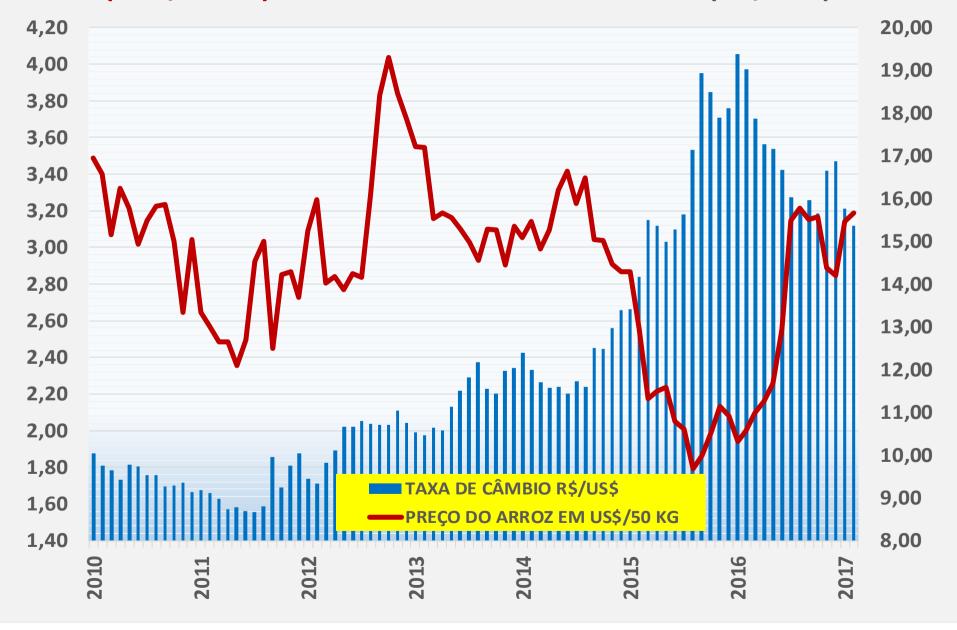
ARROZ EM CASCA: EVOLUÇÃO SEMANAL DOS PREÇOS AO PRODUTOR DO RS - R\$/50 Kg FOB



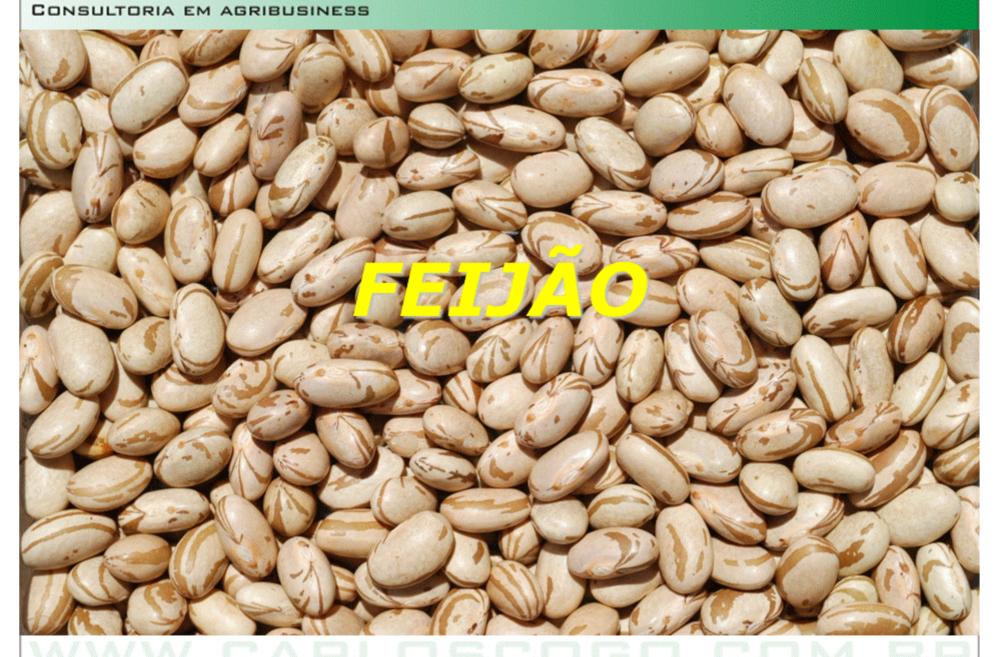
PREÇO DO ARROZ EM CASCA FOB PRODUTOR RS (R\$/50 KG) x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL (R\$/US\$)



PREÇO DO ARROZ EM CASCA FOB PRODUTOR RS (US\$/50 KG) x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL (R\$/US\$)



CARLOS COGO





FEIJÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017

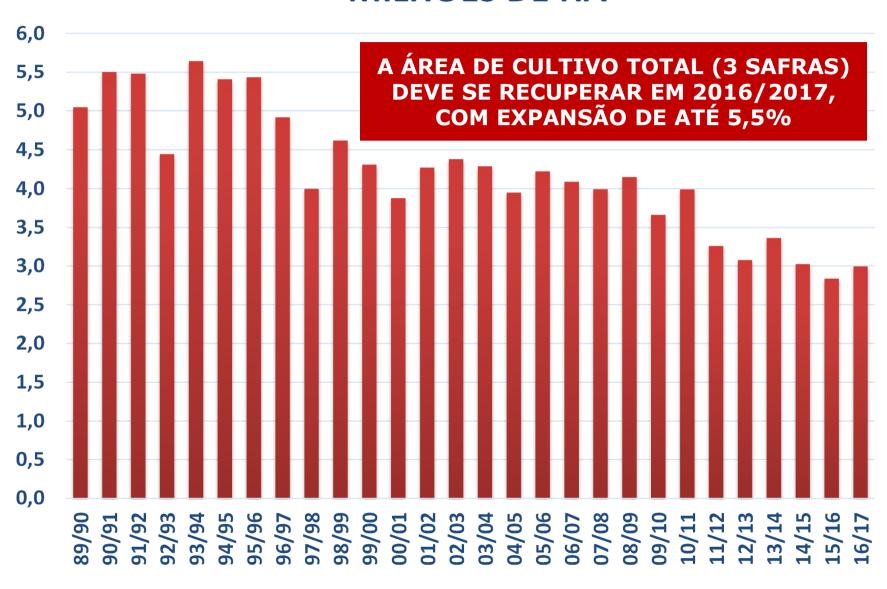
- A área de cultivo na 1ª safra 2016/2017 cresceu 14,0%, com colheita de 1,414 milhão de toneladas, 36,7% acima do ano anterior.
- Para a 2ª safra 2016/2017, a área de cultivo está prevista em 1,333 milhão de hectares, 1,5% acima do ano anterior.
- A tendência é de estabilidade na área plantada na 3ª safra 2016/2017, em 545 mil hectares, mesmo número registrado no ano anterior, com potencial de produção 19,1% maior, estimada em 673 mil toneladas.
- A produção total de feijão nas três safras de 2016/2017 está estimada em 3,276 milhões de toneladas, 30,4% acima das 2,513 milhões de toneladas produzidas em 2015/2016.
- Caso confirmada, a produção total estimada para 2016/2017 ficará alinhada ao consumo interno, estimado em 3,3 milhões de toneladas, expansão de 18% sobre as 2,8 milhões de toneladas de 2015/2016, em função da tendência de retração dos preços ao consumidor.
- Desde o início do segundo semestre de 2016, os preços do feijão carioca começaram a ceder, diante do aumento da oferta de novas colheitas da 3ª safra, da redução do consumo e da retração dos compradores.



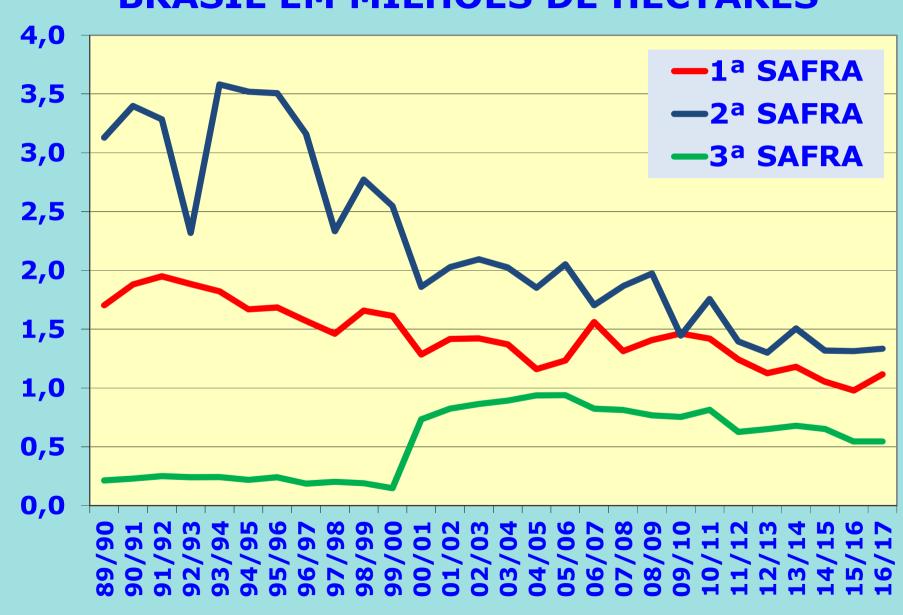
FEIJÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017

- O mercado permanece calmo, com fraco movimento de compradores e poucas negociações neste primeiro bimestre de 2017.
- As ofertas atuais disponíveis no mercado atacadista são oriundas dos estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Goiás.
- A fraca demanda reflete em redução das cotações do grão.
- Um dos principais motivos para esse comportamento de mercado está na dificuldade de repassar aumentos para os supermercados, que não estão registrando bons volume de vendas de seus estoques.
- Nos últimos meses, os preços seguiram em trajetória de queda.
- Os compradores estão retraídos, diante da situação cômoda para programar suas compras, aguardando o incremento da oferta de feijão da 2ª safra 2016/2017.
- Caso não ocorram problemas severos de ordem climática e/ou expressivo aquecimento da demanda, a tendência é de que os preços recuem ainda mais ou permaneçam nos atuais patamares no curto e no médio prazo, diante da oferta suficiente para atender a demanda, ao contrário do ocorrido ao longo de 2016.

FEIJÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HA

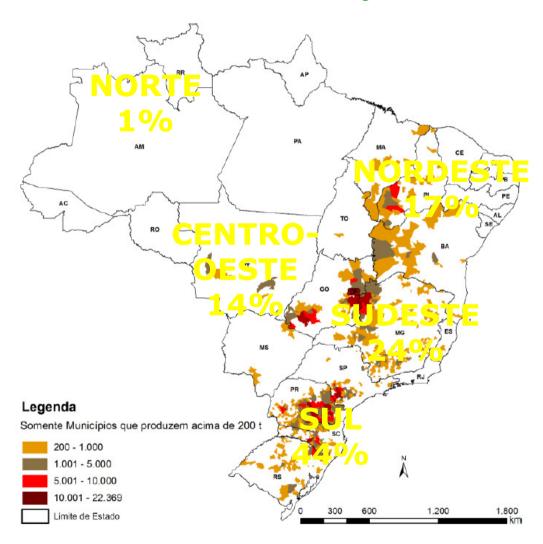


FEIJÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES



CARLOS COGO

FEIJÃO 1ª SAFRA: DISTRIBUIÇÃO DAPRODUÇÃO



FEIJÃO 1ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
UF/Região					*			Ø			*	
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
ТО												
					Norde	este						
PI												
BA												
					Centro-	Oeste						
MT												
MS												
GO												
DF												
					Sude	ste						
MG												
ES												
RJ												
SP												
	Sul											
PR												
SC												
RS												

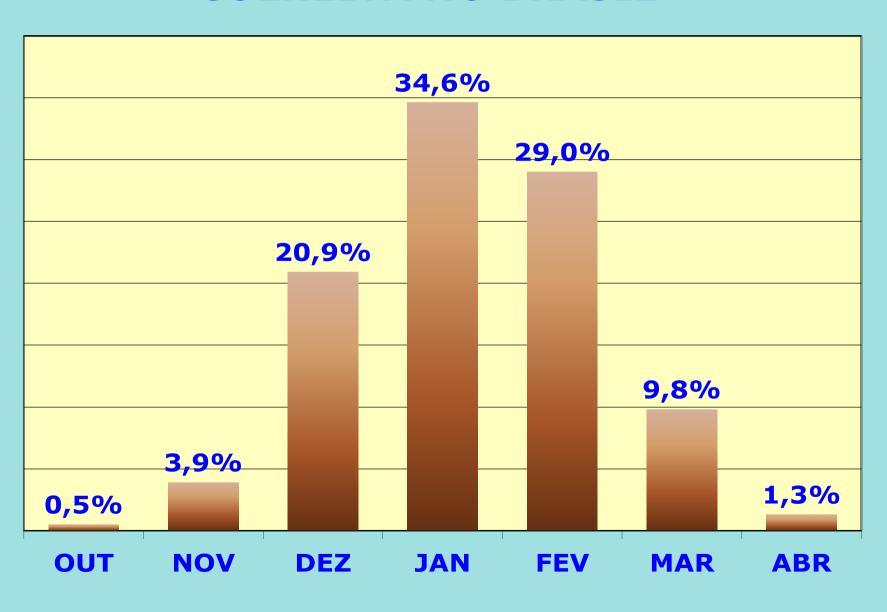


P = PLANTIO

C = COLHEITA

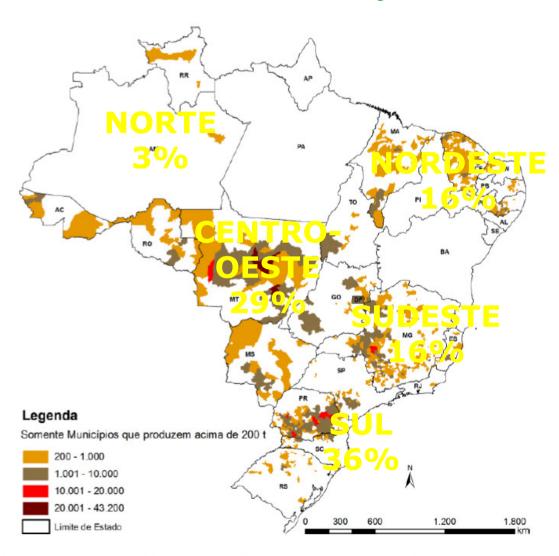
Legenda: Plantio Colheita

FEIJÃO 1ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL



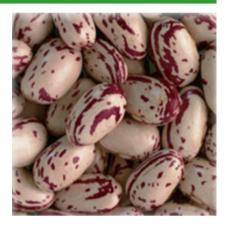
CARLOS COGO

FEIJÃO 2ª SAFRA: DISTRIBUIÇÃO DAPRODUÇÃO



FEIJÃO 2ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

	22/09 a 21/12	21/12 a 20/03	20/03 a 21/06	21/06a 22/09		
UF/Região		*	Ø			
	Out Nov Dez	Jan Fev Mar	Abr Mai Jun	Jul Ago Set		
		Norte				
RR						
RO						
AC						
AM						
AP						
ТО			_ = =			
		Nordeste				
MA						
PI						
CE						
RN						
РВ						
PE						
		Centro-Oeste				
MT		- Common-Octate				
MS						
GO						
DF						
		Sudeste				
MG						
ES						
RJ						
SP				_		
		Sul				
PR						
SC						
RS						



P = PLANTIO

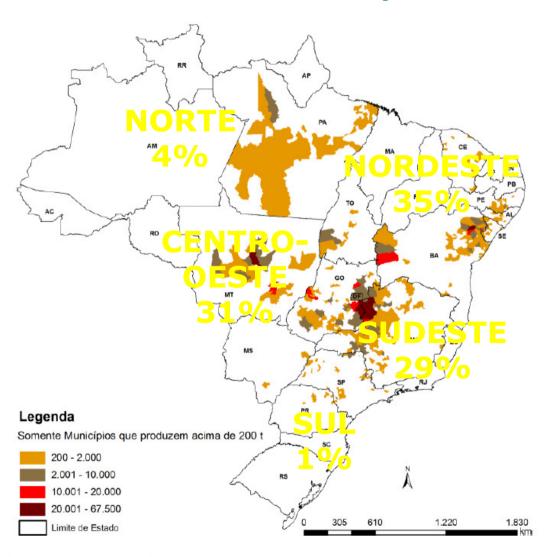
C = COLHEITA

FEIJÃO 2ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL



CARLOS COGO

FEIJÃO 3ª SAFRA: DISTRIBUIÇÃO DAPRODUÇÃO



FEIJÃO 3ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

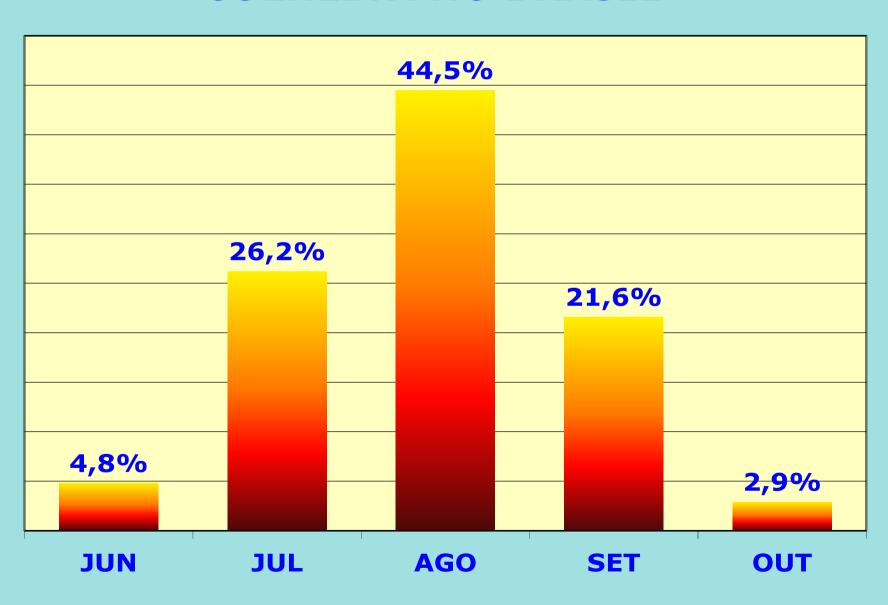




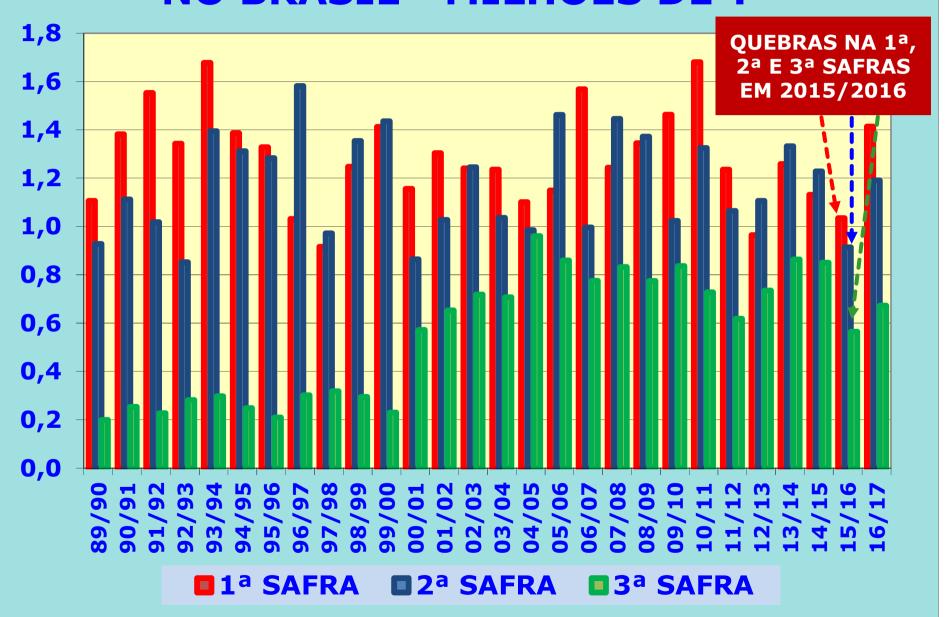
P = PLANTIO

C = COLHEITA

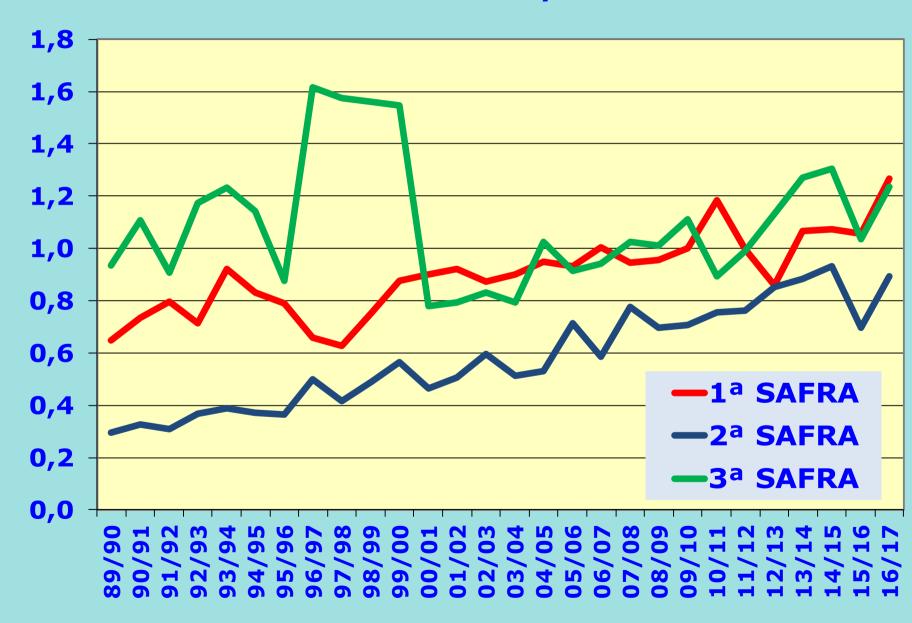
FEIJÃO 3ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL



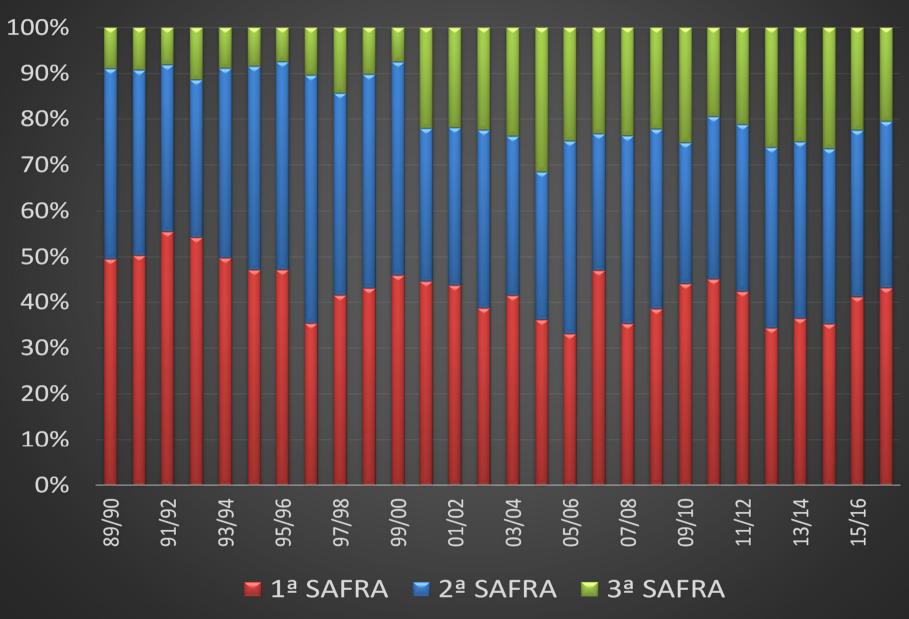
FEIJÃO: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NO BRASIL - MILHÕES DE T



FEIJÃO: PRODUTIVIDADE MÉDIA EM TONELADAS/HA







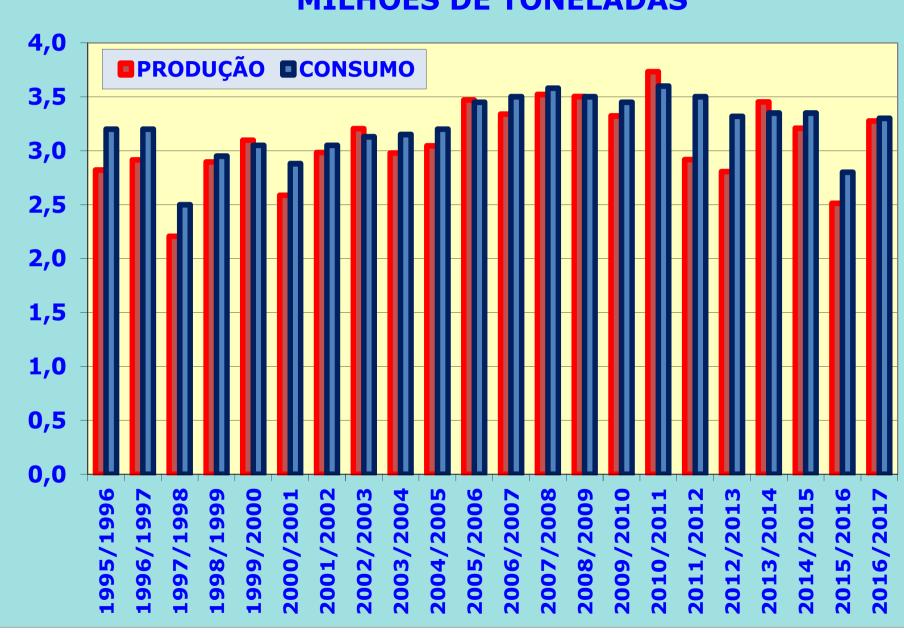
FEIJÃO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL									
ANO-SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO TOTAL 3 SAFRAS	IMPORTAÇÕES TOTAIS	OFERTA TOTAL	CONSUMO INTERNO	EXPORTAÇÕES TOTAIS	ESTOQUES FINAIS	POPULAÇÃO BRASIL	CONSUMO PER CAPITA
	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	HABITANTES	KG/HAB
1980/1981	296,2	2.407,0	0,0	2.703,2	2.407,0	0,0	296,2	121.381.328	19,8
1981/1982	296,2	3.097,6	0,0	3.393,8	3.097,6	0,0	296,2	124.250.840	24,9
1982/1983	296,2	1.653,9	3,7	1.953,8	1.653,9	0,0	299,9	127.140.354	13,0
1983/1984	299,9	2.616,1	60,5	2.976,5	2.616,2	0,0	360,4	130.082.524	20,1
1984/1985	360,4	2.533,8	15,3	2.909,5	2.533,8	0,0	375,6	132.999.282	19,1
1985/1986	375,6	2.244,8	95,0	2.715,4	2.244,9	0,0	470,6	135.814.249	16,5
1986/1987	470,6	2.108,0	35,0	2.613,6	2.108,0	0,0	505,5	138.585.894	15,2
1987/1988	505,5	2.752,0	10,0	3.267,5	2.600,0	0,0	667,5	141.312.997	18,4
1988/1989	667,5	2.386,4	25,0	3.078,9	2.600,0	0,0	478,9	143.997.246	18,1
1989/1990	478,9	2.234,0	70,3	2.783,2	2.370,8	0,0	412,4	146.592.579	16,2
1990/1991	412,4	2.748,0	88,6	3.249,0	2.638,1	0,0	610,9	149.094.266	17,7
1991/1992	610,9	2.797,0	57,7	3.465,6	2.795,6	0,0	670,0	151.546.843	18,4
1992/1993	670,0	2.478,0	54,9	3.202,9	2.771,0	0,0	431,9	153.985.576	18,0
1993/1994	431,9	3.369,0	156,4	3.957,3	3.200,0	0,0	757,3	156.430.949	20,5
1994/1995	757,3	2.946,0	189,5	3.892,8	3.300,0	0,0	592,8	158.874.963	20,8
1995/1996	592,8	2.821,0	81,8	3.495,6	3.200,0	0,0	295,6	161.323.169	19,8
1996/1997	295,6	2.914,8	157,4	3.363,7	3.200,0	4,1	163,7	163.779.827	19,5
1997/1998	163,7	2.206,3	211,3	2.575,1	2.500,0	6,2	75,1	166.252.088	15,0
1998/1999	75,1	2.895,7	92,9	3.061,1	2.950,0	2,6	111,1	168.753.552	17,5
1999/2000	111,1	3.098,0	78,8	3.283,2	3.050,0	4,7	233,2	169.799.000	18,0
2000/2001	233,2	2.587,1	130,3	2.948,3	2.880,0	2,3	68,3	172.385.826	16,7
2001/2002	68,3	2.983,0	82,3	3.117,4	3.050,0	16,2	67,4	174.632.960	17,5
2002/2003	67,4	3.205,0	103,3	3.372,9	3.130,0	2,8	242,9	176.871.437	17,7
2003/2004	242,9	2.978,3	78,9	3.298,1	3.150,0	2,0	148,1	181.581.024	17,3
2004/2005	148,1	3.045,5	100,7	3.292,0	3.200,0	2,3	92,0	184.184.264	17,4
2005/2006	92,0	3.471,2	70,1	3.625,3	3.450,0	8,0	175,3	186.770.562	18,5
2006/2007	175,3	3.339,7	107,1	3.589,5	3.500,0	32,7	89,5	183.989.711	19,0
2007/2008	89,5	3.520,9	209,7	3.818,1	3.580,0	2,0	238,1	189.612.814	18,9
2008/2009	238,1	3.502,7	109,9	3.817,7	3.500,0	33,0	317,7	191.480.630	18,3
2009/2010	317,7	3.322,5	181,2	3.817,0	3.450,0	4,4	367,0	190.747.855	18,1
2010/2011	367,0	3.732,8	207,1	4.286,4	3.600,0	20,5	686,4	192.379.287	18,7
2011/2012	686,4	2.918,4	312,3	3.873,8	3.500,0	43,3	373,8	193.946.886	18,0
2012/2013	373,8	2.806,3	304,4	3.449,2	3.320,0	35,3	129,2	201.032.714	16,5
2013/2014	129,2	3.453,7	135,9	3.653,8	3.350,0	65,0	303,8	202.768.562	16,5
2014/2015	303,8	3.210,2	156,7	3.548,1	3.350,0	122,6	198,1	204.450.649	16,4
2015/2016	198,1	2.512,9	325,0	2.986,0	2.800,0	50,0	186,0	206.086.254	13,6
2016/2017	186,0	3.276,7	150,0	3.492,7	3.300,0	120,0	192,7	207.116.685	15,9
VAR. 16/15	-35%	-22%	107%	-16%	-16%	-59%	-6%	0,8%	-17%
VAR. 17/16	-6%	30%	-54%	17%	18%	140%	4%	0,5%	17%

Fontes: CONAB, SECEX e IBGE

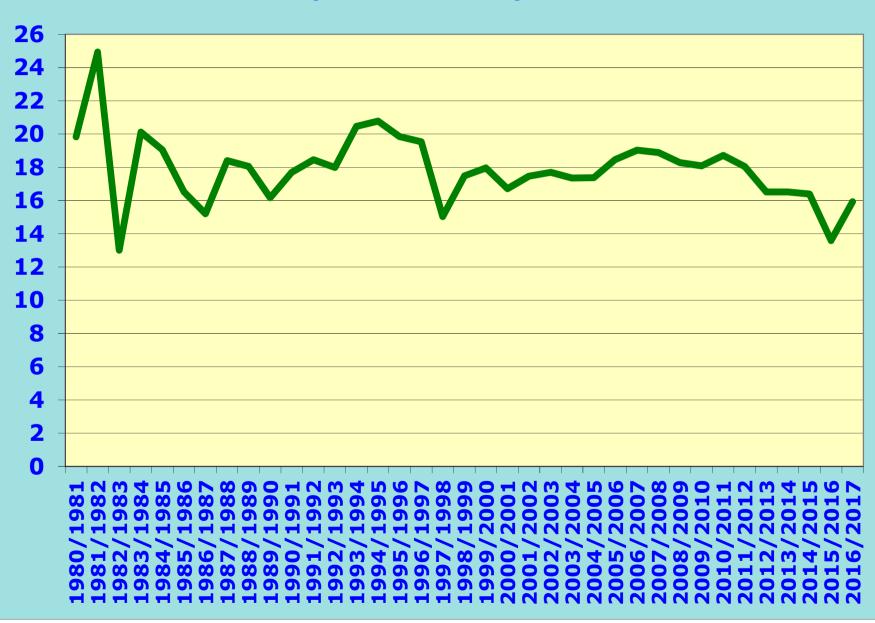
Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

^{*2016/2017 -} PROJEÇÕES CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

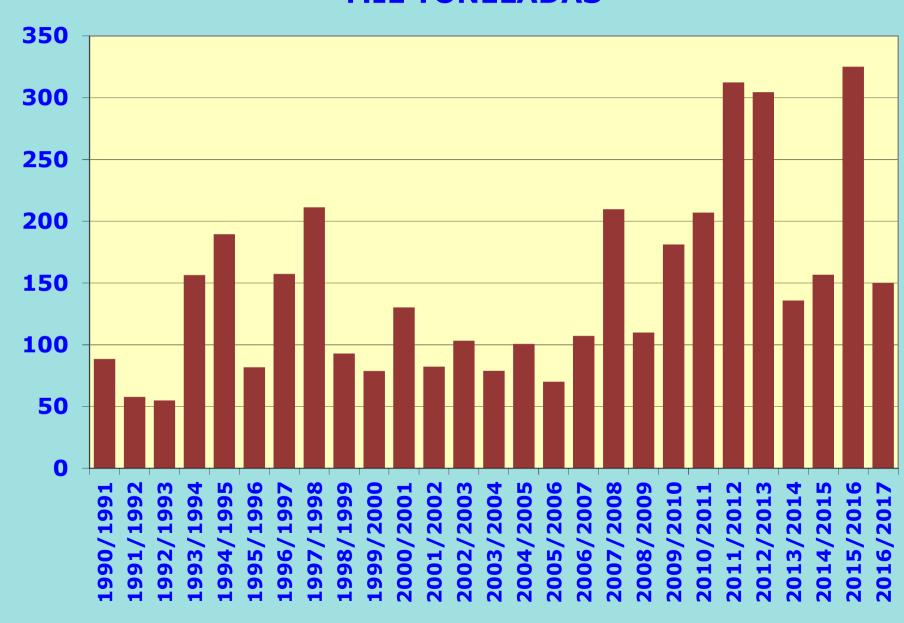
FEIJÃO: PRODUÇÃO x DEMANDA NO BRASIL EM MILHÕES DE TONELADAS



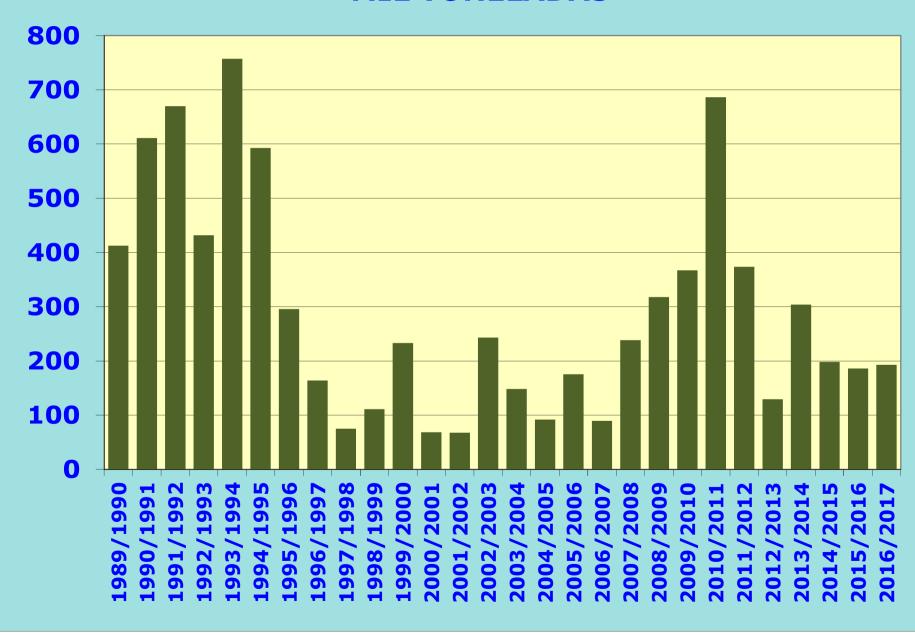
FEIJÃO: CONSUMO PER CAPITA NO BRASIL KG/HABITANTE/ANO



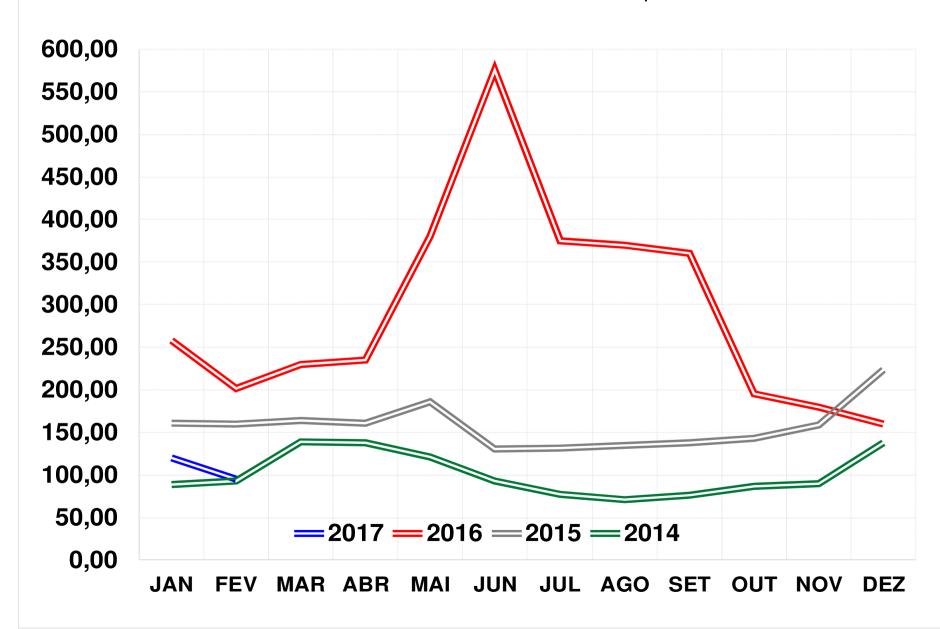
FEIJÃO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MIL TONELADAS



FEIJÃO: ESTOQUES DE PASSAGEM NO BRASIL MIL TONELADAS



FEIJÃO CARIOCA: PREÇOS AO PRODUTOR MÉDIA CENTRO-SUL BRASIL - R\$/SACA 60 KG



CARLOS COGO

CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS





- Segundo o relatório mensal de oferta e demanda de Fevereiro/2017 do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção mundial de algodão em 2016/2017 está estimada em 22,953 milhões de toneladas, alta de 9,3% frente à colheita de 2015/2016.
- O consumo mundial 2016/2017 está projetado em 24,499 milhões de toneladas, alta de 1,1% em relação à temporada anterior, mas excedendo a produção em 1,546 milhão de toneladas.
- A próxima temporada global será a segunda consecutiva em que a produção ficará abaixo da demanda, o que implicará em novo recuo dos estoques de passagem mundiais.
- Os estoques finais mundiais deverão recuar 7,1%, para 19,594 milhões de toneladas, mas ainda representarão reservas suficientes para 292 dias de consumo, sendo que 54% dos mesmos estão na China.
- A comercialização global de algodão deverá crescer 1,3% na safra 2016/2017, para 7,781 milhões de toneladas, mantendo-se praticamente estagnada nas últimas três temporadas e ficando bem abaixo do recorde de 10,105 milhões de toneladas de 2012/2013.



- A primeira estimativa do Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) para a safra 2017/2018 indica aumento de 2,0% na produção mundial, atingindo 23,4 milhões de toneladas, como resultado da expansão de 5,0% na área semeada, para 30,6 milhões de hectares, especialmente na Índia e na China.
- A produtividade média deve ser de 764 Kg por hectare, queda de 2,0% frente à safra 2016/2017, que é de 781 Kg por hectare.
- Na Bolsa de Nova York, nos últimos sete dias, os vencimentos registram alta, ainda influenciados pela maior demanda pela pluma norteamericana e também pela desvalorização do dólar no mercado internacional, o que favorece compradores estrangeiros.
- O contrato Março/2017 apresenta alta de 2,01% no período, cotado a 75,63 centavos de dólar por libra-peso; para Maio/2017, a alta é de 2,07%, a 76,37 centavos de dólar por libra-peso e, para Julho/2017, de 2,21%, para 77,11 centavos de dólar por libra-peso.
- O contrato Outubro/2017 apresenta alta de 2,63%, cotado a 74,01 centavos de dólar por libra-peso.



- No Brasil, os preços da pluma têm apresentado pequenas oscilações, devido à disparidade entre os valores pedidos por vendedores e ofertados por compradores.
- Nos últimos sete dias, o Indicador CEPEA/ESALQ com pagamento em 8 dias, referente à pluma 41-4, posta em São Paulo, apresenta alta de 0,1%, cotado a R\$ 2,75 por libra-peso.
- Na parcial deste mês de fevereiro, o Indicador registra recuo de 0,1%.
- Apesar da estabilidade, alguns lotes de pluma envolvendo pequenos volumes têm sido negociados para embarque imediato.
- Os produtores estão firmes nos valores pedidos, especialmente para o algodão de boa qualidade, pois os lotes disponíveis não têm atendido às exigências de compradores tanto para a realização de novos fechamentos como para o cumprimento dos contratos.
- Além disso, com o início da safra da soja no Brasil, há relatos de aumento nos preços dos fretes, o que dificulta ainda mais o acordo entre comprador e vendedor.
- Os compradores mantêm-se retraídos neste mês de fevereiro.



- Na maioria dos casos, as empresas trabalham com a pluma em estoque ou com o recebimento das programações já firmadas.
- As indústrias relatam demanda enfraquecida por produtos têxteis e, dessa forma, há dificuldade em repassar os preços da matéria-prima.
- Quanto à comercialização antecipada, o mercado de algodão apresenta boa liquidez para entregas tanto para o segundo semestre de 2017 como para 2018, envolvendo produto das temporadas 2016/2017 e 2017/2018, respectivamente.
- O mesmo ocorre para contratos destinados à exportação, em que agentes de mercado aproveitaram as altas nos preços externos e negociaram bons volumes para as duas próximas safras.
- A paridade de exportação na condição FAS (Free Alongside Ship), Porto de Paranaguá (PR), é de R\$ 2,26 por libra-peso, com base no Índice Cotlook A, referente à pluma posta no Extremo Oriente.
- As exportações brasileiras de pluma recuaram em janeiro/2017 pelo terceiro mês consecutivo, com embarques de 31,3 mil toneladas, queda de 66% sobre janeiro de 2016.



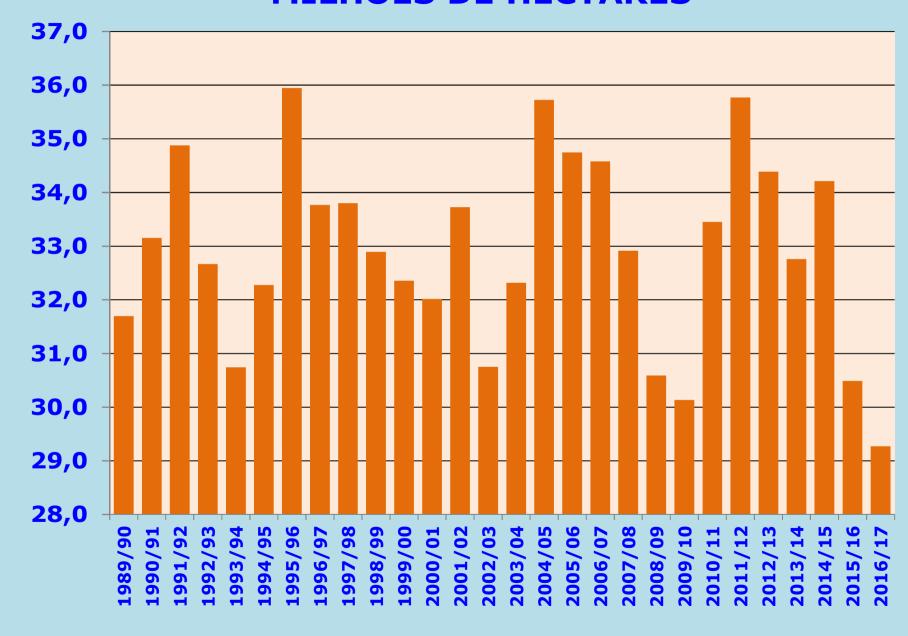
- O total de algodão exportado pelo Brasil no primeiro mês de 2017 é o menor desde agosto de 2016.
- Em janeiro, o faturamento foi de US\$ 48,9 milhões, 57,0% menor que o de dezembro/2016.
- Em moeda nacional, a receita de R\$ 156,4 milhões caiu 59,0% na comparação com o último mês de 2016.
- O preço médio de exportação em janeiro foi de 70,94 centavos de dólar por libra-peso, apenas 0,6% inferior ao do mês anterior, de 71,40 centavos de dólar por libra-peso, mas 4,5% maior que há um ano.
- As importações da pluma somaram 2,9 mil toneladas em janeiro/2017, 26,3% abaixo do volume do mês anterior.
- O preço médio de importação foi de 73,69 centavos de dólar por librapeso em janeiro, 3,8% maior que o valor do mês anterior, de 71,01 centavos de dólar por libra-peso, mas 33,5% inferior aos 11,07 centavos de dólar por libra-peso de janeiro/2016.
- A tendência é de preços firmes no curto e no médio prazo, com período de entressafra no Brasil e baixos estoques no mercado interno.

ALGODÃO EM PLUMA: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS

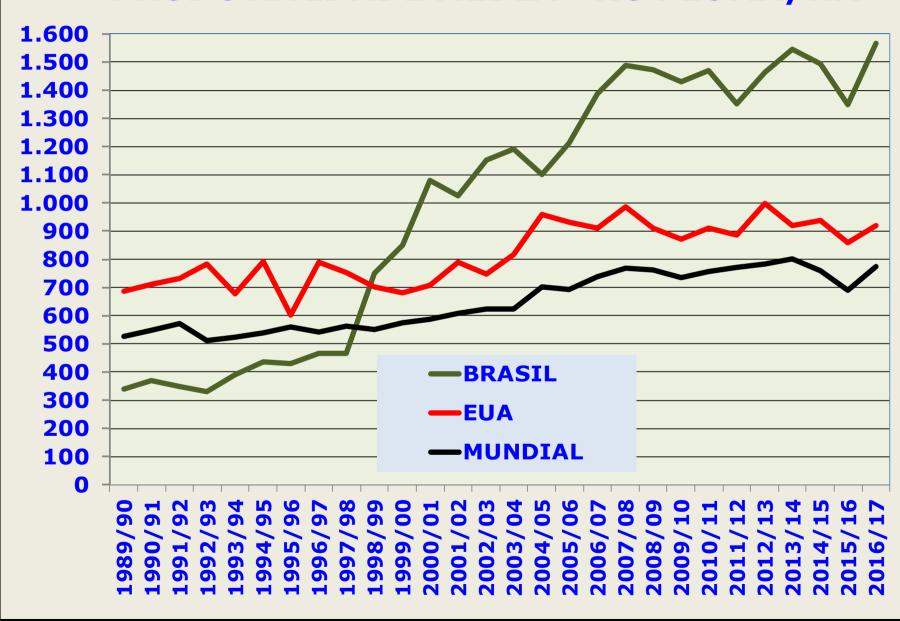
EM MILHOES DE TONELADAS											
ANO	PRODUÇÃO	CONSUMO	EXPORTAÇÕES	ESTOQUES	ESTOQUES/						
SAFRA	MUNDIAL	MUNDIAL	TOTAIS	FINAIS	CONSUMO						
1993/1994	16,770	18,593	5,830	5,825	31,3%						
1994/1995	18,690	18,451	6,180	6,498	35,2%						
1995/1996	20,260	18,722	6,040	7,960	42,5%						
1996/1997	19,506	19,165	5,850	8,680	45,3%						
1997/1998	19,980	19,010	5,820	9,600	50,5%						
1998/1999	18,570	18,440	5,150	10,470	56,8%						
1999/2000	19,050	19,820	5,950	9,930	50,1%						
2000/2001	19,440	18,840	5,750	9,720	51,6%						
2001/2002	21,490	20,280	6,150	10,500	51,8%						
2002/2003	19,290	21,130	6,580	8,613	40,8%						
2003/2004	21,130	21,660	7,240	8,830	40,8%						
2004/2005	26,468	23,492	7,623	13,188	56,1%						
2005/2006	25,359	25,425	9,785	13,464	53,0%						
2006/2007	26,522	26,954	8,160	13,557	50,3%						
2007/2008	26,050	26,485	8,503	13,260	50,1%						
2008/2009	23,365	23,987	6,619	13,391	55,8%						
2009/2010	22,258	25,813	7,750	10,914	42,3%						
2010/2011	25,602	25,208	7,666	11,035	43,8%						
2011/2012	27,743	22,666	10,029	16,202	71,5%						
2012/2013	26,976	23,612	10,105	20,058	84,9%						
2013/2014	26,207	23,902	8,924	22,495	94,1%						
2014/2015	25,950	24,257	7,690	24,325	100,3%						
2015/2016	21,005	24,223	7,682	21,082	87,0%						
2016/2017	22,953	24,499	7,781	19,594	80,0%						
16-17/15-16 (%)	9,3%	1,1%	1,3%	-7,1%	-8,1%						

Fontes: USDA FEVEREIRO/2017 e ICAC FAVEREIRO/2017 Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

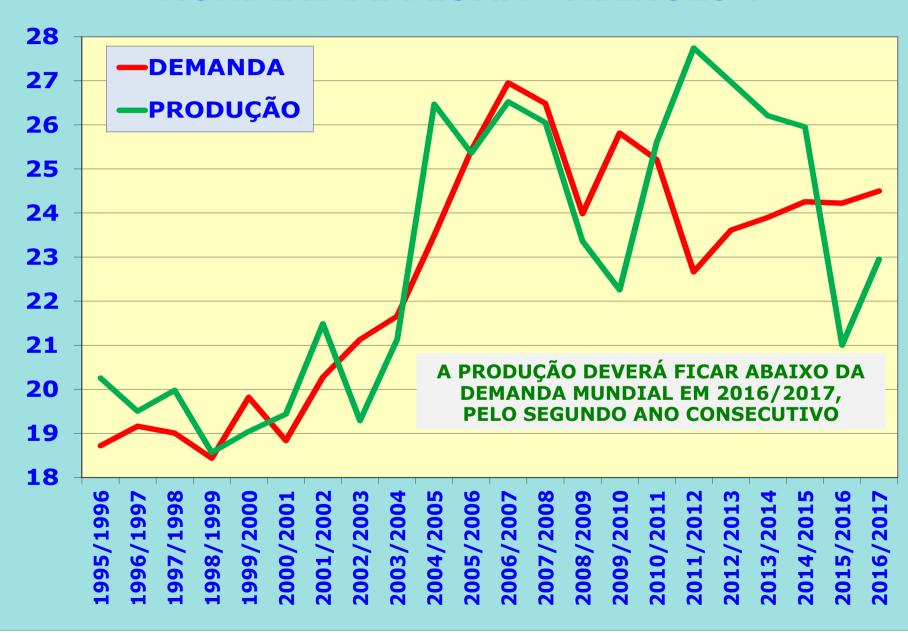
ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO MUNDIAL MILHÕES DE HECTARES



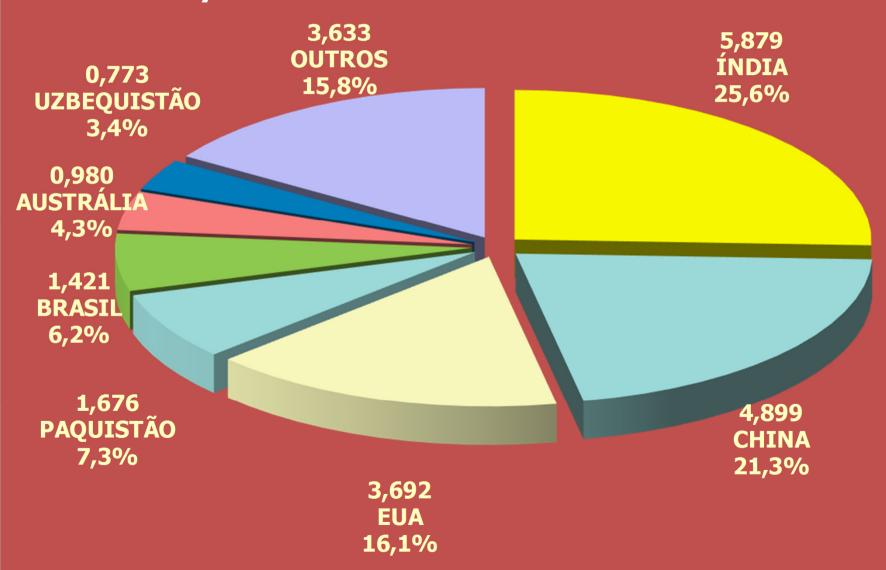
ALGODÃO: EVOLUÇÃO DA PRODUTIVIDADE MÉDIA - KG PLUMA/HA



ALGODÃO: PRODUÇÃO E DEMANDA MUNDIAL DE PLUMA - MILHÕES T



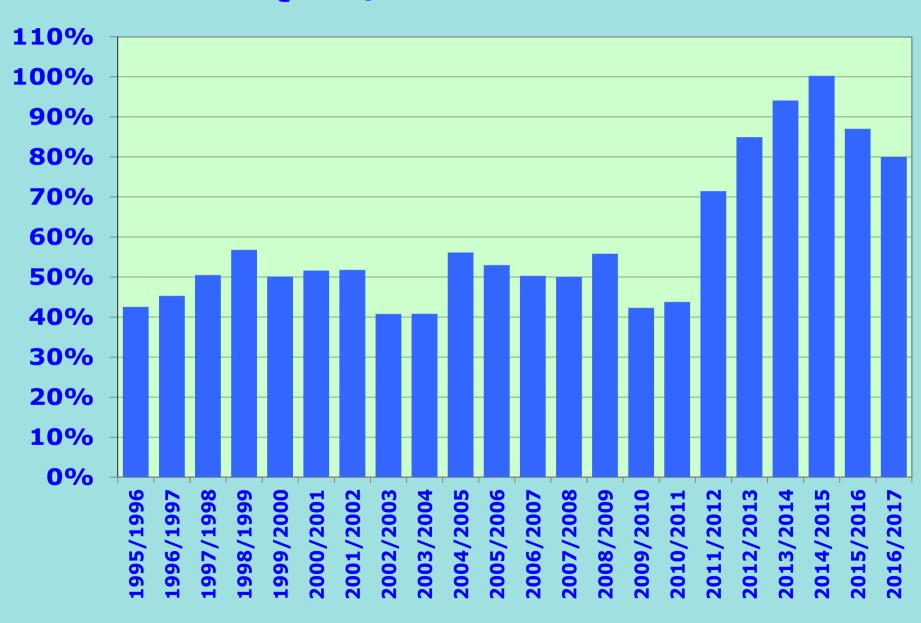
ALGODÃO: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL NA SAFRA 2016/2017 - MILHÕES T E % DO TOTAL



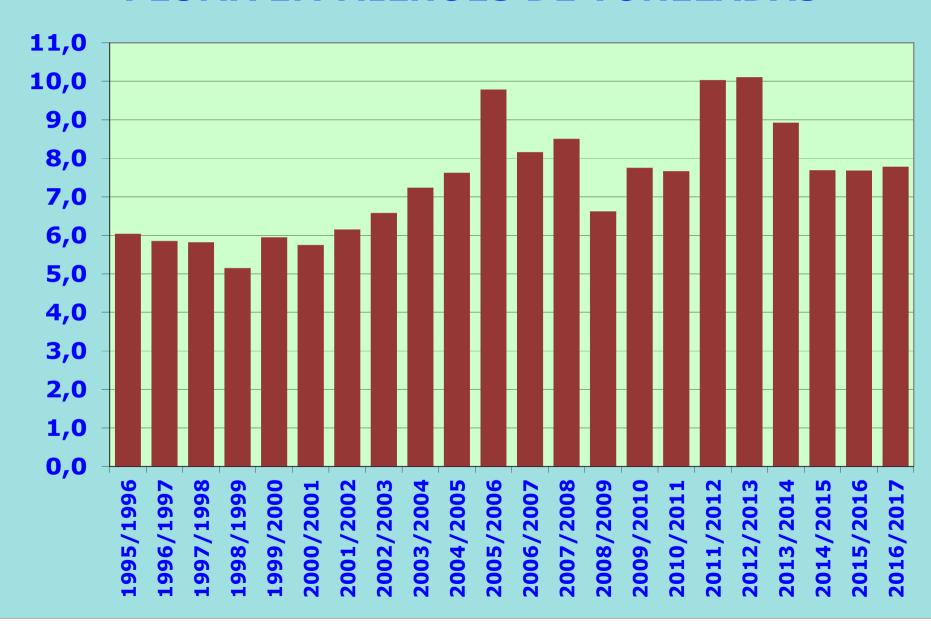
ALGODÃO: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES T



ALGODÃO: RELAÇÃO ESTOQUES/CONSUMO MUNDIAL



ALGODÃO: COMÉRCIO MUNDIAL DE PLUMA EM MILHÕES DE TONELADAS



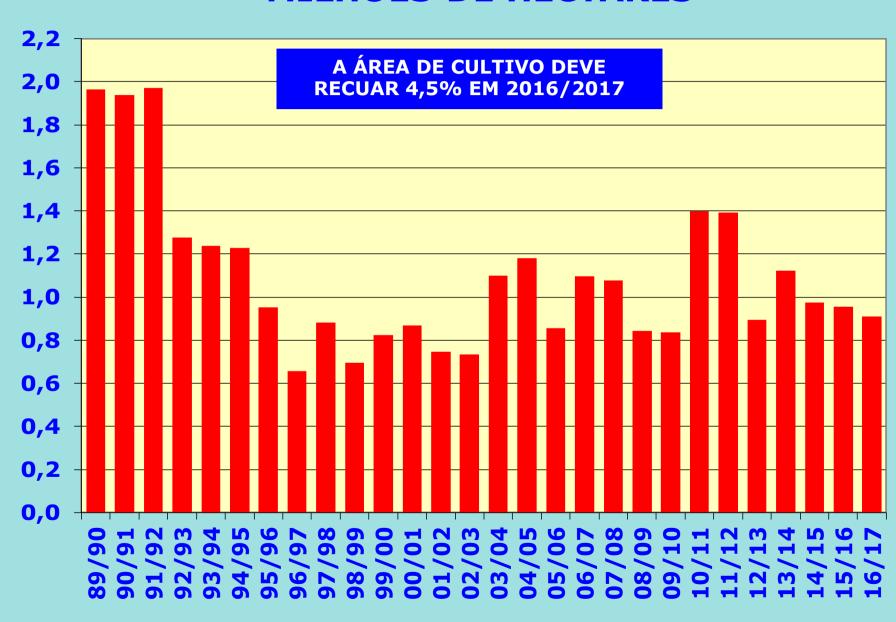




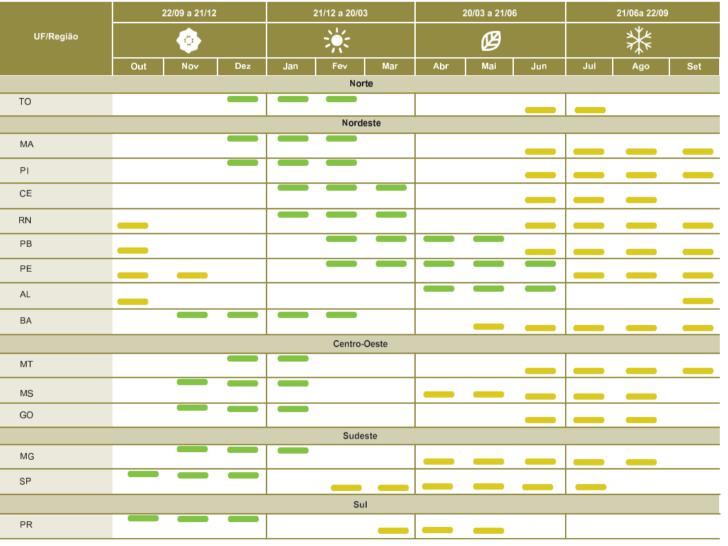
ALGODÃO EM PLUMA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS BASE PLUMA

ANO	ESTOQUE	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE
SAFRA	INICIAL	PLUMA	PLUMA	TOTAL	TOTAL	PLUMA	PASSAGEM
1982/1983	460,7	586,3	2,4	1.049,4	556,7	180,2	312,5
1983/1984	312,5	674,5	7,8	994,8	555,2	32,3	407,3
1984/1985	407,3	968,8	20,5	1.396,6	631,4	86,6	678,6
1985/1986	678,6	793,4	67,4	1.539,4	736,6	36,6	766,2
1986/1987	766,2	633,4	30,0	1.429,6	774,7	174,0	480,9
1987/1988	480,9	863,6	81,0	1.425,5	838,0	35,0	552,5
1988/1989	552,5	709,3	132,1	1.393,9	810,0	160,0	423,9
1989/1990	423,9	665,7	86,1	1.175,7	730,0	110,6	335,1
1990/1991	335,1	717,0	105,9	1.158,0	718,1	124,3	315,6
1991/1992	315,6	687,1	167,8	1.170,5	761,6	33,8	375,1
1992/1993	375,1	420,2	501,2	1.296,5	829,6	7,4	459,5
1993/1994	459,5	483,1	367,3	1.309,9	836,6	4,3	469,0
1994/1995	469,0	537,0	284,3	1.290,3	803,7	52,5	434,1
1995/1996	434,1	410,1	472,0	1.316,2	829,1	1,6	485,5
1996/1997	485,5	305,7	438,5	1.229,7	798,7	0,3	430,7
1997/1998	430,7	411,0	334,4	1.176,1	782,9	3,1	390,1
1998/1999	390,1	520,1	280,3	1.190,5	806,5	3,9	380,1
1999/2000	380,1	700,3	299,9	1.380,3	885,0	28,5	466,8
2000/2001	466,8	938,8	81,3	1.486,9	865,0	147,3	474,6
2001/2002	474,6	766,2	67,6	1.308,4	815,0	109,6	383,8
2002/2003	383,8	847,5	118,9	1.350,2	830,0	175,4	344,8
2003/2004	344,8	1.309,4	105,2	1.759,4	903,4	331,0	525,0
2004/2005	525,0	1.298,7	37,6	1.861,3	945,9	391,0	524,4
2005/2006	524,4	1.037,8	81,6	1.643,8	983,4	304,5	355,9
2006/2007	355,9	1.524,0	96,8	1.976,7	990,0	419,4	567,3
2007/2008	567,3	1.602,2	33,7	2.203,2	995,3	532,9	675,0
2008/2009	675,0	1.213,7	14,5	1.903,2	1.004,1	504,9	394,2
2009/2010	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
2010/2011	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
2011/2012	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
2012/2013	470,5	1.310,2	17,4	1.798,1	920,2	572,8	305,1
2013/2014	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
2014/2015	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
2015/2016	349,1	1.288,8	25,0	1.662,9	720,0	780,0	162,9
2016/2017	162,9	1.421,4	50,0	1.634,3	750,0	700,0	184,3
VAR. 2016/2015	-20%	-18%	1090%	-17%	-12%	-7%	-53%
VAR. 2017/2016	-53%	10%	100%	-2%	4%	-10%	13%

ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL MILHÕES DE HECTARES



ALGODÃO CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA





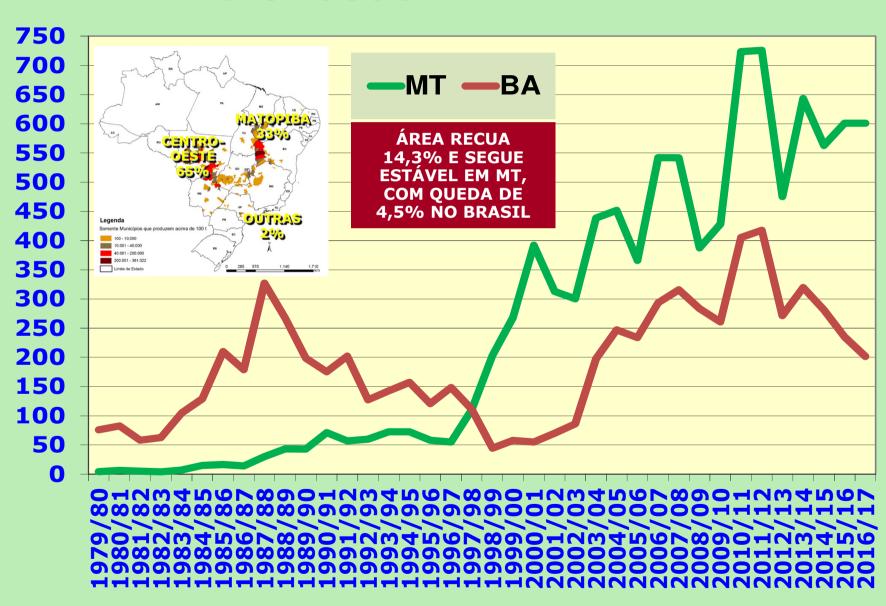
P = PLANTIO

C = COLHEITA

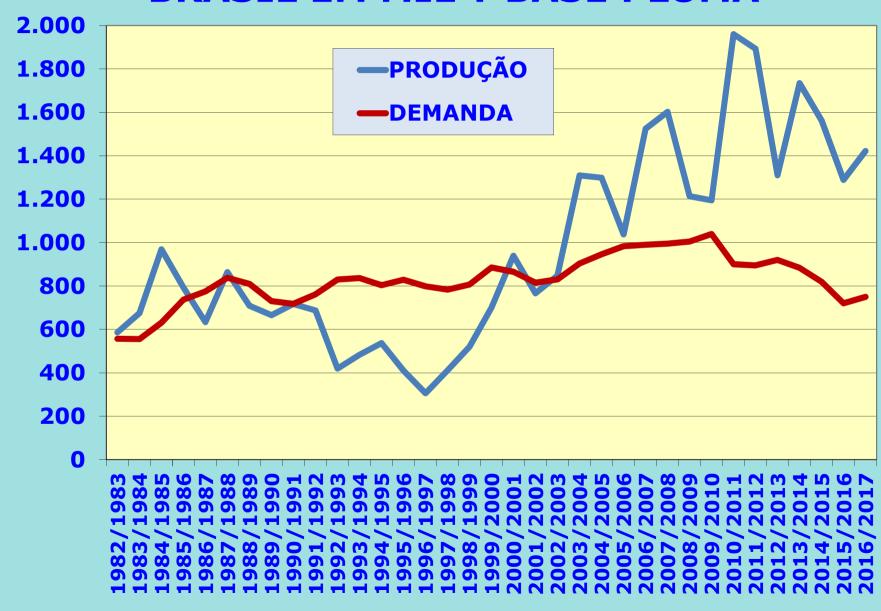
P/C = PLANTIO E COLHEITA

Legenda: Plantio Colheita

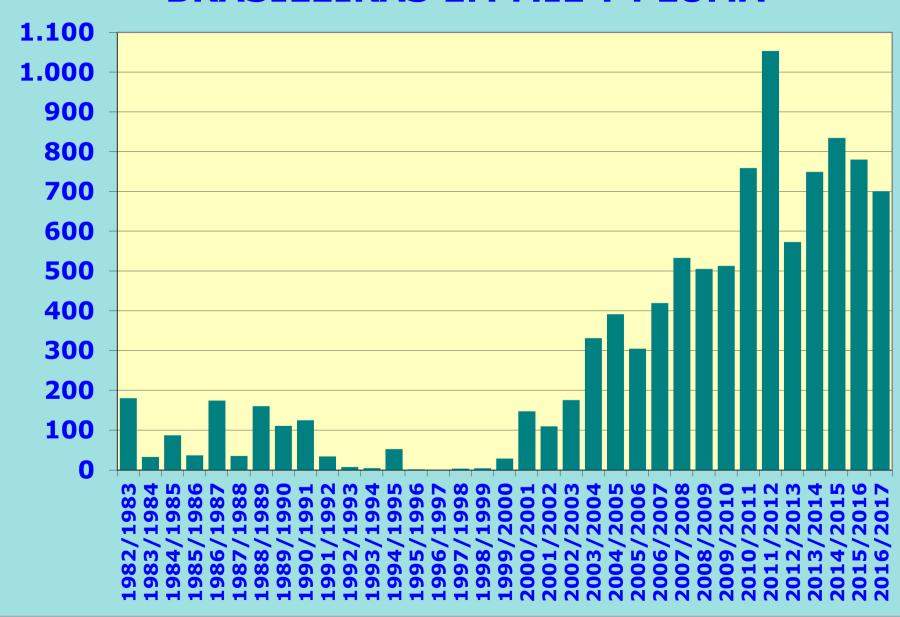
ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO NO MATO GROSSO E BAHIA - MIL HA



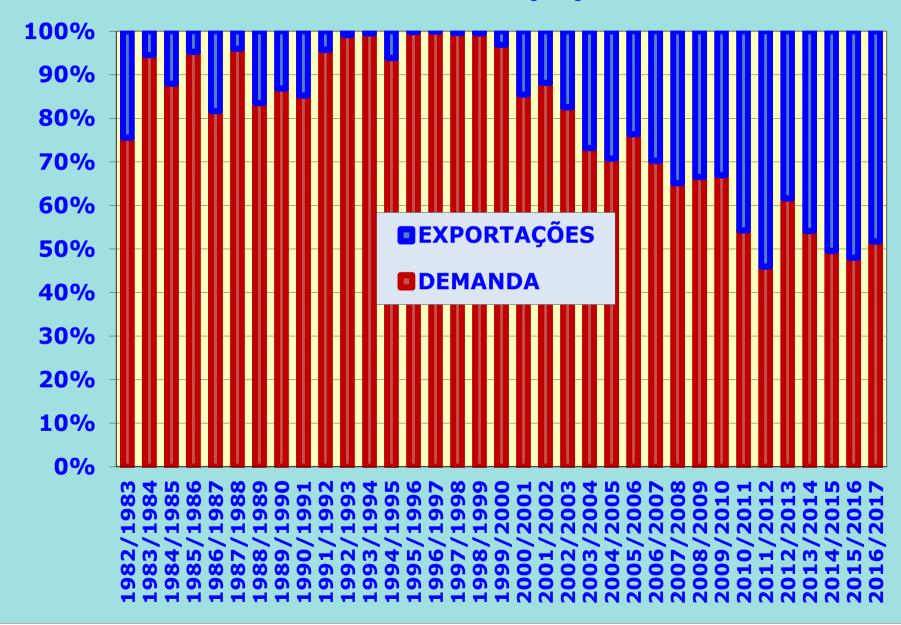
ALGODÃO: PRODUÇÃO X DEMANDA BRASIL EM MIL T BASE PLUMA



ALGODÃO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MIL T PLUMA



ALGODÃO: DEMANDA INTERNA x EXPORTAÇÕES NO BRASIL (%)













<u>www.carloscogo.com.br</u> <u>consultoria@carloscogo.com.br</u>

Fone: +55 51 3248.1117 Cel: +55 51 99986.7666



